

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO BROMBERG

LUTO COMO UMA CRISE FAMILIAR:
UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA E
PREVENTIVA



DOUTORAMENTO: PSICOLOGIA CLÍNICA

PUC - São Paulo
1992

QUINTA SESSÃO

M vem sem os filhos e inicia a sessão contando que eles haviam viajado para a praia, a convite da avó paterna. A família toda havia faltado na sessão anterior, pois M ficou retida a trabalho.

T Quer dizer, você veio só ?

M Eu tentei, mas aí apareceu... sabe, é férias, apareceu viagem... e o Fo já tinha dito que não vinha mesmo.

T Independente de outro fator ?

M E', de outro fator. Ele falou: "Mãe, você exigiu de mim que eu fosse lá e dissesse que não ia mais e eu fiz". Porque nas primeiras vezes ele veio assim... mas depois ele já...ele não queria vir mais e eu insistindo, parece que umas três vezes seguidas, eu impondo, não era nem insistir mais. Até que na última vez a CoT falou, eu falei para a CoT: "Eles não querem vir mais", e ela falou: "Fala para eles virem, pelo menos para dizer que não vem mais". Ele falou: "Você falou que era para eu ir lá e falar, eu falei, então eu não vou mais!".

T Hum, hum.

M Aí eu peguei e falei... concordei, porque no fim era o que nós havíamos combinado mesmo, não é ? E a Fa falou: "Ah, mãe, se você insiste, eu vou, tudo bem, mas eu acho que não somos nós, quem está precisando mesmo é você". Aí, quando foi ontem, eu falei mas apareceu essa viagem, ela ligou para mim no serviço: "Mãe, você não vai me deixar ir só por causa da terapia, não é ?" e eu falei: "Está bom, pode ir, vai e eu vou lá conversar. "Aí sai do serviço

e vim aqui.

T Na semana passada ela teria vindo com você ?

M E', ela teria vindo, se eu tivesse tido condições de vir. Ela falou que viria na semana passada, ela falou: "Olha, mãe, eu acho que não somos nós, você é que está com problema, não somos nós", e eu falei: "Como é que você pode ter tanta certeza disso ?", porque está me assustando toda essa segurança deles.

T Você acha que não é real ?

M Eu não sei ... eu acho que eles estão assim... o P sempre foi muito exigente, ele era ponderado mas ao mesmo tempo ele tinha voz ativa, por uma nota eles morriam de medo, Nossa ! Se viesse uma vermelha, não era para contar para o P, senão o P brigava, não que batesse... quer dizer, eles contam que uma vez o P pegou os dois e deu uma surra no banheiro. Eu não lembro, mas marcou para os dois. Marcou demais para os dois, mas eu sinceramente não lembro mesmo de ter acontecido isso e eles... não sei... estão muito decididos.

T Como se eles saíssem de seu controle ?

M Sabe... é... eu inclusive a respeito da viagem, eu estava protegendo, pondo obstáculos, sabe, porque eles foram para M. com minha sobrinha de vinte e três anos, que estava desempregada, com um sobrinho que também está desempregado, de dezanove anos, então foi junto minha sogra e tal, mas a minha sogra vem embora no final de semana.

T E eles ficam lá ?

M E eles ficam lá a semana inteira e eu... o fato de eles ficarem, eu estava botando obstáculo e tal.

T Sei...

M E eu falei: "Vocês pensaram em mim em algum instante? Que eu vou ficar sozinha?" e eles: "Claro, nós estamos pensando em convidar não sei quem para ficar com você, para dormir com você", são pessoas que eu não tenho contacto há meses. "Ah, nós vamos ligar para Fulana, para Ciclana, quem sabe uma delas vem dormir com você". Quer dizer, eles já estavam arrumando, já estavam contornando a situação. Eu sempre fui muito dependente, insegura, é uma questão... em solteira e depois de casada...fui insistindo no serviço, fui insistindo no trabalho, de trabalhar até quando o Fo nasceu, as crianças foram programadas, foram crianças assim que... "Está na hora de ter um filho, então vamos ter um filho", só que o Fo é que veio com antecedência, porque o Fo foi assim, quando eu resolvi ter filhos, da Fa, que eu engravidei, eu demorei de seis para sete meses e foi aí que nós fizemos as contas assim que no mês de abril eu ia parar de tomar a pílula, até engravidar a Fa ia estar maiorzinha, com uns dois anos, até a criança nascer a Fa ia ter uns três anos.

T Hum, hum.

M E eu parei de tomar a pílula no mês de abril, no mês de maio eu engravidei. Quer dizer, foi aquela surpresa. Foi surpresa porque foi programado, mas não esperávamos que ia ser tão rápido.

T E' uma coisa que não dá para programar desse jeito.

M E' (ri, concordando com a observação de T). Então foi aquele... foi uma gravidez muito difícil, que inclusive com sete meses eu já fiquei de licença em casa, repouso absoluto, para chegar até o no-

no mês de gravidez. O Fo foi uma criança muito doente, de pequeno. Ele... ele quase se afogou. Depois, ele tinha...vivia caindo, levando tombos e até no rosto assim ele tem umas três marcas no rosto (indicando as têmporas e testa).

T Ele era molinho ?

M Não, ele, muito pelo contrário, era esperto demais, até que com onze meses já andava, não falava. Ele veio a falar com dois anos e alguma coisa assim, foi que ele veio a soltar mesmo a língua. Mas se distraía um segundo, ele já estava querendo, chorando direto porque queria colo. Foi uma criança que deu muito trabalho. Depois, com dois aninhos, em questão de um mês ele quase se afogou, porque eu e , nós estávamos em um sítio, em pleno dois de dezembro, chegando no sítio o tempo mudou, um frio que ninguém esperava, era dezembro, aí o P estava jogando bola, nós estávamos num parquinho, a piscina, os três conversando até que veio uma quarta pessoa e falou: "Puxa, realmente não esperávamos esse final de semana assim, esperamos o ano inteiro", porque é a turma dos maridos, eles são doze e quatro eram da época de faculdade do P. Então, no que me distraí para olhar a moça, as crianças passaram, a Fa e o Fo, para o lado da piscina e eu, olhando para cima, não vi. E nisso foi coisa de segundos, a Fa falou assim: "Mãe!" e eu olhei e falei : "O que foi, filha? Eu não vi você passar", ela fez: "Olha a piscina!" e o Fo estava boiando.

T Hum, hum.

M Porque nós não escutamos, eu não escutei barulho de ele cair, nada. Aí consegui pegá-lo e foi aquele susto. Meu marido... ele...

na época... depois até que ele melhorou bastante, depois que nós fizemos Encontro de Casais mas é que eu estava olhando e o que eu estava fazendo que não vi ?

T Você percebeu que é exatamente isso que está acontecendo agora ? Seus filhos estão indo para a praia e você está pensando se está olhando direito.

M E', e' exatamente isso. Então eu falei: "Puxa, nem chance de ir ao banheiro eu tenho, porque você fica conversando com seus amigos e... as crianças... eu olhei para a S., ela conversou e eu não vi eles passar para o lado da piscina". Então naquele espaço, tinha um mês e o Fo teve problema de afogamento e quando foi no sábado à tarde eu falei: "Vem se despedir da vovó", ele foi correndo, escorregou, bateu no degrau, levou quatro pontos na testa. Quando foi no outro final de semana, dez dias depois, ele estava com uma gripe terrível, aí deu febre, não passava a febre, então eu peguei eu marquei consulta no pediatra, às três horas da tarde e comentei com a enfermeira; "O Fo está com febre, dou Novalgina, não passa, como eu já dei de manhã, estou com medo de dar de novo, então eu queria que você marcasse na primeira consulta", e ela falou: "O Dr. A. está aqui às três horas", e eu pedi para marcar. Quando foi uma e meia, deu convulsão nele.

T Hum, hum. Da febre ?

M E', da febre. Bom, aí comecei o tratamento dele, até os 5 anos e meio foi tratado da convul... nunca mais deu. Graças a Deus nunca mais deu! Mas sempre foi aquela criança assim, sabe, fazia birra, eu tentava contornar, o medo de dar um... ele estava sob remédio,

aquela coisa toda, não é, mas...

T O que ele tomava ?

M Gardenal.

T Foi feito um Eletro?

M Foi.

T E deu alguma coisa ?

M Acusou... acusou um mínimo na época, que eu passei por três neurologistas e os três disseram que era para ele tomar o Gardenal e ele tomou até os cinco anos e meio, quase seis anos.

T E você fêz o controle do Eletro anual ou semestral ?

M Fiz o anual até quando ele terminou, terminou com cinco anos e oito meses, ele parou com o último Eletro, o neurologista disse que aí passou a dar.. tomava um dia, descansava dois.

T Para ir tirando ?

M Para ir tirando. Aí, depois com sete anos a dentista falou: "O Fo precisa ir para um ortodontista", porque ele estava com o maxilar que dava para encaixar um dedo. Aí foi quando fui para o Hospital dos Defeitos da Face e aí comecei, de quinze em quinze dias levava o menino lá, por causa do negócio do aparelho e foi assim até o ano passado. Até quando o P... no dia que o P faleceu, eu havia passado para a outra quarta feira a consulta do ortodontista e aí depois eu comecei a trabalhar e ele parou de ir lá.

T Não chegou a ter alta, então ? Interrompeu ?

M Interrompeu. Não chegou a ter alta. Então em questão de insegurança, eu sempre fui uma pessoa assim (suspira profundamente)... muito... não sei...

T Acho que dá para a gente entender um pouquinho isto que está acontecendo aqui, não é? Que criança faz as coisas num piscar de olhos, faz mesmo. Você tem dois filhos, você tem uma filha que não é assim e um filho que é assim... olhou para o lado e aconteceu alguma coisa! Só que parece que você está dizendo que quando tinha o marido, podia dividir com ele, não é?

M faz sinal afirmativo com a cabeça.

T Dividir a responsabilidade, a bronca... "O filho também é seu, você também não olha!", aquelas coisas todas que acontecem. Agora você está falando de como estas lembranças vieram. Você teve que tomar a decisão se ia deixá-los sair, o que seria um processo natural mesmo, para a idade em que estão, não é?

M E'...

T De agora para a frente, principalmente a Fa vai puxar esse trenzinho, não é? O movimento é muito mais para fora do que para ficar em casa. Isso aí não tem muito como segurar, iria acontecer, você tendo marido ou não tendo marido.

M E' tão cedo!...

T Isso iria acontecer mesmo. Quer dizer, acontece paulatinamente. Ela está falando de uma viagem para a praia aqui, com a família. Não está falando de ir para a África sozinha. Sabe, é um movimento de independência que ela iria fazer mesmo. E é muito natural, para ir iniciando, que seja com alguém da família e o Fo vai atrás.

M Ela quis, ela quis ir com colegas, eu é que cortei e não deixei.

T Sim, porque ela vai querer ir mesmo, aí eu acho que é uma coisa importante para você ver com eles, quando eles falam que é para

você vir sozinha que o problema é só seu, é importante ver que o problema é de todos, porque não se trata de sua dificuldade em estabelecer as regras e fazer com que eles cumpram, ou de suas dificuldades emocionais em viver a perda. O problema está em como vocês três vão se organizar para viverem os três. Não é uma questão de ser só você quem sofre e eles não, mesmo porque me parece que eles também estão. Uma coisa é estar mostrando para eles o que se faz aqui e o benefício que podem tirar da terapia é vocês se organizarem de uma forma que funcione melhor para vocês e que permita a eles fazerem as coisas deles, naturais da vida deles, dentro de certas regras.

M E' (concorda, mas está pensativa).

T Eu entendo que você se sinta sobrecarregada com essa responsabilidade, principalmente se você se diz uma pessoa insegura e que tinha um marido que segurava as pontas, não é ?

M E'.

T E' mais difícil, sem dúvida, você estar tendo que segurar as pontas sozinha. Ai é um problema que afeta a todos, então, como é que se resolve ?

M Não só por insegurança, mas também porque ele... como minha sogra outro dia veio... encontrei uma vizinha que disse: "A Dona N. está preocupada com você, você está trabalhando..." e eu falei: "Não, mas está tão bom trabalhar!" e ela falou: " Foi o que eu falei para ela, foi um achado você estar trabalhando, você conseguir esse emprego", e ela (a sogra) disse: "E' porque, está vendo, a M podia ter ajudado nas despesas da casa, mas o P poupava ela de-

mais...". Não sei se a palavra era mesmo "poupava".

T Hum, hum.

M Não, não! Porque se fosse poupar, eu estaria com mundos e fundos, eu estaria com tudo o que realmente gostaria de ter, eu ficava juntando três meses para comprar uma calça e quando chegava na hora de comprar, a calça já tinha até aumentado.

T Hum, hum.

M Então, aí no caso não é... eu não quis esticar o assunto porque eu falei: "Não é com ela que eu vou conversar a respeito" e falei para ela: "E', ele me poupava, não queria que eu trabalhasse" e encerrei o assunto ali. Mas depois, fiquei pensando e se fosse dizer poupar, não é palavra certa, sabe ?

T Hum, hum. Que palavra você usaria ?

M Eu... eu usaria assim... como na hora de dirigir. Ele não confiava em mim para dirigir. E' que eu batia o pé, eu falei: "Eu vou, eu vou conseguir!", tanto que quando eu passei no primeiro exame que fiz, ele... eu fiquei sem pegar o carro até fevereiro, eu tirei a carta dia dezesseis de outubro e nunca mais peguei no carro. Só que aí, quando chegou fevereiro, a perua da escola da Fa aumentou barbaridade e foi quando ele falou assim: "E'... já que você está com a carta na mão, por que não usá-la?". Foi quando ele realmente me deu apoio, mas para mim chegar nesse apoio, precisei brigar.

T Parece que foi numa situação de necessidade...

M De realmente necessidade mesmo. Tanto que para ir ao mercado, aí ele passou a deixar eu ir ao mercado, mas ele ficava assim... ele tinha tanta inseg... ele passava para mim essa insegurança, porque

ele ficava assim: "Chama teu pai para te acompanhar. Chama teu pai para ir ao mercado". Meu pai mora no Brás, eu ia para o Carrefour, meu pai do lado, entende? Até que um dia, eu falei: "Não vou chamar meu pai, vou para o Carrefour sem meu pai". Então, durante dois anos, o meu passeio era ali, o que eu dirigia era escola, mercado, o mais distante que eu ia era a minha mãe, no Brás. Imagina pegar o centro da cidade? de jeito nenhum, não era para fazer isso de jeito nenhum. Ai então, ele passava aquela... aquela insegurança... eu já tinha dele e tinha que lutar para mostrar e conseguia. Só que do lado dele eu não conseguia dirigir. Era incrível, eu não conseguia. Da minha casa à mãe dele eram três quarteirões; quando ele estava enfaixado, ele conseguia botar defeito em tudo: "Muda a marcha, faz isso, faz aquilo". Eu falava: "Quem está na direção? Eu ou você?".

T E quando seu pai está do seu lado, como é?

M O papai... ele... às vezes ele dava palpite...até hoje ele me acompanha nas viagens e tudo. Ele dá... ele é do tipo assim: "Cuidado, olha, filha, vem caminhão, dá uma distância", mas não é do tipo assim: "Muda a marcha!". O Fo está pegando isso porque ele ficou prestando atenção, ele pegou o carro em M. então quando ele chegou em São Paulo, ele veio com isso: "O mãe, você não vai mudar essa marcha?" e eu disse: "Eu vou, depois que terminar a subida, eu puxo a segunda". Então, ai não é coisa de dizer "poupar", eu acho que eu diria assim que é um machismo, que não era para eu estar lá fora trabalhando.

T Hum, hum. Agora observe só como isso permaneceu com você.

- M E', permaneceu...
- T Entre os vários legados, as várias heranças que você pode ter do seu marido, permanece essa. Porque ele não está mais ali do seu lado, falando da marcha.
- M E'...
- T Não estou nem falando de o Fo começar a fazer isso. Mas parece que ficou aí dentro de você essa mensagem : "Olha, você não é capaz. A decisão que você tomar provavelmente não será a certa".
- M Sabe, então...
- T E' uma questão de você botar na balança essa imagem que ficou e um outro fato que você está contando agora: "... aí eu fui lá e fiz, eu consegui, eu batalhei e fiz". Quer dizer, você tem isso, não é ? Você tem essa força, mas você também abrigou dentro de você essa fala dele e é essa fala que está te deixando insegura agora sobre o movimento das crianças.
- M Eu cheguei a procurar escola para fazer... porque na época do Secretariado, que nós namorávamos, eu abandonei o Colegial porque eu repeti Física, Química e Biologia, eu estava fazendo o primeiro Colegial e abandonei e comecei a fazer o Secretariado, porque eu trabalhava na firma V., inclusive onde eu o conheci, onde nós nos conhecemos, e eles passaram a dar bolsa de estudos para curso técnico. Então, eu deixei o Colegial, que eu fazia num colégio estadual, e comecei a fazer a Secretariado, que era particular, mas porque eu ganhava bolsa de estudos da firma. Então eu passei, porque eu sempre ajudei em casa, sempre era metade do ordenado para mim e metade para casa. Então, quando eu abandonei o Cole

gial, ele não queria de jeito nenhum, ele queria que eu fizesse Magistério, eu não queria e não fiz. Foi quando consegui entrar na N., sai da V. e fui para a N., foi graças ao secretariado, à taquigrafia que na época eu estava no auge. Então na época ele ficou frustrado porque ele tentou entrar na N. umas três vezes e não conseguiu e continuou na O., porque ele saiu da V. e foi para a O., só que na O. ele chegou ao grau máximo, até onde ele podia chegar.

T O que é O. ?

M É uma construtora. Só que na época em que ele foi para lá, era uma construtora que pegava quatro andares de um edifício. Foi em 1976, ele passou a ser o encarregado da parte administrativa da firma, ele pegou a firma nas mãos, ele estava no último ano da faculdade, era dezembro, ele estava fazendo Administração de Empresas. Então, em setembro faleceu o sr. G., que era Gerente Administrativo, então ele passou a ser o Gerente Administrativo em dezembro. E, de lá para cá, ele estacionou, ele não tinha mais para onde ir na firma, ele chegou no cargo máximo. Então, ele tentou entrar na N. por várias vezes, foi numa fábrica, na outra e não conseguiu. Ficou na O. até quando ele faleceu, ficou dezenove anos lá.

T Qual era a profissão dele ?

M Ele era Gerente Administrativo. Ele fez Administração. Então, quando chegou agora questão de uns quatro anos atrás, eu queria... não, mais! seis anos, eu quis fazer o Magistério, eu fui atrás da escola, eu e mais duas amigas, eu fui verificar se eu podia apro

veitar o currículo do Secretariado. Então, eu só não faria o primeiro ano, mas os outros três anos eu era obrigada a fazer. Eu não fiz, ele não deixou, deixou até eu dar o nome na escola e tudo, mas quando foi para começar as aulas ele falou: "Você não vai! Na época em que você tinha que estudar, na época em que era para fazer isso, você não foi, não vai ser agora que você vai fazer", e não deixou. Das três, só uma foi e terminou Pedagogia no ano passado. Ai, no ano passado, quando aconteceu com o P., o marido da que também não tinha deixado trabalhar nem estudar, este ano ele deixou, ela está trabalhando e estudando, porque ele falou que, de uma hora para outra, pode acontecer com ele o que aconteceu com o P e ela está preparada. Então, o P era assim; ele dava aquela cobertura de achar que... e eu falava para ele: "P., deixa eu tentar trabalhar, fazer alguma coisa aí fora", e ele falava: "Fazer o quê? Você já está há tanto tempo parada, o que você vai fazer aí fora? Vai ganhar o quê?". Eu cheguei a procurar escolinha para trabalhar como atendente e realmente o salário era salário mínimo, mas eu ia trabalhar meio período e não podia exigir mais do que isso, não é? E ele: "Imagina! Trabalhar meio período! Fica em casa!".

T E', acho que você está falando de uma coisa nova que está acontecendo com você, que é difícil você deixar aparecer, não é? Porque mexe muito na imagem que você faz dele. Você está falando do seu ressentimento, não é?

M E' verdade.

T E como é que a gente pode ficar ressentida por uma pessoa que mor-

reu, por uma pessoa que aparentemente te poupava ? Só que você está podendo ver isso de um outro lado, isso que parecia te poupar, na verdade te enfraqueceu, não é ? E agora você se sente despreparada para enfrentar uma série de coisas que você tem que enfrentar e você está jogando nessa conta aí. O sentimento que está vivendo é ressentimento, não é ?

M Eu... eu nem sei se é ressentimento, mas na verdade acho que é, eu fico me analisando...

T E' difícil sentir isso por uma pessoa que morreu.

M E'... Sabe, eu fico... eu falo: "Meu Deus do céu!", porque esta semana eu ouvi uma frase do Chico Anísio no Canal Treze: "A esposa, o filho... o filho que perdeu o pai... a dor é de seis meses, um ano... depois fica a saudade. Agora de um pai perder um filho, a dor não passa". Então, eu fiquei pensando, não quero dizer: "Vai ficar na saudade", mas também já não sinto aquele desespero, não sinto. Porque eu andava na rua chorando... eu andava, fazia assim (imita gesto com as mãos de secar lágrimas no rosto) para entrar numa agência e eu consigo me controlar agora. Sei lá...às vezes eu fico assustada... Eu converso com ele... sabe... eu fico assim: "Benzão, eu não quero te esquecer", mas por outro lado eu estou assim mais controlada, eu consigo conversar, eu consigo... Sabe, como hoje mesmo teve uma colega da agência que falou: "Por favor, M, eu estou com um passageiro na frente, preciso de uma informação urgente" e eu dei, aí quando foi dez para as oito ela ligou para agradecer e eu falei: "Desculpa, S., não dá para ficar conversando, eu tenho um compromisso", aí ela falou: "Lógico, maridão

esperando, com janta. Pessoal que é casado eu sei como é ". Ela não sabe de mim e eu na hora fiz assim: "Não, infelizmente não é isso, não. Eu vou tratar desse assunto, mas não é isso, não. Eu sou viúva". Eu consegui conversar, sabe ? Ela falou: "Ah, desculpa, M, eu não sabia. E' que você veio aqui, eu vi aliança na sua mão", e eu falei: "Não, tudo bem, não tem problema, não. E' que eu não me desprendi ainda". Eu conversei, eu consegui, sabe, eu acho que não... num tempo atrás eu procurava fazer assim : "Deixa para lá", e não falava, porque se eu falasse, ia começar a chorar em plena agência.

T E', eu acho que você trouxe uma questão importante. A gente já está prestes a terminar, mas eu quero ainda abordar isso com você: do que fica. O que fica quando você percebe essa mudança na sua reação, nas suas emoções, na sua forma de encarar seu marido, a memória dele. Alguma coisa vai ficar. Acho que este processo vai te ajudar a perceber o que é que vai ficar. O que fica ? Vai ficar a imagem de uma pessoa com uma série de características que você considera positivas, mas também vai ficar um pouco disto: "Puxa vida! Porque é que ele punha essa tampa em cima de mim, quando eu queria crescer? Isso me dificultou a vida agora!", também tem isso que compõe a memória dele. E quando você fala assim: "Ah, mas eu não queria que ficasse na saudade", é ainda você se apegar à figura dele, com um medo que a saudade signifique o vazio, não é? Mas eu acho que a gente está trabalhando muito no sentido de você construir essa lembrança, de uma forma que reflita a realidade para você, que seja mais saudável. Acho que isso tem a ver com o

que a gente falou na semana passada, sobre sua sogra não deixar você fazer seu processo de luto, porque você vai acabar fazendo à sua maneira.

M E', inclusive nesta semana teve uma senhora que nós fomos... é incrível, mas aí acontecem as coisas e eu acabo... por mais que eu queira fugir assim da... ela me ligou, eu cheguei nove e vinte da noite em casa, aí ela ligou: "M, fulano faleceu, o velório está sendo na Salete e vai ter uma missa de corpo presente às dez horas, dá para você ir?". Era muito amigo nosso e aí eu falei: "Ah, dona N., deixa eu jantar, que eu nem jantei ainda, acabei de chegar, daí eu vou aí, pego a senhora e nós vamos lá". Eu encarei, porque essa pessoa estava sofrendo tanto, tanto que na verdade agradeceu: "Obrigada, Senhor, por ter se lembrado dele", porque ele estava sofrendo assim muito mesmo. Então, eu estava ali, mas não estava assim com aquele desespero, com aquela vontade de chorar, porque para mim saber que ele faleceu foi um descanso.

T Quer dizer, você pode até entender que a morte pode ter esse significado, a morte não é só a retirada de uma pessoa, mas pode ter esse significado diferente.

M Então! E aí teve uma pessoa que chegou para mim e falou: "Puxa, você está com uma carinha ótima!" e a minha sogra retrucou na hora: "Nossa, ela está num velório e você está achando que ela está com uma cara ótima!". Ela falou: "Não, ela está sim. Ela está com uma fisionomia melhor, a gente não vê mais na M... ela está voltando a ser o que ela era". A minha sogra levantou e saiu.

T Aí você pensou naquilo que a gente falou?

M Pensei. Ela levantou e saiu. Ela... Eu acredito que quando a B. veio falar foi porque ela me conheceu antes, nós trabalhávamos na empresa juntas.

T Pode ser mesmo que você estivesse com uma fisionomia melhor, apesar de estar em um velório. Fique atenta porque você vai enfrentar essa dificuldade de sua sogra superar o luto. Vamos terminar? CoT não veio hoje, porque pediu uma semana de férias, ela estará aqui na próxima semana.

M Está bem.

(Despedem-se e saem. M está visivelmente mais tranquila, aparentando certa alegria).

ANALISE DA QUINTA SESSAO

M vem sem os filhos, que tinham viajado para a praia. Seu relato traz muito da atitude em relação a si, com baixa auto-estima, que começa a poder ver na relação com P, o qual a impedia de muitas realizações, o que ela acatava com ressentimento.

T fez tentativas de fazer com que M veja a transposição para a realidade atual dos comportamentos estabelecidos na relação com P. Ou seja: cuida dos filhos ainda como se não fosse capaz de fazê-lo bem, como P apontava. Ainda trabalhando na realidade atual, aborda a falta de alguém com quem compartilhar a função parental, mesmo que complementarmente. Para M, o movimento de crescimento dos filhos assume tons de perda com muito maior intensidade do que poderia acontecer dentro do esperado com pais de adolescentes. Quando P era vivo, M precisava ser "monitorada" em seu crescimento, como, por exemplo, para dirigir. Hoje, ela tenta "monitorar" os filhos como se pudesse ser culpada por qualquer evento.

T busca também mostrar a M seus recursos próprios, que ela mesma reconhece ter, porém não utiliza, ainda que timidamente como fazia quando P era vivo.

Há sinais evidentes de mudança de M em sua relação com P morto. Essa mudança provoca angústia, porque ainda está em processo, não tendo se definida totalmente. Quando diz, em seu monólogo com P: "... eu não quero te esquecer, mas , por outro lado, estou assim, mais controlada...", capta claramente esse momento do processo. Juntamente

com esse tópicO, ela traz comentários sobre estar com boa aparência, o que ao mesmo tempo a constrange e alegra . E' uma forma de ambivalência que apenas retrata a ambivalência que marcava sua relação com P, o que é, sem dúvida, um complicador, pois alimenta o ressentimento.

O processo terapêutico encontra-se, então, em uma transição entre expressar a dor pela perda e iniciar a percepção da realidade com a perda. E' um momento delicado, pois implica em uma situação muito semelhante a um limbo, onde antigas realidades estão sendo revistas e avaliadas, sem que a dor tenha deixado de existir, pois precisa ainda se compor com os demais sentimentos presentes no momento. Neste caso, o que prevalece é o ressentimento, a revolta de M ao perceber que a submissão que escolheu não garantiu a vida do casamento e, além disso, ainda colocou em risco sua identidade como pessoa. O movimento de autonomia dos filhos poderá ser melhor trabalhado, à medida em que M perceber o quanto é justo e necessário seu próprio movimento de autonomia e crescimento.

SEXTA SESSAO

M Eu estou meio preocupada com a criançada.

T Por que ?

M Eles ligaram: "Mãe, amanhã a gente liga", aí eu falei: "Não, amanhã eu vou na psicóloga", e eles: "Você falou que a gente não vai mais, não é ?", Eu falei: "Bom... quando vocês voltarem a gente conversa". Quer dizer, bom, o assunto morreu ali.

T Hum, hum.

M Mas... sei lá! Vamos ver o que eu vou conseguir na semana que vem. Na semana que vem eles voltam.

T Eles estão gostando ?

M Disse que até ontem estava muito bom, mas ontem começou a chover, ontem à tarde e com a chuva eu acho que vem mais frio, não é? Falaram que estava muito frio, mas que enquanto não estava chovendo, estava bom. E o Fo tem uns coleguinhas lá que vão jogar bola, sabe, e a Fa com o baralho, tem mania de baralho, e tem aquela turminha que joga truco e tudo.

T Dá para jogar até na chuva, não é ?

(M concorda, rindo).

T E é nesta semana que eles estão sem adultos lá ?

M E' nesta semana. Estão só com a prima, os dois primos, um de vinte três e o outro de vinte um.

T São meio adultos, já.

M Se bem que eu falo que a Fa tem mais juízo que a menina de vinte e três! Mas eles estão lá, na certa estão bem.

- T E sobre essa questão de eles virem, como é que você está pensando sobre isso? Você julga necessário? Importante? (T está verificando se M facilita ou dificulta a elaboração do luto dos filhos).
- M Eu encaro como uma fuga, sabe? Eu não sei, estou encarando assim. "Ah, mãe, nós vamos lá falar do papai?". Sabe, eu estava pensando outro dia que eu acho que eles estão querendo fugir do problema. Olha a Fa falando: "Você é que precisa, você sabe", e eu falei: "O que faz você achar que eu é que preciso?" e ela: "Ah, você fica chorando pelos cantos". Aquela... aquela certeza, sabe? Aquela coisa firme. Eu falei: "Será que sou eu? Será que vocês não estão precisando mais do que eu agora?" e eles "Eu não vou mais e pronto!", e eu falei: "Vamos ver na semana que vem o que é que eu consigo".
- T Hum, hum. Quer dizer que você entende isso como uma fuga, que seria necessário eles virem?
- M Eu encaro assim. Eu encaro como uma fuga porque eles estão falando do pai o mínimo. Domingo mesmo, quando minha sogra veio para São Paulo, eu... eu liguei lá no prédio, para falar porque a avó tinha vindo. E aí eu falei: "Vocês estão lembrando que dia é hoje?" e eles: "Lembramos, mãe, lembramos", sabe? Só...
- T Foi aniversário de mês?
- M Foi, foi um ano e um mês... então... "Lembramos, mãe, lembramos", e só, mais nada e... quando foi... não sei se o fato de eles não estarem aqui, foi super difícil este final de semana. Eu queria... não sei... acho que saudades deles, saudades do pai... acho que juntou tudo, não é? Eu trabalhei até uma hora da tarde, quer di-

zer... tive ocupação. Cheguei em casa, ainda tinha coisa para fazer da semana, que eles tinham deixado e eu fui organizar e tal, mas...no sábado à noite...

T Muita saudade...

M Nossa! Foi assim, chegou a dar aquele desespero de saudade... saber que não tem volta... aquela vontade de conversar, de abraçar, não sei... de ver... não sei... Foi bem difícil! Eu, inclusive, no domingo de manhã acordei às sete e vinte então eu brigava comigo mesma, não queria pensar no assunto. Eu olhava no relógio, eram nove e trinta, eu pensava: "Ah, nove e vinte, se ele tivesse falado para mim, na hora que vi ele levantando assim bruto do sofá... se eu tivesse insistido... se eu tivesse conseguido levar ele...". Então, sabe, aquela coisa assim de "se", não é? Mas aquela história... a única coisa que não se tem jeito é a morte, então ficou só naquilo: se eu tivesse levado. Eram nove e vinte a primeira vez que eu achei que ele não estava bem. Eu vim saber que ele sentiu uma forte falta de ar depois que ele morreu... porque eu estava descendo a escada e ele... deu aquela levantada assim bruta do sofá e eu falei: "P, você está bem?" e ele falou: "Calma, benzão, calma! Desse jeito, não posso me virar que você...", e eu falei: "Está bom!" e fui para a lavanderia. Ele tinha que anotar tudo o que ele sentia porque ele estava com o Hollter.

T Hum, hum.

M Então, quando eu fui para a lavanderia, ele pegou o papelzinho e falou assim: "Anota aí: das sete e trinta às nove e vinte cinco horas, sentado assistindo o filme". E eu ainda estava aguardando

ele escrever e fui para a lavanderia... e nisso, do lado, ele escreveu "nove e vinte, senti uma forte falta de ar", eu não vi isso, eu vi depois que ele foi para o hospital, que eu fui pegar uns dados assim para levar para o hospital, eu li, quer dizer... sei lá...

T Quer dizer, você está repassando o filme ?

M Foi... É incrível, por mais que eu... eu brigava comigo mesma, sabe, eu... : "Não, você não pode, você tem que mudar o pensamento, não pode ficar assim". Eu mesma me via e me falava.

T Sabe porque eu acho que você não conseguia mudar o filme? Porque você ficou repassando aquela história do : "Se eu tivesse feito o que não fiz?", não é? Quando você sabe muito bem que, se você tivesse feito o que não fez, dificilmente teria mudado o fim desse filme. Você até sabe disso, no estado em que ele estava, pouco seria possível, parece que nada teria sido possível, mas você está se cobrando isso, pensando que poderia ter mudado a situação (T apresenta a realidade, para contrastar com o pensamento obsessivo).

M É', acho que é por aí mesmo que eu fico... Eu fui almoçar nos pais dele, porque a minha sogra chegou de viagem e me convidou. Eu disse: "Não, vou ficar aqui mesmo. Trouxe serviço para casa", ela insistiu e eu fui, não toquei no assunto de ser o dia, nada, a não ser na hora de ir embora que aí ela falou: "Ah, marquei a missa para amanhã" e eu falei: "Mas é hoje!" e ela falou : "Mas eu marquei para amanhã". E eu falei: "Não! Não conte comigo, que eu já fui hoje e já fiz minha intenção do dia, eu não vou", e ela

falou: "Ah, está bom", e não se falou mais nisso.

T Parece que você está conseguindo dizer para ela que você tem seu jeito de lidar, não é ?

M Isso, isso! Mas ali mesmo eu estava brigando comigo, porque tinha um cantinho ali, que ele almoçava sempre naquele canto e eu ficava desviando os olhos, sabe? O irmão dele estava sentado ali e às vezes eu via ele sentado e dizia para mim: "Para com isso!", eu mesma me chamava atenção, me corrigia. Então, almocei rapidinho na cozinha e, como tinha levado serviço, falei: "Ah, vou ter que terminar um serviço lá", então ajudei a arrumar a cozinha rapidinho e fui para casa.

T Se você não estivesse pensando nele nesse dia, em quê você estaria pensando ?

M Não sei, talvez nos problemas do dia-a-dia, do serviço, da casa, as contas, porque no domingo, principalmente, eu pego a agenda para ver o que é que eu tenho naquela semana, o que eu tenho que acertar, o que vai vencer, então, no domingo, eu sempre boto as coisas assim. Como na semana passada, isso mexeu demais comigo! Na sexta-feira, o juiz deu autorização para receber o Fundo de Garantia, então eu fui dar entrada, mexer na papelada, peguei a carteira profissional dele, toda a papelada da firma, para levar para o banco. Então, no domingo, eu procuro... eu saio muito, vou muito no clube com o Fo, porque a Fa não vai quase. Talvez agora que vai começar as Olimpíadas ela volte a frequentar. Mas o Fo é que está bem enturmado lá no clube pertinho de casa. Ele está no campeonato de futebol e no de boliche, tudo na faixa dele, não é ? Acho que

até doze anos ele está como goleiro; depois, na faixa de doze a catorze anos ele está na linha. De segunda, de terça e de quinta ele está lá no clube, que agora com as férias ele está fora, mas de terça e quinta ele tem futebol, de quarta e sexta à tarde ele tem boliche, no sábado e no domingo tem disputas, então eu vou, vejo os jogos dele, mas procuro também... É que eu vou e tem aquele: "Como é que você está?" e eu tenho que ficar; "Vamos indo, vamos indo". Sabe, como na bocha, eu é que jogava, na época com o P vivo, porque trabalhar ele não deixava. Eu acho que na semana passada eu ainda comentei que eu não concordava de dizer que ele me poupava, mas acho que era mais super-proteção de que ele tinha que dar conta porque ele tinha feito eu parar de trabalhar, então ele tinha que dar conta do recado, para ele dizer que eu não podia trabalhar.

T Quando a gente viu isso na semana passada, da "super-proteção" como você está chamando agora, ou do "poupar" que você falou que não era bem poupar, ficou muito claro que, hoje que você se organiza no domingo para administrar a semana, seus compromissos, dar conta de seu trabalho em casa e fora e tudo o mais, quer dizer que você não é uma super-necessitada para ser super-protegida, não é? Mas você sentiu falta de se desenvolver mais... e agora você sente essa falta, agora você vê essa nova feição, o que parecia ser mudado, você está podendo ver que até que não era tão positivo assim para você (T, aceitando a queixa, clarifica os recursos de M).

CoT E como a gente estava conversando na semana passada, quando você

fala que você não conseguia parar de pensar nele no domingo, você falou na outra semana que parecia que tinha uma coisa que te obrigava a pensar nele, não é, para que a figura dele não deixasse um vazio ali.

T Porque quando eu fiz essa pergunta "O que é que você faria, se não estivesse pensando nele?", eu estava pensando na realidade atual, nos problemas atuais e em como lidar com eles. E se você for considerar você está tocando a vida direitinho, não é? Estar preocupada com os filhos, como estar lidando com eles, de eles estarem crescendo, a independência que eles podem ter, é muito natural que você se preocupe com tudo isso, mas você está podendo cuidar da sua vida, dar conta do seu trabalho, não é? Quer dizer, se você não pensasse nas lembranças, você pensaria no presente.

M E'!

(M parece aliviada, ao concordar com as palavras de T).

CoT E' que tem cobranças de fora também, não é? Tem a mãe dele, no clube, quando as pessoas te perguntam como você está, isto tudo te remete a como você está em relação ao P.

M Isso! Foi tudo assim muito de repente...justamente porque ele não deixava trabalhar, então eu evitava... as crianças iam para a escola à tarde, eu ia para o clube de terça e quinta, jogava bocha à tarde, tinha serviço de banco. Até um tempo atrás, ele fazia de tudo, mas aí ficou com problema de garoto, de "boy" lá na firma, então às vezes alguma coisa da firma ele trazia, eu ia na Caixa Econômica para acertar o apartamento onde moro agora, então eu ia e acertava alguma coisa que tinha da turma lá do serviço, que tra-

ziam para acertar. Já há uns dois anos que eu estava fazendo o serviço de banco todo. Eu ia e preenchia minhas tardes.

T Você se preparou, não é ?

M Eu preenchia minhas tardes indo para o clube. Quando eu ia para o clube, eu sempre tinha que fazer de um jeito que eu não podia gastar, mas também não queria ficar dentro de casa, para não ficar neurótica com limpeza, que eu ficava. Na época das férias da criançada, eu já estava quase neurótica com a limpeza, porque eu limpava e daqui a pouco já estava tudo sujo. Então, eu brigava e acabava fazendo, porque o pai ia chegar e eu queria que ele encontrasse tudo em ordem. Mas eu ia para o clube ou para a Prefeitura, fazia ginástica na Prefeitura, comecei a fazer natação, mas um pouco porque começou o inverno e acabei parando. Eu preenchia meu tempo, não é ?

T Parece que essa mudança que aconteceu fez com que você deixasse de ser uma filha mimada, a filha mais velha dele, que se ocupava dessas coisas, que ia ao clube, para que pudesse virar uma mulher da sua idade mesma, não é? Responsável... adulta...

M E', porque eu ... não sei, em respeito, eu tinha aquela coisa... se eu ia para o clube, o pessoal falava : "Vamos jogar mais uma partida! "e eu sempre dizia que não podia, eu ia pegar ele lá em Santana, então eu dizia: "Não posso! As seis horas tenho que pegar o P e o jantar tem que estar pronto!".

T Sim, você tinha suas responsabilidades.

M Na ginástica mesmo, tinha lá uma ocupação para sábado e domingo e eu não me comprometia para fazer porque ficávamos em casa, então

tinha aquele preparo todo da igreja, eu ia demais, participava demais. As vezes, eu fico pensando assim se não era uma fuga aquilo, sabe, porque no fim, ele mesmo brigava comigo porque ele era tesoureiro, ele tinha o cargo dele de ajudar, participar, ele tinha a reunião dele e aí acabava e eu não, eu estava pronta para tudo. "Pode deixar que eu venho, eu faço isso, faço aquilo", e às vezes até ultimamente, ele já estava até brigando comigo: "Escuta, só tem você naquela capela? Tem que dar um jeito, não é por aí, não. Você tem que deixar os outros fazerem também alguma coisa". Então, ele já estava... inclusive uns vinte dias antes de ele falecer, ele já estava meio adoentado, já tinha ido pela primeira vez no médico, que foi dia trinta de maio, foi uma quinta-feira e na sexta-feira eu tive reunião de liturgia e não sei qual foi o assunto que puxou e uma pessoa que é super conhecedora da Bíblia, a pessoa é fora de série em questão da Igreja, e não sei qual foi o assunto, ela falou assim: "Eu não aceito a morte, eu não estou preparada para isso, não aceito a morte!". As vezes, eu tento lembrar o que puxou e não consigo... aí eu falei: "Puxa, E., vindo de você eu me conformo de eu não aceitar". Aí, um seminarista que estava na reunião falou: "Vocês não podem falar assim", e eu falei: "Mas eu não aceito! Não aceito a minha morte e não aceito a morte de quem está ao meu redor! Meu pai há dois anos quando foi operado, eu... Nossa! Eu pensei que fosse dar um negócio em mim... desespero... o médico não veio da mesa de operação para dizer que estava tudo bem e até a hora que ele saiu da UTI e aquela coisa toda... para mim foi desesperador e eu não aceito, não aceito,

ainda não aceito!". E a reunião que costumava terminar às dez horas da noite aquele dia foi até as onze e dez, justamente porque eu levantei o... porque eu falei com tanta convicção de que eu não aceitava e eu falei: "Partindo da E., então eu aceito porque acho que ela tem anos e anos de liturgia aqui com vocês e eu estou engatinhando", e com isso fomos até as onze e dez da noite.

T Quer dizer que suas convicções religiosas não eram suficientes para dar um sentido para a morte, embora você fosse para a igreja, participasse muito das atividades da igreja, a convicção religiosa não era suficiente?

M Não era.

CoT Quando você falou que estava engatinhando ali, fico pensando: será que o que você não está aceitando é essa morte como filha do teu marido? Ele te poupava, super-protegia, assim como seus filhos estão fazendo quando saem de viagem e falam: "A gente vai deixar alguém para ficar aí", para cuidar dessa criança.

M E veja o paralelo que você fez também, nessa linha que a CoT está falando, com a ameaça de morte de seu pai, para explicar não e aceitar a morte, você falou de seu pai e a gente nem mesmo estava pegando isso de como você se coloca na relação como uma filha dependente. E veja como está difícil agora com os filhos você ser a mãe deles, não é?

CoT E como você está se assustando com a autonomia deles...

M Então, estou mesmo! Então, aí eu comentei com o P... porque às onze e dez ele ficou me esperando na rua e falou: "Vocês esqueceram da hora?" e aí eu comentei com ele: "Você não sabe, eu que fui a culpada da reunião ir até essa hora", e contei para ele e ele

falou: "Da morte eu não tenho medo, eu tenho medo de ficar entredado numa cama". Na hora, me deu aquele nó na garganta e disse: "Não fala besteira, vai! O médico falou que é um estresse e não vai passar disso!".

T Ali parecia ter uma ameaça para ele, não é?

M Tinha sido na quinta-feira que ele tinha ido ao médico e o médico havia dito que era um estresse. Ele foi no dia trinta... ele foi no dia cinco e o médico dizendo que era estresse. Ai quando foi no dia doze que ele foi fazer os exames e foi quando acusou.

T Agora tem uma outra coisa que eu estou pensando. Você falou sobre o Fundo de Garantia, você esteve falando disso... quer dizer que necessariamente faz você pensar... você mexe nos papéis e receber o Fundo de Garantia pela morte dele é uma conscientização muito objetiva que ele morreu, porque entre as formas que a gente tem para ter acesso ao Fundo de Garantia, uma é em função da morte, que é o caso dele. Por outro lado, o Fundo de Garantia é uma forma de herança que você está recebendo dele. Quais são seus planos para isso? O que você pretende fazer com essa herança?

M Porque ele tinha dezenove anos de firma, mas ele... quando nós compramos o apartamento onde nós moramos agora ele chegou a usar o Fundo de Garantia em setenta e oito. Depois, em oitenta e sete nós estávamos com problemas no carro, ele tirou o Fundo de Garantia e também usou. E a firma, como ele era muito antigo, então passava dois meses e registrava ele novamente. Um mês, nem chegava a dois meses e ele voltava registrado. Então, é a parte das crianças, de oitenta e sete para cá que eu vou receber, então, tem a parte das

crianças, que eu vou receber cinquenta por cento e as crianças os outros cinquenta, mas fica preso até eles completarem vinte e um anos... então, não vai ser muita coisa assim não que eu ... mas eu tenho... até cheguei a comentar uma vez, no dia quinze, nós estávamos sentados no sofá, as crianças tinham ido na quermesse e deu propaganda na televisão de geladeira e eu estava precisando de geladeira. E então deu de micro-ondas e de freezer e eu brinquei com ele, eu falei: "A gente está sempre para mudar a cozinha, você me prometeu uma cozinha nova, fogão com seis bocas, será que eu vou ter essa alegria um dia?" e ele falou: "Do fogão e da geladeira, sim, mas freezer e micro-ondas nunca na vida, porque você sabe que eu sou do tipo que gosta de comida fresquinha", e aí eu falei: "Ai, Credo, que maldade! É para dar mais tempo de eu ficar no clube.", brincando com ele e ele fez que não. Como eu fui para o apartamento, o sobrado tinha armário e o apartamento não, tive que fazer, as coisas não encaixavam e no fim do ano comprei um freezer pequeno para pagar em duas vezes. Depois, quando foi em maio, comprei um micro-ondas, para pagar em três vezes, sem acréscimo. Consegui! E agora eu penso em fazer uma cozinha, fazer um armário para cozinha, porque realmente eu não tenho armário, penso de fazer com a minha parte.

T Você vem fazendo coisas para tornar sua vida mais fácil: o freezer, o micro-ondas, o armário, para organizar a vida.

CoT Que eram coisas que não podiam acontecer quando P era vivo, não é?

M É'. Em oitenta e sete, a idéia dele era o carro para viajar, porque ele adorava ir pescar, de dois em dois anos ia pescar lá no

Mato Grosso e ficava uma semana, nunca passou de oito dias. Ele ia num domingo e voltava no outro domingo. Então, de dois em dois anos ele trazia uns peixes enormes, era uma coisa que ele adorava, idolatrava, tinha perfeita adoração por tudo aquilo de pescar e ele em oitenta e sete usou o dinheiro. Em noventa, as coisas estavam bem difíceis para a gente e os colegas que costumavam ir já não foram mais. Na primeira vez, foram em três carros; na segunda vez, foram em dois carros e na terceira vez foram em um carro só, só que em quatro no carro. Então ele estava se preparando para ir, ele estava falando: "Olha, benzinho, este ano, não sei como, mas eu vou, a gente se aperta, mas eu vou, porque no ano passado não deu", e eu falei: "Mais?" e ele falou: "Ah, você está chorando de barriga cheia", e eu falava: "É claro, a Fa precisa disto, disto e disto. O Fo também". Inclusive nesse dia que eu falei se ia mudar a cozinha, ele falou: "Na cozinha nós vamos mexer, sim, nós vamos mexer com o fogão", inclusive o fogão está até hoje com o pé quebrado, porque eu morava na Rua O. e fui para o T. e na mudança quebrou o pé, ele fez um suporte assim que encaixou, não ficou assim penso, e acertou o fogão, mas ficou sempre de comprar um outro, mas aquilo não estava atrapalhando, eu queria um de seis bocas. Ele falava que, se as coisas melhorassem, ele compraria. Porque ele também trabalhava muito com Imposto de Renda, era uma maneira de sempre ganhar um extra, era com Imposto de Renda, quando nós compramos o primeiro aparelho de Atari do Fo. O vídeo também foi do trabalho extra, sempre coisas extras.

T Na verdade, você está dizendo, então, que você comprou o micro-

ondas e o 'freezer' com o seu trabalho.

M Foi.

T De fato, não foi dele. E parece que quando ele fala: "Vou pescar de novo esse ano", você faz uma cobrança, é como se você estivesse dizendo: "De novo ? Você está sendo egoísta", e aponta as necessidades dos filhos, só que se esqueceu das suas.

CoT Havia outras necessidades que estavam aparecendo, não é ?

(M faz movimento afirmativo com a cabeça).

T E agora você está podendo resolver essas necessidades.

M Isso! Então tinha isso também... que ele era registrado pelo... praticamente pela metade do que ele ganhava. Então, o que eu vou pegar? Mas vai sobrar um pouquinho e eu já estou pesquisando o armário, ainda mais estes dias que as crianças não estão. Agora esta semana já acalmou lá na firma, quando é seis e meia, sete horas eu já estou saindo, aí vou procurar preço de armário, estes dias estou fazendo isso.

T E', está se reconstruindo, sem dúvida, atendendo a um desejo seu. As crianças sabem que têm essa parte ?

M Sabem.

T E que planos têm ?

M Sabem, que inclusive já tem uma parte da conta deles com respeito ao PIS, que o PIS o P nunca tinha tirado e foi setenta e pouco para cada um, o PIS não foi cinquenta por cento meu e o restante deles, o PIS foi dividido em três. Então, na época em que foi tirado, foi em novembro, a minha parte foi setenta e dois... setenta e pouco para cada um, então eles já têm a conta na Caixa

Econômica.

T Mas está bloqueado até a maioria, não é? E o que eles pensam em fazer, quando tiverem acesso ?

M Não comentei nada com eles assim.

CoT Acho que a gente está falando de uma herança que diz respeito a todos... parece que você está se dando conta dessa herança, mas para eles ficou muito ressentimento, a herança de um outro pai, não é ?

M E' verdade...

T Eu penso que é esse ponto que impede as crianças de virem aqui... quando começou a vir mais à tona esse lado que eles viam dele, quando eles falavam de ele ter sido violento com eles... Para eles, ficou muito difícil admitir isso, porque, naturalmente, quando eles estão aqui, a gente acaba falando disso, então vêm à tona essas idéias que eles gostariam de ver quietinhas, abafadas, porque incomodam, machucam. Eu tenho a impressão que, se a gente voltar nas sessões que já aconteceram, foi a partir desse momento que essas coisas começaram a aparecer e é interessante que eles colocam em você a carga do mal-estar, de precisar de ajuda.

M A Fa, por exemplo, o P falava que nos quinze anos... os vizinhos faziam quinze anos, eu mesma tenho uma fotografia de uma afilhada minha de crisma, de quinze anos, está eu e o P no baile, está a foto na estante e ela falava: "Pai, você não vai fazer?", porque ela gosta de dança, de música e tal, ela nunca se interessou por balé mesmo, o negócio dela é ginástica, balé em si ela nunca se interessou, mas ginástica olímpica, eu até que fui culpada de ela

parar, porque ela fazia ginástica olímpica lá na Prefeitura e ela chegou a passar nas três fases, que ela ia lá no Ibirapuera, fez a primeira, a segunda e a terceira fase, quando foi na fase que ela ia partir para medalha, ela quebrou o braço... não foi bem.. teve um desligamento... então um médico do Mandaqui, que estava lá na hora da Prefeitura, levou para o hospital e eu fui encontrar com eles no hospital, que ligaram em casa e o médico olhava a chapa e falava: "Tem que operar de emergência!" e o outro médico: "Não tem que operar! Um tratamento resolve". Então, ficou aquele desespero de uma noite e um dia no hospital e eu assinei o termo de responsabilidade, tirei ela de lá e levei para o Hospital Nossa Senhora do Acre, que é especialista em Ortopedia e atende também pelo INPS e o médico lá disse que não precisava operar: "Não, não vai operar, mas ela vai ficar afastada da ginástica e vai ter que fazer muito exercício". É um tipo de bolinha para abrir, fechar, um peso para fazer exercício com os braços... e quando foi em... isso eu não consigo lembrar, lembro até a data, foi dezesseis de outubro, mas não consigo lembrar se foi em oitenta e nove ou se foi em noventa... e não deixei ela voltar para a ginástica, eu fiquei com medo e ela também já... porque tinha meninas mais velhas que ela mas ela já tinha aquele corpão de moça, grande... e tinha meninas de treze para quatorze anos, mais miúdas, então dava para ir à barra, fazer um exercício de ginástica olímpica, mas eu achava ela com um corpo pesado, pesado não, grande, mas ela tinha flexibilidade de fazer os exercícios. Então, com quinze anos ela, falava: "Pai, você vai fazer um baile para mim?", ele falava: "Não, no ano

que você fizer quinze anos, se eu tiver condições até lá, você vai fazer uma viagem, eu acho que o dinheiro é muito mais aproveitável do que uma festa".

T Mas ela queria festa ?

M Ela outro dia falou assim: "Mãe, eu vou ter festa ?" e eu falei: "Sem condições! Se antes você já não ia ter, agora menos ainda", mas não sei o que ela vai ter... se tiver condições de ela viajar, fazer um passeio, aí é um passeio.

T E nessa festa ela mencionava a vontade de dançar valsa com o pai, aquela cerimônia, o ritual ?

M Pelo menos, das que ela participou era dança, era assim, com o pai dançando.

T Mas ela chegou a mencionar isso ?

M Chegou, ela falava : "Pai, eu vou ter um baile? Você vai fazer um baile comigo?" e ele falou que não ia dançar porque não sabia, porque música lenta ainda ele conseguia dançar, mas mudava um pouquinho o ritmo e ele : "Vamos sentar, benzão", e nós íamos sentar porque ele não conseguia dançar.

T É possível que ela se sentisse privada desse sonho de mocinha, de dançar valsa, uma coisa que podia ter sido importante para ela.

M Assusta ver que ela pode ter raiva dele!

T Que ela e que você também! Assusta, exatamente. Você percebe e fala : "Nossa, que sentimento é este meu em relação a ele ? Em nome de fazer uma coisa boa para mim, estava fazendo uma coisa que não era boa". Mas junto tem esse movimento que você faz agora, para a frente, percebendo que você é capaz, como você pode cuidar

de sua vida. Eu entendo que assusta mesmo. Eu acho que é um momento muito delicado para você.

M Está assustando, sim, assusta mesmo. Eu fico analisando assim... eu tenho isso, eu tenho aquilo, eu preciso disso. As vezes, no serviço, me cobram uma coisa ou outra que eu fiz, eu consigo às vezes, até... porque eu trabalhando interna eu estava conseguindo já fazer com que... eu tinha feito a coisa de que eu chegava às nove horas, então eu trabalhava até umas dez, dez e meia, fazia o serviço interno, saía, visitava agências, depois tipo cinco horas, o horário que eu tinha que voltar, cinco, cinco e meia, eu tinha que fazer um tipo de relatório, em que agência visitei, o que aconteceu, então tipo seis e meia eu saía da firma, quinze para as sete era o horário de eu sair da firma, daí fiquei bem controlada. Daí fiquei interna e... de repente, não sei... tenho a impressão que o serviço não rende...

T São essas mudanças que, no início, não têm muita forma, você percebe que muda, isso reflete em todas as áreas, mas ainda não sabe como vai ficar no fim. Mas o que parece estar te assustando é perceber que esse anos todos havia você adormecida, querendo acordar para a vida e isso só está sendo possível agora, depois da morte de P. Foi uma escolha que você fez, para viver com ele, ter que viver do jeito que ele esperava que você fosse, mas agora você pode fazer outra escolha. Estamos no fim do nosso horário, vamos terminar. Até a próxima semana.

ANALISE DA SEXTA SESSAO

Como os filhos continuavam na praia, M veio sem eles à sessão. O relato do fim de semana mostra o quanto sintomas do luto ainda estão presentes, notadamente no âmbito afetivo (sentimento de tristeza, lembrança de atividades feitas em conjunto, solidão).

Este momento da terapia mostra a saída da fase exploratória e a passagem para a fase de compreensão, na qual é possível uma nova percepção e entendimento da situação e a clarificação das medidas que estão sendo tomadas para uma resolução efetiva. Quando T aponta a delicadeza desse momento, objetiva apresentar a M a necessidade de avançar, em face do que já foi feito, podendo suportar a dolorosa consciência de seus sentimentos ambivalentes em relação a P.

Nesta sessão surge o tema do legado, da herança de P, por meio das questões relativas às providências que M deve tomar. Neste aspecto, foi possível trabalhar seus próprios recursos para se adaptar à nova realidade de maneira a se proporcionar uma condição de vida que permita a realização de alguns sonhos. Ou seja: se o legado de P não é tão positivo, M encara a realidade e vai à busca de suas realizações. Este é ponto mais difícil na sessão, pois, em seguida àquela em que o ressentimento ficou muito claro, vem esta, onde por pouco M não admite que pode viver bem sem P, ao menos no âmbito das realizações materiais.

E' feito o esforço no sentido de mostrar a M sua possibilidade de ser pragmática diante das exigências da vida, o que vem fazendo ade-

quadamente: organiza a ação, o tempo, está obtendo bons resultados. O movimento verificado na sessão anterior permanece e assim deverá ficar pelo tempo que fôr necessário para um direcionamento mais definido, ou seja: o processo de mudança é angustiante, pois implica no abandono de determinados modelos de comportamento, para substituí-los por novos, que ainda são desconhecidos ou não têm forma definida. Por esse motivo, mesmo as pequenas mudanças positivas podem ser vistas como ameaçadoras por M. (e de fato a estão assustando, em suas próprias palavras), porque trazem possibilidades desejadas e agora tornadas possíveis.

Quanto aos filhos, mesmo não estando presentes, M tem permitido que suas angústias sejam trazidas e entendidas na terapia, de maneira que, sistemicamente, possa envolvê-los no processo de mudança. A tônica tem sido as diferentes e específicas maneiras de viver o luto, validando-as nessa especificidade.

SETIMA SESSAO

M Não consegui!

(M fala isto rindo, assim que se senta e acenando negativamente com a cabeça; está se referindo à falta dos filhos).

T Parece que você tinha isso como uma tarefa, não é ?

M Olha, eu conversei com os dois e na segunda-feira eu falei: "Vamos lá, está sendo tão bom para mim!" e aí a Fa falou: "Mãe, machuca tanto a gente falar dele!" e eu disse: "Mas isso é no começo que você vê, eu já estou superando isso, eu consigo". É verdade, eu consigo conversar agora.

T Fez bem em falar isso para ela, você quis dizer que a dor existe, é suportável e dá para passar.

M É', porque não estou mais chorando lá. Ainda falei com eles isso, mas o Fo perguntou: "Mas você não vai forçar a gente, vai?" e eu falei: "Não, eu gostaria que vocês fossem de livre e espontânea vontade", e ele: "Eu já fui lá e já falei que não ia mais", aí a Fa: "Ah, mãe, eu não queria ir, não!", eu falei: "Está bom, eu vou lá, vou conversar". Eu não sei se tem condições de eu...

T É', você fez bem mesmo. Você sofria muito, chorava e de fato você está menos, você está conseguindo falar mais das coisas, está mais próxima desse seu sentimento, sem ser pela dor, não é?

M Isso mesmo!

T Agora, eu acho que quando ela fala que dói falar dele, está dizendo que tem o que trabalhar aí. Eu penso que você poderia ter uma atitude mais firme aí, uma atitude de não deixar para ser uma es-

colha dela, não é ? E inclusive aí nessa linha que dói, dói sim, a gente não falou que ia ser uma grande festa, dói, mas é tolerável e depois passa.

M E', porque inclusive na segunda-feira mesmo que eu conversei, que eu cheguei do serviço, lá na capela que ele era o tesoureiro, até hoje não tinham mudado como, porque quem assinava os cheques era ele e o padre e até hoje não tinha mudado, só continua assim o padre então tinha as vezes que o padre não estava, estava viajando, precisava de dinheiro, aí era um tal de gente emprestar porque não tinha quem assinasse e na segunda-feira mesmo foi um dia que eu fui lá na capela e aí me colocaram como segunda tesoureira e arranjei um outro que fica como primeiro tesoureiro e é ele que vai assinar quando da falta do padre.

T E você tem poder de assinatura também ?

M Não, de assinatura, não, mas é que eu controlo todo o dinheiro em aplicações.

T Uma responsabilidade e tanto !

M O outro só assina. Eu conto o dinheiro, a minha sogra vai na capela, porque uma missa eu assisto, a outra ela vai, então ela pega. Então, uma missa eu pego a coleta; da outra, ela pega quando é a noite, ou às vezes na segunda-feira, eu conto o dinheiro, já faço papeizinhos de depósito direitinho para ela não se atrapalhar e quem vai é ela, no banco fazer depósito.

T E antes, nas suas atividades na igreja, você não tinha essa função ?

M Era ele que fazia tudo e eu fazia o que minha sogra está fazendo

hoje, a coleta e tudo mastigadinho assim para os depósitos, o dizimo, a coleta, tudo separadinho nos envelopes para os depósitos, como eu dou para ela hoje.

T Sei, entendo.

M Ele já deixava lá em cima da mesa, ou lá dentro do armário, já pronto para ir ao banco. Então, eu pegava e levava ao banco para fazer o depósito, eu fazia o que a minha sogra está fazendo agora e agora sou eu que, na falta do P, estou contando, só não estou assinando. Eu botei obstáculo, sabe, quando foi dito semana passada que ia ter reunião segunda-feira, para dar meu nome, CIC, RG, por causa da assinatura do cheque, eu falei assim: "Mas nem sou eu quem fica com o cheque, quem fica com o cheque é o S., por que ele não assina? Eu continuo contando, dando direitinho para a Dona N. depositar, continuo fazendo as aplicações, mas eu também queria dividir um pouco. Eu acho que já que o S. faz o balancete, fica com ele", porque a parte do balancete o P também fazia.

T Sei. Então, você pode dizer "não".

M Eu disse e ficou na mão do S, eu falei: "Já que ele está fazendo o balancete, já que ele está com o talão de cheque, acho que a pessoa certa para assinar é ele". Então, aí, na segunda-feira, quando teve a reunião, foi lembrado o nome dele, mas eu... não sei... não que foi assim normal, mexeu assim, é lógico, mas eu soube enfrentar sem choro, sem... sabe... aquele desespero.

T O que você acha que está acontecendo com você, então ?

M Ah, eu sinto que eu estou mais controlada. No final de semana mesmo, aquela expectativa de as crianças chegarem e quando eu fa-

lei para não virem à noite e acabaram chegando às oito da noite, porque diz que queriam aproveitar o dia. Então, aquela expectativa deles chegarem e... não sei... eu tive aquele momento assim de choro, foi instantes, porque aí já chegou visita, eu fui no banheiro, me controlei, conversando e tal, então consegui esperar. Eu acho que me sinto assim mais... mais firme, inclusive no serviço eu já tenho mais firmeza nas coisas que eu estou fazendo, eu tinha tanta dúvida, é que a cabeça parecia oca e eu tinha dúvida, faz-não-faz, aí eu ia confirmar se tinha feito para não dar problema, então eu já não estou mais assim. Acho que estou mais controlada.

T No trabalho, como está sua performance ?

M Eu tinha erros assim que eu tinha vergonha, sabe, pensava: "Meu Deus do céu! Que absurdo fazer um erro desses!", então às vezes as pessoas explicavam uma vez, duas, eu já estava com vergonha de pedir novamente para explicar. Aí eu ia pesquisar coisas assim no arquivo para ver como realmente fazia, para não ter que ficar perguntando pela terceira vez, que eu já estava com vergonha de perguntar, mas eu fiquei assim mais segura. A única coisa que eu às vezes assim... que inclusive segunda-feira, quando houve o comentário do padre e das pessoas que estavam participando da reunião é que eu falei: "O que me assusta é essa firmeza das crianças, da decisão deles e eu não sei... acho que porque toda minha vida eu fui insegura em relação a tudo, foram poucas as vezes que eu decidi e tomei a frente", sabe, dá para contar nos dedos durante meus quarenta anos.

T A firmeza deles nem sempre significa segurança...

M Não ?

T Agora, nesse exemplo claro de não quererem vir aqui, eles falam em não vir, não é por segurança, acho até que pode ser pelo contrário, você não acha, CoT?

CoT A gente está percebendo que você está começando a sentir a ausência dos dois, eles estão começando a sair, começa a independência.

M Estão, estão sim.

T Que é um movimento natural para eles estarem fazendo na idade que têm, o complicador aí é você não se perceber como uma pessoa que tem que ter autoridade, não é ? Esta autoridade é um legado que seu marido lhe deixou.

M E' uma coisa que ele deixou e de repente !

(M parece muito triste, fala em voz baixa).

T Deixou de repente, quer dizer, você não pediu, não é? Ou seja: você tem motivos para não pegar.

M Sempre fui submissa, isso é uma coisa que eu não sei...

CoT Mas também tem uma coisa, que ele era muito assim com você, quer dizer, é uma tentativa.

T De não submissão.

CoT De não estar sendo assim, de permitir que seus filhos possam estar fazendo as escolhas deles.

M Ah, ele era muito... por exemplo, eu ia ao clube, pediam: "Vamos mais uma partida?", e eu: "Não, não, eu tenho que pegar o P em Santana. Eu ainda tenho que fazer uma mistura", porque ele...para ele só o arroz, feijão e uma mistura não dava, ele falava assim:

"O que você fez hoje que não fez comida?", ele queria duas, três misturas, então às vezes tinha que repetir a mistura, às vezes o maço de agrião fazia dois dias, a escarola um dia era refogada, no outro dia inventava uma torta, mas era aquela tensão de quando ele chegasse. Se fosse para fritar o bife, era só o bife que tinha que ser frito, se faltava temperar alguma coisa, ele falava: "O que você fez? O que aconteceu?", porque eu não adiantei a janta.

T E agora você não tem que prestar contas para ele, não é?

M E', então era assim. Não era medo, era aquela vontade de fazer as coisas para não deixá-lo nervoso, por que deixar ele nervoso?

T Para você também não ter problemas.

M E', então, eu corria, se chamavam: "Vamos jogar mais uma!", eu dizia: "Não, não, eu vou embora". Chegaram a comentar isso no clube: "O que é isso? E' teu marido!" e eu falei: "Ah, mas ele chega com fome, não dá tempo de almoçar, come lanche, eu também tenho que respeitar o lado dele!".

T Parece que ficou muito definido, era assim: ele no papel de sujeito autoritário, que tinha suas exigências muito definidas, muito claras e você era a submissa, usando a palavra que você usou, para "atender" as exigências dele e as crianças, naturalmente, se relacionavam com vocês dessa forma: o pai era o durão, a mãe já era mais molinha.

M E', e' mesmo.

T Então, agora não fica claro para eles, faltou o durão, mas não se criou uma outra forma que seja adequada a essa realidade, que não precisa ser tão radical, durão e molinha. E' uma forma que vocês

vão precisar achar e aí não é uma função somente sua, aqui eles fazem falta para a gente estar trabalhando exatamente isso: que outro jeito de viver vocês podem ter, onde você possa ter sua autoridade, que você tem mesmo, porque você é responsável, inclusive legalmente pelos seus filhos, eles são menores de idade, tem também todo esse aspecto, você responde por eles e eles precisam ter uma pessoa que lhes dê limite, que lhes dê contorno na vida e você não está se sentindo com autoridade para ter esse papel.

(M ouve, visivelmente tensa, aperta os dedos das mãos e olha fixamente para T. Enquanto ouve, fica concordando com a cabeça, fala baixinho: "E', e; e!..").

T Talvez você esteja achando que, para ter autoridade, seja preciso repetir o modelo dele, mas não precisa ser assim, você pode achar o seu jeito de ter autoridade com seus filhos, mesmo porque você não consegue ser igual a ele.

M E', eles, inclusive como na segunda-feira que eu fui naquele restaurante com aquele casal (olha para CoT, que havia visto no restaurante), uma senhora que estava conosco é de Curitiba e todo ano ela vem para São Paulo e todo ano eu acompanhava eles, inclusive pegava aniversário do clube, ela ia junto e quando foi desta vez, o Q. e a E. falaram: "Nós vamos levar a tia I. num restaurante diferente, vamos com a gente!", mas aí eles falaram que iam hoje e eu falei: "Quinta-feira eu não vou, não! Tenho psicóloga, tenho compromisso marcado, não dá". Aí isso foi no domingo à tarde, lá em casa, mas quando foi segunda-feira eles ligaram em casa falando que tinham marcado terça-feira, porque inclusive o Q.

já tinha outro compromisso na quinta-feira. Falei para as crianças irem também, porque eram pessoas que são mais parentes do P, são amigos assim de infância. A I., que é de Curitiba, foi vizinha do P, são parentes do cunhado do P. Eu falei para as crianças: "Estou indo com o Q.e a E. no restaurante. Vocês querem ir com a gente?" e eles falaram: "Não, mãe, é o seu passeio, vai no seu passeio, nós vamos no nosso", e eu falei: "Mas é um restaurante, vamos lá com a gente!", e eles: "Ah, não! Não vamos, não!", ficaram em casa, o Fo foi para o clube, conseguiu carona para trazê-lo e agora essa do clube! Quando chegou na quinta-feira, ele arrumou de ser federado, ele passou no teste para ser goleiro... como se fala... titular.

T Ele gostou ?

M Ele passou no teste.

T Ele está feliz ?

M Está todo feliz! Todo empolgado! Eu ainda brinquei ontem, porque ontem eu fui buscá-lo no boliche e aí o pessoal: "Olha a mãe que o filho passou no teste!", todo mundo mexendo comigo, aí eu falei: " Mãe de goleiro sofre!" (ri, parece alegre ao relatar estes acontecimentos), eu não sei se é uma boa, não! E ele fala: "Vai ser bom, sim, você vai ver. Sábado tem jogo contra o pessoal de Curitiba, você vai lá ver, vai dar tudo certo, depois em setembro nós é que vamos para Curitiba". Então, ele está todo empolgado e justamente termina às oito horas, quinta-feira e ele já colocou assim: "Estou com compromisso, passei no teste". Quer dizer, é uma coisa que ele enfrentou.

- T E' muito importante, é claro!
- M Só que termina às oito horas, quer dizer, nem que chegasse uns dez minutos atrasados, mas dá para vir.
- T Eu acho que nós vamos fazer uma coisa para a próxima semana, primeiro um exercício importante para você em cima dessa coisa de você ver a autoridade que você pode ter, de você pegar mesmo esse legado, você herdou essa autoridade, que você vai exercer do seu jeito ,não é? Eu quero propor o seguinte: que você diga a eles que eles virão e você não vai entrar, você vai apenas acompanhá-los, trazê-los e eles vão entrar sem você. Primeiro, é para você colocar essa questão, isso não é discutível, você quer que eles venham, é importante que eles venham, por isso virão, está bom? E segundo porque eu tenho aqui uma hipótese que eles podem se inibir de mostrar as emoções deles na sua frente, talvez eles tenham até medo de mostrar as emoções que mexem mais ainda com as suas, não é?
- M Eu já pensei nisso...
- CoT Ou talvez por ser a mãe uma pessoa já tão fragilizada, fica difícil para eles também se fragilizarem, quer dizer, quem vai tomar conta deles ?
- M E', eu pensei assim, não frágil, mas fraca mesmo. Talvez eles me vejam assim, porque é como diz o Fo: "Eu vou lá para te ver chorando?". Eu pensei também no lado de ser uma fuga para eles , mas procurei não falar desse lado, procurei conversar, falar: Foi muito bom para mim", sabe?
- T E' uma abordagem positiva, até de você estar mostrando como você

está conseguindo fazer coisas. Além disso, vou fazer um paralelo, por exemplo, com um machucado que eles fazem, um corte na perna, tem que levar no pronto-socorro para dar ponto e vai doer. Não vamos falar que não dói, vai precisar dar aquele ponto, mas depois fica bom.

CoT E tem um ponto que é o seguinte também: eles se lembram da figura do pai como bastante violenta, não é? Então isso poderia piorar mesmo, você estava tentando resgatar os aspectos bons mas você mesma pode ver também as dificuldades. Talvez tenha aí um ponto de encontro entre vocês.

T Talvez eles se inibam também de mostrar a imagem que eles têm, para não confrontar com a sua, mas agora nós estamos podemos ver como está mudando, só que eles não estão aqui.

M O que eu notei, foi uma observação ontem, quando cheguei do clube, o Fo está falando muito, olha, estes três dias ele falou muito do P. Quando se dirigiam a nós, tanto a mim quanto ao P, era "pai" daqui, "mãe" dali, mas quando eles estão conversando entre eles, eles falam "a mamãe", "o papai", eles têm esse tratamento, faziam antes e eu nunca mais tinha visto o Fo fazer qualquer comentário assim, usando "papai", ele fazia comentário, mas falando "o meu pai". E nesta semana, por duas vezes, peguei ele conversando com a Fa, jogando Atari, então ele disse: "O papai adorava essa fita". Eu notei que ele está falando mais do P, que ele está mais assim... Eu não quis entrar no quarto e perguntar o que estava acontecendo.

T E você ouviu o que ela respondeu?

M Quando foi a segunda vez que eu prestei atenção, foi inclusive outro dia que ele comentou assim: "Ah, o papai adorava essa fita", ela falou: "Gostava mesmo, mas você viu? Você lembra quando eu fiz mais pontos do que ele? Ele ficou doido da vida!". Então, os dois comentaram, fizeram aquele comentário.

T E' possível falar a respeito dele, não é, associá-lo com alguma coisa da vida diária.

M Isso! Inclusive foi na segunda-feira...não! No domingo à noite, passou um filme que eu falei: "Eu assisti esse filme com o papai", só que eu falei: "Ah, esse filme é tão violento, não vamos assistir, não", e o Fo falou: "Vamos, sim, já comecei", mas aí notei que, de segunda-feira para cá, ele quer dormir no quarto com a gente.

T Você dorme com a Fa?

M E', eu durmo, quando eu fui para o apartamento são dois dormitórios e no sobradinho também eram dois dormitórios e eles ficavam num quarto e eu e o P, num outro. Agora eu fiz um quarto eu e a Fa, outro o Fo sozinho. A Fa queria o quarto sozinha: "O quarto é meu, você fica com a mamãe", aí ele: "Não! O quarto é meu!" e no dia da mudança já foi levando as coisas dele para o quarto, só que desde domingo ele está dormindo no meu quarto, sabe?

T Qual era o filme?

M E' um que passou no canal cinco, é muito violento, é... como é o nome? Eu não lembro o nome, eu sei que era do bairro negro que não passava das cinco horas da tarde, não aceitavam mais um branco e o branco foi para cobrar o seguro de vida de uma senhora de cor.

Então, ele teve uma encrenca e ali se passou no prédio, o filme, toda a encrenca se passou lá. Foi um filme muito violento.

T Tinha morte?

M Tinha morte, sabe, mas ele quis assistir e... "Não, mãe, vamos sim, já começamos a assistir", e assistiu e desde domingo que ficou lá.

T Está vendo? Você tem que ser o "porto seguro" dele, não é ?

M Já dormiu lá no quarto com a gente, então, eu... ontem, quando chegamos do clube, eu estava cansada, tomei um banho e já fui deitar e não vi a hora que eles foram dormir. Quando foi de madrugada, eu acordei e vi que ele estava no quarto com a gente, eu não tinha notado que ele estava no quarto com a gente. Hoje de manhã, não conversei, não deu tempo, eu liguei e ele não estava.

T Acho que tem bem isso: ao mesmo tempo que ele tem um movimento de independência, de ser forte e conquistar coisas, porque de fato essa coisa de goleiro foi uma conquista dele, tem também um outro movimento dele, de se sentir fraco, não é?

M E ele, inclusive o fato de na terça-feira ele tinha o teste, quando eu convidei: "Vamos no restaurante?", ele falou: "Não. Vou ter o teste no A".

T E' uma coisa importante para ele.

M E', é! Ele falou: "Ih, mãe, quem vai me buscar no clube?" e eu falei: "Ah, filhã, então eu não vou no restaurante?" e ele disse: "Ah, vou conversar com a T., eu venho com a T", e a T. que ele falou que ia pedir carona para ela falou: "Ah, Fo, eu não estou indo para lá, que eu vou ter reunião". Então, o que ele fez? Ele

veio sozinho, ele anda um bom pedaço, oito horas da noite, andou um bom pedaço, é iluminado e tudo, mas tem um pedaço da rua que é aquela luz antiga, que nem essa rua aqui. (refere-se à rua Bartira).

T Meio escura...

M Meio escura e eu perguntei para ele, eu falei assim: "Você veio com a T., filho?" e ele falou: "Não, ela ficou na reunião lá das Olimpíadas, eu peguei e vim embora, vim de Pé-Dois", e eu falei: "E tudo bem?", ele falou: "É'...". Sabe como é a coisa, ele sentiu medo de vir sozinho, ele é muito dependente. No domingo, que eles chegaram à noite e tal, eu fiz um lanche e aí quando foi dez horas da noite, ele falou: "Estou com fome", e eu falei: "Nossa, filho! Eu dei lanche para você à tarde!" e ele falou: "Eu quero arroz e feijão, é fome de arroz e feijão". Aí, fui para a cozinha fazer arroz e feijão, esquentei, fiz uma mistura para ele e dei para ele. Depois: "Mãe, você faz um suco?". Fiz o suco. "Mãe, não sei o quê", eu falei: "Puxa, você estava com saudades, hein?". Eu sei que foi assim umas três vezes, "Mãe, isso. Mãe, aquilo", era coisa que eles faziam antes, porque o pai tinha esse costume: "Benzão, me traz um copo d'água", aí os dois: "Eu também quero!", então, eu já ia com a bandeja. Hoje em dia, quando eles falam: "Mãe, traz isso aqui", eu falo: "Vem buscar!", sabe, eu estou cortando um pouco isso deles, porque estão sentados no sofá e...

T Talvez você pudesse ganhar a gentileza de um copo d'água!

M Então! "Ah, mãe, dá um copo d'água?", "Vai buscar!".

CoT É' uma forma de dar continuidade até aquele esquema como se o pai

estivesse ali e nada tivesse acontecido.

T E' uma forma de manter como se ele não tivesse faltado.

M Então, ele... eles sentem falta, no fato de eu estar trabalhando, de levá-lo ao clube, ele faz questão da minha presença.

T Eles sentem falta, mas parece que ao mesmo tempo você conseguiu, essa história de você sair com seus amigos, você deu um jeito e ele também. E' claro, voltar de carona é muito melhor que de Pé-Dois numa rua escura, mas parece que tem um lado seu muito forte aí de falar: "Eu tenho compromisso, eu vou lá", que é uma maneira de você também estar mostrando isso: "Olha, você tem o seu, eu tenho o meu, vamos ver como dá para fazer".

M Então, teve mesmo sábados antes de eles irem viajar que eu tive... foi até o primeiro sábado do mês de julho, ele teve a Festa Junina na escola dele e teve campeonato de boliche e eu trabalhei naquele sábado e eu falei para ele assim: "Filhã, eu vou para casa, pego o carro, pego você no clube, a gente almoça na vovó, aí depois eu levo você para o S.(colégio)", e ele falou: "Ah, não! Eu não sei a hora que eu vou voltar do clube, então, não vai lá, não. Não sei a hora que vai terminar o jogo do campeonato de boliche". Então, eu falei: "Ah, está bom, então eu vou direto para a vovó", e do meu serviço, que eu sai a uma hora, eu fui direto para a mamãe, eu cheguei lá eram vinte para as duas. Eram duas horas e tocou o telefone: "Oi, mãe! Terminou o jogo, você vem me buscar? Só que eu não vou aí na vovó, não". Eu falei: " Não almocei ainda, Fo", ele falou: "Você vem aqui me pegar, me deixa no S. e depois volta para a vovó". Eu falei: "Não! Eu falei que do serviço eu pegaria você,

você disse que não, que não sabia a hora que terminava o jogo, então você vai esperar eu almoçar, eu fazer a unha, então tipo quatro horas da tarde eu estou aí pegando você para levar no S., antes disso, não". Nossa! Ele bateu o telefone!

CoT Os limites estão ficando mais claros.

T Claro, você está dizendo: "Olha, esperá lá, tem algumas coisas que a gente pode combinar e que eu posso fazer e tem o que eu não vou fazer".

M Então aí furou tudo.

T Ele ficou bravo, não é?

M Zangado! Aí, quando foi quatro e cinco, eu tinha ido fazer a unha, cheguei em casa, peguei o carro para ir pegá-lo no clube. Aí, ele disse que estava suado, queria ir em casa tomar um banho para depois ir para o S. Então, peguei ele, levei em casa, nem subi, ele tomou banho, fiquei no carro esperando ele descer. Ele estava todo bravo: "Não podia ficar sem fazer a unha?" e eu falei: "Não, não podia, não".

T Parece que tem aí uma identificação muito forte com o pai e, se você não ficar atenta, você faz com ele a mesma relação que fazia com P.

M E', ele falou: "Não podia ficar sem fazer a unha?". Eu falei: "Não, não podia! Eu falei para você antes, você achou que não sabia a hora que ia terminar o jogo, tudo bem, só que cada um tem que respeitar o seu espaço", eu falei para ele.

T E ele fez o que queria, no fim.

M Então! Eu peguei ele e levei para o S., aí, depois, quando foi

tipo dez horas da noite, ele ligou: "Mãe, vem buscar", aí eu fui buscar.

T Que também não é a função mais gostosa de você ficar fazendo, mas que faz parte, não é? Se ele tem a vida social dele, os compromissos dele, você também tem os seus, então, é bom vocês conversarem sobre como dá para fazer isso.

M E'. Eu, inclusive naquele sábado, eu cheguei a comentar com a vizinha, porque a Fa tinha ido num aniversário com a filha da vizinha, então eu comentei: "Eu não conversei com o Fo, não sei a hora que ele vai ligar para pegá-lo, acho que não vai ser mais que dez, dez e meia, mas se for antes, se for mais tarde, aí a gente tem que dividir, não é, quem vai pegar quem, porque eu pego o Fo e você pega a Fa para mim, porque ela está junto com a M". Ela falou: "Já ficou combinado que nós vamos pegar a Fa à meia-noite e meia, pode deixar que eu vou pegar". Quer dizer, eu estava ali preocupada com ela, preocupada com ele, de ficar na quermesse. Sabe, ele queria que eu ficasse na quermesse, ele falou: "Fica aí".

T Você não quis?

M Eu não quis ficar, ainda não estava bem para ficar. Acabei levando serviço para casa, tinha muita coisa, etiquetas para datilografar, então falei: "Não, não vou ficar", e aí fui para casa datilografar tudo.

T E nesse dia que você saiu com esses amigos que parecem mais relacionados com seu marido, como foi para você?

M Nós falamos muito do P. lá na mesa, foi assim, porque a I. de

Curitiba, ela veio com assunto de cemitério, porque, como ela vem de Curitiba, a irmã dela está enterrada no mesmo túmulo que o P está enterrado e ela estava conversando, pegou e falou: "Ah, M, como está abandonado aquele cemitério do T.! Nós fomos lá no domingo e eu achei ele tão abandonado!. Eu notei, foi você ou Dona N. que levou flores lá?" e eu falei: "Foi minha sogra, não fui eu, não". Ela falou: "Eu notei, porque tinha flores só do lado do P, então nós falamos que alguém devia ter ido lá". Ai ela falou: "Você não vai lá sozinha, vai?" e eu falei: "Já fui, fiquei com medo e decidi que não vou mais" . Ai foi quando ela falou: "Mas por que você foi?" e eu falei: "Ah, porque era uma data minha, eu não queria ninguém comigo, era uma data".

T A observação dela era sobre segurança?

M Isso, segurança! Ela falou: "Lá não dá mais para ir sozinha, não vai sozinha". Então, ali surgiu assunto do P, a respeito do cemitério, depois houve também a conversa do sítio, que um outro irmão deles tem um sítio em C. e houve assunto que o P acabou não indo visitar o sítio, acabou não conhecendo e eles falaram: "Agora este domingo não, que a tia I. vai embora, o outro é Dia dos Pais, mas quem sabe no outro vamos combinar de ir para o sítio?". E eu falei: "Ficou na vontade do P conhecer o sítio do tio, porque não coincidia. Nas festas juninas que vocês faziam lá, nós éramos coordenadores da Crisma, então, nós não podíamos sair e nas vezes que fomos convidados, não deu certo. E o P ficou sem conhecer o sítio, mas eu vou lá, sim". Então, por duas ou três vezes, houve assunto assim, mas falei, conversei bem, não teve aquele... nó na

na garganta que eu sentia sempre, eu consegui...

T Conseguiu falar sobre ele.

M E', consegui, sim. O meu sogro, inclusive, esses dias ele foi... eles foram passar... foram para B. e então meu sogro falava, porque é tia da minha sogra, já com cento e cinco anos, que está muito doente, está direto na cama, então já está assim com as costas bem machucadas. As primas de lá de B. não estão dando mais conta, estão cansadas, então está indo uma prima daqui, fica quinze dias, volta e uma de lá toma conta e estão revezando. Pediram para minha sogra ir agora, estas duas semanas. E o meu sogro: "Não, eu não vou!", até que eu cheguei nele: "Ah, 'seu' A., por que o senhor não vai? E' tão bom, muda um pouquinho a cabeça, é bom para o senhor. A Dona N. ainda tem a capela, que vai arrumar as flores, tem uma distração, mas o senhor fica só aqui dentro. Sai, vai com ela para B". Ele falou: "Vamos ver o que eu vou decidir", e ele foi e agora, inclusive essa tia que estava lá esperando a Dona N. chegar para poder voltar, eu fui no escritório do filho dela agora, porque a filha, que é advogada, é que cuida dos... que está fazendo o inventário e eu levei o papel do Fundo de Garantia, como eu havia recebido tudo, levei hoje. Aí, então, diz que a primeira coisa que ele fêz lá foi falar: "Quem me convenceu a vir foi a M".

T Quer dizer que sua força você já consegue até passar.

M E', ele ainda falou: "Quem me convenceu a vir foi a M, eu não vinha, não, não estava com vontade de vir". Então, o D. hoje brincou comigo: "O tio A. diz que quem convenceu ele a ir para B.

foi você, o que você fez?" e eu falei: "Nada, eu só falei que ia ser bom para ele distrair, mudar de ares, que lá ele gosta de pescaria, quem sabe ele conseguia parentes para ir pescar", e ele falou: "Ele foi logo chegando lá, e falando que quem convenceu ele foi você e, ao mesmo tempo, que era para todo mundo parar de fumar, porque era o cigarro que tinha matado o filho dele". Lá o pessoal todo fuma, inclusive as mulheres.

T E', por aí, você falou uma coisa que é importante a gente lembrar: domingo não este, o outro é Dia dos Pais. Então, acho importante, ainda mais por isso, as crianças virem na próxima quinta-feira. Não vai ser o primeiro Dia dos Pais que eles vão estar sem o pai, mas é importante a gente estar trabalhando isso.

M E', no ano passado, o Fo quis ir no cemitério, inclusive ele fez um cartão e colocou lá no túmulo, mas a Fa não quis ir, não, ela disse que não ia, aí eu peguei eles e fui para PF., na casa da minha irmã. E este ano eu vou fazer a mesma coisa, porque coincide, a minha sobrinha faz aniversário, então coincide.

T Então, acaba virando aniversário da sobrinha e não Dia dos Pais?

M E', acaba e foi o que... sempre foi comemorado o Dia dos Pais e o aniversário da M.

T Isso normalmente vocês comemoram?

M Sempre, já a minha irmã fazia... comemorava uma vez só, porque assim, ou ela vinha para cá e nós comemorávamos, quando a menina era menor era mais ela que vinha, mas aí, quando ela começou a crescer e fazer questão das coleguinhas da escola participar também do bolinho, porque nunca foi festa, mas tinha aquele bolo

com suco.

T Quer dizer, alguma coisa para marcar a data?

M E'.

T Assim como alguma coisa também marca o Dia dos Pais?

M Isso! Então, a minha irmã marcava tipo cinco horas da tarde o bolinho da M., a gente cantava 'Parabéns' e vinha embora. Já faz uns cinco anos que ela, quando começou a entender, ela começou a querer, a minha irmã vinha para São Paulo, participava daqui com a gente, a gente fazia um bolinho, nós cantávamos 'Parabéns' para ela e , quando chegava lá em F., ela fazia questão que a coleguinha da rua, os vizinhos também participassem, cantassem. Então, quando ela fêz seis anos, chegou a fazer bolo lá e bolo aqui e depois dos sete anos, minha irmã começou a fazer só lá e nós vamos para lá.

T Mesmo que vocês não façam nada como Dia dos Pais, é essa data que ficou sempre associada, Dia dos Pais e aniversário. Suponho que sua sobrinha faça alguma coisa para o pai dela e tem também esse confronto que seus filhos vão ter.

M E', tem mesmo.

T Além disso, vão ver outras crianças, é natural. Estamos encerrando por hoje. CoT, você quer falar alguma coisa?

(CoT acena negativamente com a cabeça).

T Então, vamos fazer assim: você traz os filhos, mesmo que ele fale: "Eu vou sair às oito horas". Tudo bem, sai às oito horas, você já está lá na porta para garantir e vem para cá. Diga para eles que você não vai entrar, a próxima vez é só deles.

M Esta bom, eu vou trazer os dois.

ANALISE DA SETIMA SESSAO

O ponto que mais ressalta nesta sessão é a postura de M quanto às mudanças que vê ocorrerem, tanto em si mesma, quanto nos filhos: já pode aceitá-las como positivas, embora ainda lhe reste alguma inibição quanto à possibilidade de reestruturar positivamente a vida.

No relacionamento com os filhos, sente-se mais firme para exercer a função materna de maneira ampla, com limites e acordos, podendo até mesmo ver com alegria os progressos dos filhos, em particular de Fo, nas atividades esportivas. Ainda assim, tende a ver dependência onde há busca de autonomia, como, por exemplo, na situação de Fo voltar a pé do clube.

Outro aspecto novo é a diminuição de respostas emocionais do luto, o "nó na garganta", juntamente com o surgimento da possibilidade de falar a respeito de P sem ser inundada por essas emoções. É muito interessante observar que o mesmo movimento (falar sobre P) se dá com os filhos, mas unicamente entre eles, como se essa fosse uma experiência particular deles, da qual M está excluída. É possível hipotetizar que o sub-sistema "filhos", tendo sua forma também particular de responder à morte de P, reencontra o equilíbrio à medida em que M "permite", mas dentro de seu universo de significados, e não daquele de M, onde a super-ritualização das datas é o ponto de referência. Os filhos reintegram P às memórias que podem ter dele, no caso, no video game.

M está mais fortalecida, embora pareça ainda não admitir essa

realidade. Identifica seus recursos para ampliar as possibilidades profissionais, faz bom proveito de uma oportunidade de contacto social, valoriza os cuidados consigo própria. A proximidade com as questões mais diretamente vinculadas a P (a capela, os amigos, o cemitério) não representam mais uma ameaça de desestruturação emocional e sim, uma possibilidade de enfrentamento com bons resultados. Estes, por sua vez, revertem para fortalecê-la ainda mais.

A tentativa de T para que os filhos venham e façam sessão sem a presença de M está baseada na hipótese da dificuldade deles em se expressarem diante de M, uma vez que o enfrentamento que podem fazer do luto é diverso daquele feito por M e T considerou importante dar a eles um espaço para que possam apresentá-lo sem constrangimentos.

Isto não significa a impossibilidade de trabalhar o luto no contexto familiar, com esta família em particular. Trata-se da tentativa de identificação de meios para abordá-lo, considerando as necessidades específicas destes dois filhos, em face de um sistema onde predomina o funcionamento patológico de M. Como já apontado pela literatura, é possível que se encontre uma sobreposição de tipos de lutos patológicos, o que ocorre nesta família. É possível também que os recursos de um elemento da família sejam úteis para a elaboração do luto por um outro elemento que apresente maiores complicações neste processo. Se assim ocorrer nesta família, certamente serão os filhos que auxiliarão M. É nesta direção que segue a proposta de T, ao solicitar a presença dos filhos, sem M.

OITAVA SESSÃO

Conforme combinado, esta sessão foi realizada somente com a presença de Fa e Fo, que chegaram atrasados quinze minutos. M foi levá-los e ficou aguardando na sala de espera da Clínica.

T Eu conversei com a mãe de vocês na semana passada e disse que era para vocês dois virem, está bom?

Fo E', a gente tinha ido viajar.

M Eu sei, sua mãe falou. Vocês foram para a praia, não foi? E estava bom?

Fa Estava uma delícia!

T E como foi viajar sem a mãe?

Fa Ah, é uma delícia!

Fo E' ótimo!

T Ela que não saiba, não é?

Ambos riem e respondem : "E'!"

T E' a primeira vez que vocês saem sem ela?

Fa Não, eu não fui.

Fo Eu também não.

Fa Eu, assim de ficar só com gente da minha idade, não. Ele (referindo-se a Fo) é a primeira vez, sempre ficava com a tia S., nunca sozinho.

Fo Já fiquei com a G. e com você.

Fa Ah, é.

T Porque teve um pedaço que vocês ficaram sem adulto, só

com a prima.

Fo E', só com a prima.

Fa Só com a minha prima. Minha prima tem vinte anos...vinte e quatro anos.

T E' novinha...

Fo De idade, é menos que ela (comparando a prima com Fa).

Fa Ela é que nem a gente, só tem idade mesmo.

T Mas pelo jeito foi muito bom, não teve nenhum problema.

Fa Foi, foi ótimo! Só que estava frio.

Fo A única coisa que estragou foi isso.

T Eu estou sabendo pela sua mãe como vão as coisas com vocês e pensei que era esquisito eu não falar diretamente com vocês sobre assuntos seus. Pensei que vocês poderiam vir sem ela porque vocês poderiam ficar sem jeito de falar algumas coisas na frente dela. Então, já que está sendo deste jeito, quero só garantir para vocês o seguinte: o que a gente estiver falando aqui hoje é só nosso. Quero dizer, sua mãe não veio, não entrou e ela não vai saber o que a gente conversa aqui, está certo?

(Fa e Fo concordam)

CoT Parece que vocês estavam sentindo uma certa dificuldade em vir para cá com a mãe, não estavam?

Fa Não é isso. E' que eu acho que ... bom... eu acho que a única pessoa que está precisando na minha casa é a minha mãe, que minha mãe é a que mais está sofrendo. A gente... eu... sempre levei assim... não e' uma coisa normal, é lógico, mas eu tentei fazer o máximo normal possível para mim continuar a vida. Eu não fico me

preocupando com a ... Eu acho que quem está precisando é minha mãe, ele está encafifada, minha mãe é que está com medo. Eu já enfrentei a realidade.

T Medo? Você acha que sua mãe tem medo?

Fo As vezes, a gente chega no quarto e ela está chorando.

T Ela chora de medo?

Fo Ah, isso eu não sei (rindo).

Fa Ah, eu acho que sim. Acho que é medo de enfrentar a realidade.

T Hum, hum. Pois eu acho que nisso sua mãe está muito forte, porque ela está enfrentando a realidade, ela vem aqui toda semana. Por mais que doa, ela vem.

Fa Mas ela tem medo.

T Mesmo tendo, ela está enfrentando.

Fa Está.

T Então, nesse sentido, está sendo bacana para ela, não é? Eu acho uma outra coisa também e foi por isso que eu insisti para vocês virem. Quando acontece uma morte na família, não é muito isso que uma pessoa precise mais. As vezes, uma pessoa mostra mais as coisas do que outra. Eu acho que todo mundo, no caso, vocês três, tiveram um abalo no jeito de vocês viverem, no jeito de se relacionarem. Vocês estão crescendo, tem coisas que vocês iriam viver mesmo e que agora vão ter que ser de outro jeito. Então, este trabalho que a gente faz aqui, não é porque sua mãe chora mais, é porque vocês três precisam aprender um jeito de viver que seja mais legal para vocês três com essa realidade.

Fo A gente sabe que mudou.

T Então, não adianta nada a gente pegar só a mãe de vocês, porque ela chora mais, não é? De repente, você, que pensa outras coisas, que está lidando com isto de outra maneira, é importante que traga a sua maneira de pensar (dirigindo-se a Fa). E também você (dirigindo-se a Fo), sabe? O que será que vocês podem estar fazendo que possa ajudar a relação de todos? Então, é nesse sentido que eu insisto para vocês virem. E, se doer, garanto para vocês que nós estamos aqui para ajudar a segurar. O que vou dizer talvez não faça a dor de vocês ser menor, mas já vimos outros adolescentes do tamanho de vocês, que perderam o pai ou a mãe, a gente pode entender como é. Eu acho muito importante vocês virem, primeiro porque fazem parte dessa família, que perdeu um elemento importante e, então, como membro dessa família, vocês estão envolvidos nisso, não é? E se vocês estão realmente convencidos de que sua mãe precisa mais, vocês têm um papel aí, vocês devem ajudá-la, porque se vocês estão numa condição melhor, como vocês dizem, vocês devem ajudá-la. Está bom assim?

Fo Está bom.

T (dirige-se a Fo) Se você não vier de novo, eu vou achar que você é goleiro frangueiro!

Fo Não sou, não!

(Fo e Fa riem com esta brincadeira).

Fo Não, é que hoje estou faltando no treino. Tenho treino de quinta.

T Você não sai às oito horas?

Fo Saio às oito.

T E não dá tempo?

Fo E' que a minha mãe...e'que eu perdi a carteirinha... não dava nem para ir...

T Não entendi. Como perdeu a carteirinha?

Fo Perdi a carteirinha do clube e tenho que ir lá um dia agora de manhã e esperar a secretaria abrir, pegar a outra que a minha mãe já mandou fazer. Não dá sem a carteirinha.

T Sem a carteirinha não dá... Entenderam por que eu insisto muito para vocês virem? Tem uma maneira de se relacionar, de estar junto, que nós podemos ver aqui.

(Fa está agitada, mexe nos cabelos, olha para Fo, ambos se olham com as sobrancelhas erguidas, e nitido que estão tentando se comunicar. Fa está com as pernas cruzadas e Fo, com os braços cruzados).

T Que olhar! A gente se sente tão de fora, não é, CoT? (risos de ambos). Com essa troca de olhar deles... Esse silêncio quer dizer que você está pensando em alguma coisa, não é?

Fa (fazendo movimento negativo com a cabeça e levantando os ombros) Não, eu estou pensando que realmente não é a gente, não é só pela gente que a gente está precisando vir aqui.

T Mas até pode ser que tenha uma coisa sua aí e não tem mal nenhum se aparecer isso.

Fa Ah, não sei...

T Não tem mal nenhum, eu acho que até é a hora de vocês poderem trazer isso aqui, não é? Sua saudade... sua raiva...Algumas vezes... eu estava lembrando... a gente pensa e volta no que já se aconteceu nas sessões anteriores, quando vocês vieram. Acho que teve uma coisa importante que vocês começaram a falar um pouquinho

do seu, algumas lembranças que vocês tinham dele, que sua mãe ficou meio falando: "Uê, eles achavam que ele era muito bravo... muito durão?!"

CoT As vezes, meio violento.

T As vezes, meio violento. E eu fiquei pensando que vocês ficaram meio sem jeito de trazer aqui a imagem do seu pai diferente daquela que a mãe estava trazendo. Ela traz a imagem de um cara muito legal.

Fa E', mas ele era legal!

T Sim, ele era legal. Quando vocês falam que ele ficava muito em cima, eu não estou dizendo que ele não era legal, é que vocês mostram esse lado que talvez ela não estivesse podendo ver, não é?

Fa Não é que ela não podia ver, ela... eu acho que não tem nada a ver com isso, ela não sabia, é só. Mas tudo... não é que tudo ela sabe... a imagem que a gente tem dele, ela sabe.

T E você acha que ela não sabia que tinha havido essas brigas entre vocês?

Fo Isso ela sabia!

CoT Da mágoa que ficou?

Fa Não é... acho que ela não lembra...

Fo E'.

Fa Mas que estava sabendo, é lógico que estava! Imagina!

T Sei, sei. Ela não lembrar significa que ela não guardou espaço na cabeça dela para essas lembranças, porque ela encheu a cabeça dela com outras lembranças. E vocês estão podendo guardar várias lembranças diferentes, não é?

(Fa e Fo riem e concordam com a cabeça).

T (dirigindo-se a Fo) Se você fosse me apresentar seu pai hoje, como você me apresentaria?

(Fo ri, vira-se de lado, na direção de Fa, e faz o gesto com a mão, como apresentando duas pessoas).

Fo Este é o P.

(Fa ri muito).

T Esse é o P... Mas e aí? Ele faz o que, de que ele gosta? Ele é uma pessoa assim ou assim...?

Fo Nossa! Ai eu não sei! (Ri e levanta as mãos).

T Vamos tentar fazer isso com você? Como você me apresentaria seu pai?

Fa Sei lá! Em que sentido?

T Eu não conheço seu pai. Imagine que você vai me apresentar.

CoT O que você pode falar dele?

Fa Bom, ele é barrigudo (risos de ambos), tem bigode, ele... (leva a mão à cabeça)... Como é que chama?

T Careca?

Fa Não, ele não é careca.

Fo E' isso aqui (mostra em seu cabelo, como se fossem entradas).

T Entrada?

Fa E'. Cabelo grisalho, usava óculos, jogava futebol e não podia.

T Não podia?

Fa Não podia.

T Já por essa coisa do coração?

Fa Não, por causa do joelho.

T Ah, por causa do joelho. O problema do coração só foi no finzinho mesmo, não foi? O que ele tinha no joelho?

Fo Tinha que operar e não operava. Falta de vontade.

Fa Ah, sei lá! Ele tinha um problema no joelho, tinha que operar. Só que ele sempre engessava, mas ele nunca operava.

T Então, ele tinha medo de operação?

Fa Ah, sei lá!

T Que por falta de vontade, não sei, não! Eu não conheço ninguém que tenha vontade de ser operado.

Fo Já tinha umas três ou quatro vezes que ele tinha que ser operado lá e...

Fa (interrompendo-o) Ah, mas também era dinheiro também.

Fo A médica lá...

Fa (interrompendo-o) Ah, mas isso foi depois.

Fo Foi antes!

Fa O negócio do pé... do joelho foi antes.

T Essas confusões na lembrança servem para mostrar a vocês como cada um tem uma imagem que ficou do pai, uma imagem diferente. Então, vocês me descreveram seu pai fisicamente, dá para a gente saber, eu posso imaginar como ele era e seu interesse pelo futebol. E o que mais?

Fa Fisicamente?

T Fisicamente vocês já falaram, posso vê-lo, mas, se quiserem falar mais, podem falar.

Fo Depois tem que falar do jeito que você sabe que ela quer, não é, Fa?

T De que jeito eu quero?

(Fa e Fo riem, parece haver um segredo entre eles).

Fa Ah, sei lá!

T O que é o jeito que eu quero? (dirigindo-se a Fo).

Fo Ah, não sei. Pergunta para ela (Fa) primeiro.

T Quando a gente fala de uma pessoa, essa pessoa é mais que sua aparência física. Ela tem uma maneira de viver, de pensar, tem as coisas que ela gosta, que ela faz, tudo que caracteriza essa pessoa, não é? O que ele gostava de fazer?

Fa Ah, ele gostava de jogar futebol, jogar bilhar, jogar baralho ... cacheta, toda sexta-feira.

(Fa e Fo riem, com essa descrição).

Fo Sexta e sábado. Até teve uma sexta-feira... no sábado ou na sexta-feira... ela (referindo-se a M) não quis fazer jogo em casa, uma coisa assim, era uma semana antes de ele morrer e ele falou assim: "Se eu morrer amanhã, você vai ficar com remorso".

T Quem falou isso?

Fo Ele falou para minha mãe.

T Ele falou: "Se eu morrer amanhã..." ?

Fo E'... que ia ficar com remorso de não deixar ele jogar.

Fa Ele falava sempre isso. Sempre ficava falando isso. Tanto que teve uma vez que eu fui numa quermesse, aí eu peguei e voltei, aí eu falei assim: "Ah, estou a fim de comer uma coisa gostosa", e ele falou assim: "Ah, vamos pedir uma pizza"; e eu falei assim: "Não, eu não quero pizza, eu quero esfiha". A minha mãe falou: "Esfiha a gente tinha lá, agora tem que ir até S. buscar", e daí

ela falou: "E', eu quero esfiha porque, se eu morrer amanhã, pelo menos eu não morro com vontade". Dai eu falei assim: "Eu também quero esfiha, porque, se eu perder o pai amanhã, pelo menos eu não perco um pai com vontade". Eu falei assim brincando, não é, dai ele pegou, deu risada, eu peguei, dei risada, mas sempre brincando. Ele tinha o dinheiro de um menino da firma dele, o "boy" da firma dele, o "boy" deu para ele guardar um dinheiro, porque com o meu pai ele não ia gastar o dinheiro. Ai, meu pai falou assim: "Olha, o dinheiro do D. está aqui nesta gaveta. Se eu morrer amanhã, você pega esse dinheiro e dá para ele". Ele morreu no dia seguinte.

T Vocês acham que ele estava pressentindo... ou percebendo a gravidade do estado dele?

Fa Estava!

Fo Eu também acho que estava!

Fa Estava, porquê no Ano Novo também... a gente estava lá na praia, ele pegou, deu um abraço na minha mãe, deu um beijo e falou assim: "E', vamos comemorar bastante, porque quem sabe este não é meu último Ano Novo que eu vou passar aqui". Tanto que este Ano Novo a gente não passou em M., por causa disso, minha mãe não queria. Tem bastante coisa que ele falava assim.

T Vocês acham que ele falava isso mais no fim, mais próximo da morte? Porque o que ele teve foi uma coisa repentina.

Fa Não, pode ser que ele não tinha... que ele não esteja sentindo isso assim por saúde, mas eu acho que ele estava sentindo assim pelo pensamento, sabe? Ele estava... ele estava com aquela coisa

na cabeça, acho que ele estava pressentindo o que ia acontecer.

T Hum, hum. E como era para vocês ouvir isso dele?

Fa Uma brincadeira.

Fo Brincadeira.

T Vocês levavam assim? Vocês achavam que não era nada?

Fa Imagina! A gente nunca ia pensar que era sério!

CoT E desde quando ele começou com essas brincadeiras?

Fa Desde o Ano Novo.

T E logo ele morreu em junho.

Fa E'. No Ano Novo ele falou, mas depois ele parou e começou a falar uma semana antes...duas semanas antes, não é?

(Fa, ao terminar de falar, olha para Fo. Estão ambos sentados de maneira mais relaxada nas cadeiras).

T E' porque aí já estava fazendo exames, já tinha começado, tinha suspeita de alguma coisa grave no coração. Ele devia estar meio assustado mesmo.

Fa E', ele estava.

T Penso que para sua mãe deve ser mesmo difícil. Ela nunca falou disso aqui, não é? (dirigindo-se a CoT, que confirma com a cabeça). Deve ser uma coisa que ficou forte para ela, ela nunca trouxe isso.

Fa E', ele sempre falava isso. Ele sempre ficava com essas brincadeiras: "Se eu morrer amanhã...".

Fo Ela (referindo-se à M) falava: "Pára, P!".

Fa E', ela não gostava.

Fo Não gostava.

Fa Falava: "Não brinca com isso! Deus me livre!" e ia todo mundo bater na madeira.

(Fo ri, diante dessa lembrança)

CoT Quer dizer que não era só ela que ficava aflita, não é?

Fa E', mas para nós era brincadeira.

Fo Brincadeira.

Fa A gente ria, ia lá bater na madeira, mas imagina se a gente ia levar a sério!

T As vezes, algumas brincadeiras são sérias, não é?

Fa E'.

T Parece que ele falava isso de brincadeira, mas ele estava querendo dizer alguma coisa, não é? Só que é o tipo de mensagem que a gente não percebe.

Fa E', não percebe...

T Se ele jogava baralho, devia ter muitos amigos, não é?

Fo Tinha.

Fa Tinha vários amigos. Bom, uma outra coisa que ele também adorava fazer era pescar. Sempre ia para o Mato Grosso, todo ano.

Fo Mato Grosso.

Fa Outubro... novembro... mais ou menos nessa época tinha que ir para o Mato Grosso, era sagrado. Ia pescar.

T E alguma vez você foi com ele? (dirigindo-se a Fo)

Fo Nunca deixou.

T Você queria?

Fo Sempre pedia, não é? (dirige-se a Fa, como pedindo confirmação)

Fa E' que ele ia no mato, tem foto... aqueles lugares perigosos. En-

tão, ele não levava ele (referindo-se a Fo).

T E você... (dirigindo-se a Fa) nem pensar?

Fa Eu não queria ir, eu não gosto.

T E' meio coisa de homem, isso de pescar?

Fo Não sei. Nunca fui nesses negócios.

Fa Minha mãe ia, minha mãe vai.

T Ah, ela ia?

Fo Ah, ela vai, ela ia assim na lagoa.

Fa Em rio, lagoa. Ela pula muro.

T Isso é no Mato Grosso?

Fa Não, no Mato Grosso, não. Mas em B., quando eles iam pescar, meu pai, minha mãe, um tio meu, uma tia minha e um tio desse tio meu e uma tia dessa...

Fo (interrompendo Fa) Quem, em B.?

Fa E' tia C., a tia e uma tia de um tio meu, ia sempre os cinco. De vez em quando, iam os moradores da casa. Daí eles sempre iam numa casa proibida, pulavam o muro, davam comida para o cachorro.

(Fa e Fo riem)

CoT E sua mãe estava junto?

Fa Minha mãe estava junto. Iam numa lagoa que não podia, lá.

T Quer dizer, ela acompanhava seu pai.

Fa E', ela gosta.

T Vocês trazem lembrança dele com amigos ou em viagens, jogando baralho. E com vocês, vocês têm alguma lembrança?

Fa O que eu me lembro com a gente é quando de sábado... não... domingo de manhã, sábado e domingo de manhã ele levantava...

(Fo a interrompe)

Fo Ele levantava, ia lá embaixo, tomava o café, fumava o cigarro dele sentado no degrau da varanda lá fora, sempre, todo dia.

T Sempre ele fazia isso?

Fa Sempre! Daí, ele pegava, ficava sentado lá no canto do sofá e aí ficava os quatro conversando. Era a única vez que ficava os quatro conversando.

T No fim de semana ?

Fa E'.

Fo Fa, à noite também às vezes, não era?

Fa E', à noite, às vezes, quando ele voltava do serviço. E, de nós quatro, essa é a lembrança, de dentro de casa.

T Qual é a lembrança mais antiga de seu pai? Experimenta voltar o filme...

Fa A mais antiga... (fica pensando).

Fo Que eu me lembre foi em Goiás.

T O que aconteceu em Goiás?

Fo Ah, você falou alguma coisa antiga que a gente lembrasse e eu lembrei.

T Sim, mas que cena é essa que você lembra, vocês estavam em Goiás..

Fo (fala para Fa, como pedindo que ela responda) O que que houve?

Fa A gente foi viajar, a gente ficou em Caldas Novas.

T Ah, que legal!

CoT Pousadas do Rio Grande?

Fa A gente foi visitar a Pousada, a gente não ficou lá.

T Hum, hum. E você (dirigindo-se a Fo) era bem pequenininho?

Fa Não.

Fo Eu tinha nove anos.

Fa Foi... deixa eu pensar...1989.

T Então, deve ter uma coisa mais antiga.

Fa Eu lembro... quando a gente ficava lá na vila, ele ficava vendo se a gente ficava descendo de bicicleta, porque a vila era assim (faz o gesto com a mão) uma descidona, daí ele falava: "Para! Desce dessa bicicleta! Vocês dois vão se machucar". E daí teve uma vez que a minha amiga se esbarrachou no poste, isso eu lembro. Eu lembro quando a gente ia para B., ele ficava jogando futebol.

T O que tem em B.?

Fo Era um sítio.

Fa Era um sítio que a gente ia com os amigos dele do futebol. Todo ano a gente ia. Este ano, não sei se eles vão chamar a minha mãe, porque no ano passado, pelo menos, não chamaram.

Fo Eles iam para outro Estado. Eles saíram do Estado, foram para outro lugar.

Fa Eu lembro quando esse aí (referindo-se a Fo) quase morreu afogado. Eu lembro dele (P) se jogando na piscina. Eu lembro em B., a gente nadando, ele me ensinando a nadar lá e também na praia. Eu lembro assim... eu também lembro assim bastante lá em B., quando a gente ficava l'na piscina, mas a piscina... faz o quê? (Olha para Fo, como pedindo ajuda para se lembrar).

Fo Em B.?

Fa Faz seis anos que tem a piscina, não faz muito tempo. Daí a gente ficava competindo, eu e ele (P), quem ia mais, quem nadava mais

por baixo, era mais ou menos assim.

Fo Mais fôlego.

T E quem tinha mais fôlego?

Fo Nossa, era ele!

Fa Era ele!

Fo Sem chance!

Fa Usava óculos. Parecido mais com você (dirige-se a Fo), eu sou a cara da minha mãe.

Fo Você não tem nada a ver com a mamãe. Ela parece com a minha mãe? (dirigindo-se a T).

T Eu não diria que é a cara, mas dá para ver que é filha.

Fa Eu acho que eu sou a cara da minha mãe.

(Fa diz isso inicialmente em voz baixa e com a cabeça baixa, mas, quando termina, olha-se no espelho da sala).

CoT No que você se acha parecida?

Fa Ah, sei lá! Com o jeito... Sei lá... com a minha mãe. Acho que ele (referindo-se a Fo) é com o meu pai.

T Fisicamente?

Fa Fisicamente.

T E jeito de ser?

Fa Bom, ninguém, nem meu pai nem minha mãe, era revoltado, que eu saiba, mas... (olha com olhar maroto para Fo)

Fo Tem alguém aqui que é revoltado?

T Quem é que é revoltado?

(Fo ri)

Fa Para de rir!

T Eu estou vendo que você está meio encabulado (dirigindo-se a Fo).

CoT Não é a primeira vez que a Fa fala desse alguém revoltado.

Fa Se porta como tal, pelo menos. Tenta fazer papel, pelo menos. Não sei se é (diz isso rindo e olhando para Fo).

Fo Ah, não! O que é isso! É a minha mãe e a Fa, sempre! É só a Fa pedir dinheiro para a minha mãe, ela dá.

T Você (dirigindo-se a Fo) acha que tem uma relação preferencial?

Fo Acho!

Fa Ah, não! É que ele...

Fo (interrompendo-a) Se for para escolher entre nós dois, escolhe ela (Fa), eu te garanto!

Fa De dinheiro?

Fo Não, não estou falando em relação a isso.

Fa Você está falando em relação de dinheiro.

Fo Não, estou falando em relação de tudo.

Fa É o maior mimado e fala de mim!

Fo Hum! (gesto de descaso com os ombros)

Fa Os dois são mimados.

Fo Você é mimada.

Fo Os dois são mimados.

(Fa e Fo estão nitidamente exaltados, falando alto).

T Engraçado isso de como cada um vai ter um jeito, não é? Você é mimada (dirigindo-se a Fa), você é revoltado (dirigindo-se a Fo) e isso parece que vai definir a personalidade de vocês. (Ambos ficam em silêncio). Será que não dá para ser diferente?

Fa Ah, não acho isso. Parece até mentira dele.

T De repente, a pessoa pode até mudar, mas está com aquela imagem lá, não é, e não percebe que mudou, porque tem aquela imagem.

Fa Não, mas ele não era assim. Começou a ser assim agora.

Fo Rebelde! (diz isso em tom irônico)

CoT Assim como?

Fa Ele nunca foi de responder, nunca foi de começar a gritar, nunca foi de começar a armar escândalo em casa. Agora ele faz.

Fo (bate com a mão na cadeira) Ah, que escândalo que eu armei em casa? Sou eu que volto para casa quase uma hora da manhã e sou eu que escuto da minha mãe, é? (fala alto, em tom raivoso)

Fa Eu estou falando do escândalo que você faz...

Fo (interrompendo-a) Você faz escândalo com ela (M), você começa a gritar com ela que você já é livre e pode fazer o que quiser.

Fa E' o que você faz.

Fo E', você faz isso, sim.

T Eu acho que vocês estão contando para a gente algumas coisas que, enfim, estão acontecendo na vida de vocês. De repente, você (dirigindo-se a Fa) está mesmo crescendo, está querendo ter sua independência, suas coisas...

Fa (interrompendo-a) Eu não falei essas coisas para a minha mãe!

T Como eu não estava lá para assistir, não sei. Eu estou falando sobre uma coisa que acontece para você, é perfeitamente natural. Se você tivesse a idade que você tem e só quisesse ficar na frente da televisão, dentro de casa, sem sair, sem ter amigos, sem fazer nada, ia ser muito estranho. Eu acho que você está fazendo uma coisa que as meninas da sua idade fazem, não é? O que nós podemos

ver aqui, e com sua mãe, sem dúvida, é como é que você pode fazer isso de um jeito que seja legal, que não crie problemas para vocês, que você possa fazer as coisas próprias para você fazer, na boa, também para que sua mãe se sinta tranquila com isso. Eu até entendo que ela fique se sentindo muito responsável, se seu pai estivesse aí, ela poderia dividir com ele, mas ela não pode. Dá até para entender um pouco o lado dela, mas quem sabe a gente pode pensar num jeito de você poder fazer isso, sem ter tanto escândalo.

Fa Quem faz escândalo é ele!

Fo Ah, você faz sim, vai!

T Enfim, a gente sabe do que está falando, não é? E mesmo você (dirigindo-se para Fo), talvez possa entender essa coisa de "revoltado" e tudo o mais. Mudou uma coisa importante na vida de vocês, que é não ter a figura do seu pai lá, para dar as regras, para fazer as cobranças. A sua mãe se mostrou uma pessoa que ficou insegura com a perda dele, não é? De repente, ela teve que arcar com um monte de coisas que ela não fazia, desde o dia-a-dia, ir lá trabalhar, até na relação com vocês. Aqui, a gente pode ver como essa realidade que está aí pode ser vivida, garantir o crescimento de vocês com essa realidade, mas de um jeito legal, possível, sem negar que são vocês três que vão precisar se dar bem. Acho que nós vamos terminar por aqui. Hoje foi mais curta, porque vocês se atrasaram.

Fo Hoje foi curtinho, não é?

T Favor não pegar a moda! Então, na semana que vem, são os três ?

ANALISE DA OITAVA SESSÃO

A presença de Fa e Fo sem M foi, sem dúvida, muito importante, sob diversos aspectos. Primeiramente, por permitir que eles trouxessem experiências e memórias de P que certamente não seriam trazidas na presença de M. Em segundo lugar, para que eles mesmos pudessem falar sobre P, sua relação com ele, as memórias e problemas vividos atualmente, após a morte, sob sua visão e não apenas a de M.

Surgiram, com muita intensidade, questões de rivalidade fraterna, com disputa pela atenção de M. Para Fa, as lembranças predominantes são de situações de união e cuidados por parte de P, apresentado, então, mais como companheiro. Fa esforça-se para negar conflitos entre ela e P, bem como qualquer consequência desses conflitos na relação com M.

Fo introduziu uma questão importante, que foi a estratégia de P para manipular a dinâmica familiar, por meio de suas preocupações com saúde. Estas acabaram se tornando uma ameaça, que, como se concretizou, é entendida como provocadora de remorso em M. Como esta nunca mencionou a questão, fica a dúvida quanto ao impacto que lhe teria causado. Talvez para o Fo tenha restado a idéia que M não cuidou satisfatoriamente de P, por esse motivo ficando apenas com ela a necessidade de terapia, como se pudesse assim aplacar o remorso. Se, por outro lado, as ameaças verdadeiramente atingiram M, aí pode residir um aspecto provocador do luto patológico, em sua forma crônica.

Chama a atenção a forma com que ambos os filhos lidavam com a

ameaça de morte de P. Para eles, nunca era uma situação séria e faziam brincadeiras, na tentativa de amenizar seu impacto. É possível entender essa reação, analisando-se o papel de P no sistema familiar: ele era o detentor do poder, a figura forte, logo, não poderia ser suscetível a doenças.

Também importante foi a questão referente às identidades dentro do sistema familiar e como essas identidades, por definição caracterizam a relação, marcadamente por um mecanismo de repetição. Se Fo é o revoltado, tem caminho aberto para repetir muito do padrão de comportamento de P, enquanto Fa, sendo a mimada, também repete o comportamento que M tinha, particularmente na relação com P, que a "poupava".

T procurou trabalhar não apenas com o objetivo de colher dados, mas, secundariamente a isso, colocar os filhos em contacto com eventuais memórias de situações que pudessem estar obstaculizando sua presença na terapia. Essas memórias surgiram por meio das situações por eles entendidas como provocadoras de remorsos. Outro objetivo de T era fazê-los aceitar seu papel como promotores de mudanças na relação familiar, a partir de uma visão diferenciada acerca da morte de P. Em especial Fa mostrou-se muito resistente a aceitar essa proposta pois significaria parar de se comportar como P, que foi sempre o forte, para admitir sua própria fragilidade. Para ambos os filhos, manter M na posição de mais fraca, de quem precisa de mais cuidados é uma repetição da identidade já atribuída a ela antes da morte de P.

NONA SESSAO

M chegou sem os filhos e, assim que entrou na sala, começou a justificar a ausência deles.

M Ela falou: "Mãe, não precisamos ir lá, não insista, mãe! E' bom para você, você acha que está sendo bom para você, mas não insista mais", e eu falei: "Está bom. Eu vou lá conversar". Se bem que agora está até... fazendo ginástica, machucou o pé no mesmo lugar agora.

T A Fa?

M A Fa. Agora diz que vai ter que...ela vai ficar só com a goteira até segunda... e segunda vai ficar três semanas com o gesso e a botinha, para ver se agora realmente fica bom.

T E ela machucou nas mesmas condições ?

M Ela... foi fazendo salto nas Olimpíadas da escola. A professora falou para ela na semana passada que ela tinha conseguido o segundo melhor lugar da turma do Colegial. Acho que ela se empolgou e viu se conseguia dar um salto maior ainda, não é... e no que ela caiu, a professora mesma escutou o estalo, mas não chegou a quebrar, foi uma luxação... e aí... foi lá... tirou chapa e tudo... dá para notar, foi no mesmo lugar onde ela havia se machucado. Agora, diz que vai colocar bota e colocou a bota... não é bota, é gesso... faixas, que ela não pode colocar o pé no chão. Ela está andando de muleta. Eu falei: "Vou para casa, pego vocês e venho", mas não querem de jeito nenhum! "Não, mãe, não insista, por fa

vor!", e eu falei: "Está bom. Eu vou lá conversar". No domingo, no Dia dos Pais...para eles enfrentarem assim naturalmente, sabe... eu é que ... meu pai, minha mãe, minha irmã, meu cunhado, foram todos almoçar em casa, mas...

T O convite foi iniciativa sua ou foram eles que quiseram?

M Foi...foi iniciativa... a minha irmã queria que eu fosse para lá, para F. (cidade onde mora a irmã), mas eu... eu estou sem... o carro não está bom, então eu falei: "Não vou, não vou gastar. Não dá, mãe. Não vou poder arrumar o carro agora para poder viajar". Então a minha irmã falou: "Então, nós vamos para aí. O E. fica na mamãe para procurar emprego", porque o meu cunhado está procurando emprego. Então, foram eles que vieram e aí ficaram em casa, porque na mamãe é muito pequenininho lá o apartamento dela no B. E eles ficaram em casa e o papai veio, a mamãe e passamos o dia bem assim...eu enfrentando tudo naturalmente. Quando foi à noite, me deu aquela batida forte, assim, de imaginar... aí eu cheguei a chorar... eu chorei... cheguei até a conversar com ele. Aí, na segunda-feira de manhã, não consigo lembrar o motivo... eu sei que falei assim: "Eu ontem..." e a Fa falou: "E', ontem você conseguiu, mas teve que deixar a peteca cair à noite, não foi, mãe? Mãe, isto já está se tornando uma paranóia. Cai na real, mãe, cai na real!"

T E o que é "cair na real"?

M E' aceitar, para ela é.

T Mas será que você ficar triste significa não aceitação?

M E'... eu... às vezes eu fico encarando assim... às vezes eu acho

que está difícil, difícil demais ! Eu não sei se é aceitar...Eu entendi assim, que "Cai na real, mãe!" é que não tem mais volta... e foi aí que mexeu mesmo... assim... aquela firmeza dela, sabe, de chamar minha atenção: "Cai na real, mãe!". Aí eu... esta semana toda estou assim meia baqueada.

T Será que o Dia dos Pais sem o P teve mais efeito sobre você do que sobre os filhos?

M Teve... teve mesmo. Do lado dele, a família dele viajou, não tinham voltado, voltaram ontem, não é? Então, ontem foi que nós conversamos e tal e cada um ficou na sua casa assim, do lado dele, a irmã, o outro irmão. Não teve nada para... para dizer assim: "Ah, a reunião que eu participei...". Não teve nada, foi ontem que os pais dele voltaram do Interior, de B., mas... agora...não sei... está difícil.

T Parece que essa questão de datas sempre foi difícil para você, não é?

M Foi...

T E agora continua sendo, para marcar a falta... as datas. Nas datas, acontecia alguma cerimônia de reunião e agora é cerimônia de falta, de ausência.

M A gente ia muito para F. nessa data, por causa da minha sobrinha que fazia aniversário e tal. Nossa, eu... até a Fa falou: "Mãe, foi tão bacana você se lembrar de fazer um bolinho para ela!", porque eu fiz um bolo de chocolate que eles gostam e quando minha irmã ia pegar o ônibus às seis e meia, então quando foi cinco e meia chamei ali os coleguinhas do Fo mesmo, só dava ela de menina,

inclusive. Chamei os quatro coleguinhas do Fo que moram ali no prédio e cantamos 'Parabéns' para ela porque... sei lá... a minha mãe inclusive mandou mantimentos, coisas para eles fazerem um bolinho no domingo que vem, entre os vizinhos. Eu peguei e falei: "Domingo que vem você não vai estar com a gente, é seu aniversário", e fiz o bolo. Na hora de cantar 'Parabéns' para ela foi surpresa, ela não sabia, cinco horas, cinco e quinze ela viu o bolo e falou: "Para quê esse bolo, tia?" e eu disse: "É para você!" e aí cantamos. Não dava muito tempo, a minha irmã se acidentou dentro de casa e eu precisei correr com ela, fui para a Santa Casa com ela.

T O que aconteceu?

M No sábado, quando eles chegaram, tinha pastelzinho na geladeira, então minha irmã pegou e falou... eu falei: "Vou fritar pastelzinho". Aí meu cunhado, que não dava no carro todo mundo, ele vinha de ônibus lá do B. até em casa, e então eu falei: "Eu vou fritar pastelzinho até ele chegar e depois a gente serve a janta para a criançada mesmo. Ou serve a janta já?". Aí o meu sobrinho: "Ah, não! Eu quero comer pastelzinho". Aí era aquele pastelzinho pequenininho e acho que ele explodiu, o óleo estava bem quente, a minha irmã colocou e explodiu, foi bem no rosto dela. Então, na hora eu queria levar para o Pronto Socorro e ela falava: "Não, só foi no rosto, só foi no rosto!". Mas quando foi no domingo de manhã, ela não conseguia abrir o olho, porque chegou a queimar a córnea! Aí, quando ela não abriu o olho, eu fiquei assustada e falei: "Ah, não! Vamos para um médico!" e fomos num pertinho de casa, eles fa-

laram que não tinha Oftalmologista de plantão, que era para eu ir na Santa Casa. Eu fui com ela, então foi aquela correria de aguardar Oftalmologista. Diz que realmente chegou a queimar a córnea, mas graças a Deus não chegou a pegar a menina-dos-olhos, por isso não ia ter problema com a visão, mas que o branco realmente tinha ficado queimado! Ai deu... passou um colírio até segunda-feira, passou pomada e prescreveu curativo para ela fazer lá na casa dela, para ir na Santa Casa de lá... para...

T Continuar o tratamento...

M E', continuar o tratamento. E foi o que foi feito. Então, eu cheguei com ela da Santa Casa eram onze horas, então fomos correndo arrumar almoço, depois do almoço fomos arrumar a cozinha e, já quase cinco horas, fomos cantar o 'Parabéns', pegar a criançada para cantar o 'Parabéns'. Então, foi aquele movimento todo e... não sei... acho que não deu tempo. Quando eu fiquei sozinha com as crianças, mamãe e papai foram embora e tal... tipo sete da noite... ai fui me controlando... me controlando... quando foi nove e trinta eu comecei a chorar, mas achei que eles não tinham percebido, sabe? Fui para o quarto, fiquei no quarto, eles ficaram na sala com colegas e tudo, então... eu achei que não tinham percebido. Ai quando foi na segunda-feira de manhã, a fa me chama a atenção Foi como quando eu falo assim, quando o Fo faz alguma mal-criação, eu falo: "Puxa, benzão, como está difícil o Fo!".

T Essa é a sua conversa com ele?

M E'... eu falo assim... (está chorando nesse momento) da auto-afirmação dele: "Puxa, benzão, o Fo continua!". Eu falo assim... e

outro dia, comentando com a minha mãe, ela falou: "Você não tem que conversar, você tem que deixar ele em paz, filha!".

T Parece que você está se queixando que todo mundo à sua volta não aceita sua dor.

M É verdade... Eu falo: "Gente, eu fiquei dezesseis anos casada! Não é assim de um dia para o outro!".

T É', mas eu acho que o grande problema está em que foi (colocando ênfase) de um dia para o outro. Então, você não consegue mesmo se separar de um dia para o outro, porque é um processo mesmo difícil, agravado porque foi uma morte repentina e você não teve tempo para se despedir dele, não é? Uma pessoa que está doente, se a gente sabe que tem algum risco e tudo o mais, querendo ou não, a gente pensa na possibilidade daquela pessoa morrer, não é? Enquanto a pessoa está doente, a gente pode dar cuidados a ela, tentar amenizar a dor. Tentando algumas coisas, a gente vai pensando na possibilidade de perder. Esses cuidados também são uma forma de se despedir da pessoa. Na sua experiência, você não pode se despedir dele.

T É' incrível! A Fa, com esse negócio da perna, ela precisou pegar muleta emprestada e aí ela... acho que a mãe dos coleguinhas dela perguntou de mim e ela falou: "Ah, não sei se a data do Dia dos Pais... a mamãe... ela tinha dado uma melhorada". (diz isto chorando). Ela comentou assim e aí a mãe dos coleguinhas dela mandaram ... até eu ia trazer... Na correria de manhã esqueci... que eu fiz feira, cheguei em casa correndo para tomar banho que... estava atrasada... e acabei esquecendo. Tinha pensado em trazer, era

assim... não é "Pense em mim..."... tem uns dizeres... que a pessoa está bem lá, que o que a pessoa passou aqui foi insignificante, perto de onde ela está, como ela está. Eles são espiritas, por isso que ela me mandou. Mas não está nada escrito, tem uma parte que diz... que ele está bem onde está, que é muito bonito... se eu parar de chorar, ele vai conseguir uma luz que vai fazer com que... é muito bonito. Mas aquela dor da perda, que não houve tempo de um dizer para o outro aquele sentimento... é incrível! Foi na terça-feira, ele faleceu na quarta-feira e isso foi na terça de manhãzinha, peguei ele, levei no laboratório que ele tinha que fazer os exames, ele ia fazer um exame e mandar o Hollter depois, ia tirar na quarta a uma e ia fazer o ecocardiograma às duas e na quinta-feira ele ia pegar o resultado dos exames e todos os exames ele ia levar na quinta-feira à tarde para o médico. Então, com todos os exames e lá no laboratório... eu não consigo lembrar a palavra que a moça falou: "O que foi? Está nervoso?", porque ele teve que tirar bastante sangue, tirou três ampolas e ele falou: "Não, não estou nervoso". Eu não sei qual foi a conversa, ele falou: "... muito amor...", porque eu estava tão assustada com todos aqueles exames, tão baratinada! Inclusive na hora eu estava até rezando. Eu estava ali, mas a minha cabeça estava tão longe... não peguei bem a conversa, só lembro de ele ter falado assim: "... amor...", que foi quando chamou a atenção. As vezes, ele me chamava de "amor", às vezes ele me chamava de "benção", às vezes ele me chamava de "mamãe". Então, quando ele falou: "..amor..", eu olhei para ele e ela falou: "Pode ser exces-

so ou então falta". Ela quis dizer, ela deu uma palavra, não de excesso, mas como se fosse falta... não consigo lembrar. Fiquei com aquilo no carro... quieta... ai, chegando em casa, eu falei para ele: "O que ela quis dizer com aquilo de excesso ou...?" e ai foi quando ele falou: "Ou falta?" e foi quando ele mexeu na minha cabeça (faz o gesto, como de um cafuné) e falou: "Deixa para lá!". Eu... na hora... não sei... a minha reação deveria ter sido... o normal seria... sei lá...me defender, se era comigo a coisa, não sei... ficou no ar e eu não quis ali esticar o assunto e, você vê, ficou... No escrito que a H. mandou está lá: "Revelações que não houve tempo de dizer um para o outro, por causa de uma coisa assim repentina". Então, não sei... cada coisinha que está acontecendo e aconteceu...

T Então ficou um ponto ai para você, como se você tivesse faltado para ele?

M E'... então, eu falei: "Puxa vida! Eu fiquei me indagando, mas não me defendi". Eu só fiquei espantada com aquilo de "falta", mas não me defendi, não me declarei, sei lá.

T Você se sentiu acusada, porque você falou em se defender... quer dizer: você foi acusada por faltar...

M Isso! (interrompendo T).

T ... no seu amor. E, no dia seguinte, ele morre. Você não teve tempo, oportunidade para estar resgatando isso ai.

M E'...

T E' uma coisa que se prolonga, não é? Você tem sentimentos muito misturados em relação à morte dele. Você tem a perda, tem senti-

mento de culpa, isso aí que você falou e, em cima disso tudo, o choque pela morte repentina, porque ele ainda não havia se declarado, até então, um paciente cardíaco.

M Não.

T Estava em fase de diagnóstico e você não podia nem pensar que uma pessoa cardíaca tem risco maior de morrer de repente.

M Porque ele inclusive...eu, às vezes fico... porque a primeira vez que ele foi no Cardiologista, o Cardiologista perguntou se ele tinha convênio. Ele disse que não. As vezes, eu fico assim pensando... será que, se tivesse convênio, o Cardiologista ia encaminhar para fazer os exames internado? Porque no dia que ele faleceu e que foi chamado o médico para fazer autópsia, o Cardiologista mesmo não estava, foi um assistente dele e esse assistente mesmo falou: "Só estávamos esperando os resultados dele para dizer que ele iria para um transplante de coração". Até um vizinho meu que estava ali na hora se revoltou, estava ele, meu cunhado e um primo do P e o A. falou: "Vocês, sabendo disto, mandaram o P para casa? Por que vocês não internaram o P, então?" e o médico falou: "Mas foram solicitados os exames!" e o A. falou: "Mas se era tão grave assim, por que mandaram o P para casa?". Tanto que o primo do P teve que tirar o A. dali, ficou só o meu cunhado, ficou o J. com o médico. O A. se revoltou na hora que o médico falou que sabia que o P ia partir para um transplante de coração, que só esperava o resultado dos exames. Então, fica aquela coisa assim, se houve falhas. Não sei. Dia trinta e um de maio, ele ia no médico, para ouvir o coração dele, ouvir as costas e falar que era estresse.

T Acho que aí você também se defronta com seus próprios limites, não é? Você não saberia o que seria correto a ser feito, de maneira que você pudesse fazer esse correto. Ficaram muitas suposições: "Se eu tivesse feito isto...se eu tivesse sabido... se eu tivesse convênio..."

CoT Fica também a falta de poder ter se preparado para a morte. O que você está contando é que você está muito sozinha, não é? Não aparece ter mais a tolerância das pessoas de estar com você na sua dor. Elas falam de como ele está bem lá, mas parece que não estão podendo te apoiar. Você fala dos acidentes da sua filha, depois a história do Dia dos Pais e de como você pode estar ali junto.

T Na sua hora, ninguém aceita sua fraqueza, não é?

M Não...não... eles acham que... eu tenho que aprender a suportar (está chorando com muita intensidade). Não sei, eles falam assim: "Acabou", com tanta facilidade, me choca...

T Tem uma coisa que a gente já falou aqui: embora tenha sido o mesmo homem, o mesmo P, que morreu, você tinha com ele uma relação de uma forma, as crianças tinham de outra, cada um do seu jeito também. Então, é como se tivessem ocorrido três perdas diferentes. Então, naturalmente, as razões são diferentes.

M E', as crianças, por exemplo, o Fo, eu ligo: "Fo, tudo bem?", "Está", "Tem lição?", "Tem", "Já fez?", "Já". Sabe? E'assim. Hoje, por exemplo: "O mãe eu espirrei forte". Ele deve ter feito aquele escândalo na hora de fazer o espirro na escola, na classe e a professora de Português botou ele para fora da classe. "Ah mãe, aconteceu um negócio hoje, mas eu não fui... eu não tive anotação,

você não vai precisar assinar nada, não! Eu fui botado para fora da aula de Português", e eu perguntei: "Fo, o que você aprontou?", e ele repondeu: "Não, eu só espirrei! A professora pegou e me botou para fora da sala de aula". Não sei se já é implicância da professora porque, outro dia, ele estava com tosse e a professora mandou ele parar de tossir (ri, ao contar este fato). Acho... eu até imagino como foi o espirro dele, porque às vezes na hora de espirrar, quando vem aquele espirro mesmo...

T Faz o maior carnaval...

M Faz! Então, eu imaginei como tenha sido, mas na tosse, eu cheguei lá na Coordenadora no dia que eu fui pegar as notas dele, eu cheguei a comentar com a Coordenadora: "O Fo está com uma tosse seca, eu estou dando remédio, estou dando mel". Daí a professora implicar com ele, que ele tem que parar de tossir... será que ela não tem tosse também? Eu estando remédio, dando mel, não sei mais o que dar, ele está sendo medicado. Ai a Coordenadora deu risada e ficou por isso mesmo. Hoje teve aumento de passagem aérea, então, eu sai do serviço, visitei algumas agências, liguei para lá e o sub-gerente falou assim: "Vem para cá que está uma loucura! Você vai visitar mais alguma agência? Onde você está?". Eu falei: "Estou aqui no centro mesmo", e ele falou: "Então vem para cá, que isto aqui está uma loucura!". Então, como as crianças tinham dito que não queriam vir, eu tipo cinco e trinta liguei em casa e falei: "Tudo bom?", a Fa: "Está", e eu falei: "Olha, daqui eu vou direto, está bom? Não vou em casa", ela falou: "Está bom". Eu sei que falei mais coisas, perguntei e ela só falava: "Está bom", não

conversava. Eu sei que eu falei: "Nossa, filha, conversa comigo!". Ela falou: "Eu não estou respondendo, mãe?". Ai, eu peguei e falei: "Está bom. Tchau." e ela: "Tchau". Sabe como é, aquela coisa bem prática...

T Você está falando também de uma outra forma de ausência: uma ausência do diálogo, do contacto com eles, de empatia pelas suas coisas.

M Isso!

CoT Da perda deles, como crianças.

T Do quanto eles vão poder crescer, ficar autônomos.

M E' sim!

T Você vai vendo esse processo aí com um certo medo, não é? Eu gostaria que você desse uma pensada e que conversasse com eles também. Mesmo não vindo, é muito importante eles estarem acompanhando com você. Mas dê uma pensada com eles sobre uma maneira de despedida que fosse possível, simbolicamente, não é? O que será que ficou para eles e não foi dito? O que você também não disse? Quando, repentinamente, ele foi arrancado do convívio de vocês... Nós falamos hoje dessa dificuldade de manter o contacto... então pense em uma maneira, um jeito simbólico.

M E'...houve...até quando a CoT chegou a falar da gente ir no cemitério, a Fa falou: "Eu não vou! Eu não vou no cemitério!". Eles participaram da missa de um ano, mas eles não ficaram perto de mim, um ficou num canto, o outro no outro, porque disseram que eu ia chorar: "Não queremos te ver chorando". Então eles foram e eu fui mais cedo para a igreja, porque ia ter um terço, porque a fa-

ilia do P, todo ano... eles se reuniam na casa da avó do P para rezar o terço na época de São João. Eles faziam aniversário de casamento, os avós do P, aí eles faleceram e eles continuaram todo ano fazendo o terço. Então, reúnem todos, vão os filhos, netos, bisnetos, é a maneira de a família, uma vez por ano, se reunir. No ano passado ia ser na minha casa, já tinha sido uma vez, mas a irmã caçula da minha sogra... a filha se separou, teve problema de separação na família, e aí ela não frequentava mais os terços, aí Dona N. pediu: "A L. pediu se você cede o terço para ela", e eu falei: "Cedo". Então foi na L., até o P foi e eu... as crianças tinham festa junina na escola, eu cheguei, ele ficou lá batendo papo, conversando com a família dele toda, eu levei as crianças na festa junina deles, depois voltei e fiquei um pouco com o P, depois fui buscá-los. E quando foi neste ano, falei: "Este ano é na minha casa, não vou ceder para ninguém!". Ia ser no dia vinte e três, que ia ser no domingo, aí no dia dezanove o P faleceu. Aí quando foi na missa de Sétimo Dia do P, uma hora antes nós rezamos o terço, na igreja mesmo, e agora neste ano foi a mesma coisa: uma hora antes da missa, a família dele toda rezou o terço.

T Um ritual que mudou de características, não é? Mantém-se o ritual de rezar o terço normalmente, na mesma época, só que antes era para celebrar um aniversário de casamento, a origem da família, dos avós. Agora, parece que a coisa mudou. Mantém-se, reza-se o terço todo ano, mas associado à missa do P.

M E', porque inclusive mudou mesmo, você falou a palavra certa. Antes, se rezava pela avó, pelo avô falecido e o P teve um primo que

faleceu aos trinta e três anos, de câncer, ele já estava assim meio doente, era uma coisa que a gente já estava assim...só que eles... ela é irmã da Dona N., só que, como o marido é crente, ela foi para o lado do marido. Então, na hora de rezar o terço, em noventa, o R. já tinha falecido, mas rezou-se o terço pela avó, pelo avô, mas ninguém falou nada do R., enquanto que agora... quando houve o terço, a tia D., que ofereceu o terço falou: "Por todos os falecidos", e falou o nome dos avós, do R. e do P. Então, eles falaram que estava fazendo um ano da morte dele. Quer dizer, eles realmente mudaram.

T Pois é, a família tem algumas formas de fazer seus rituais para a lembrança, não é? Por isso, eu gostaria que você pensasse em uma maneira de se despedir dele, está faltando essa despedida, porque, veja bem, a despedida que você não pode fazer, em função do tipo de morte que foi, uma morte repentina. Agora, como ele vai ficar dentro de você, isso é uma outra coisa. Você até vai poder resolver como fica a memória dele. Então, vamos pensar uma forma de você e os filhos se despedirem dele. Eu acho que as crianças temem muito a sua dor, porque ela toca na dor deles, que eles tentam evitar, eles estão segurando e, quando eles vêem a sua dor, é impossível estar junto de você e não sentir alguma coisa disso. Eles sentem e não querem sentir, não é?

M Eu briguei com o Fo, porque na sexta-feira teve a...a escola fez comemoração de Dia dos Pais e a Fa virou e falou: "Mãe, eu gostaria de não ir, depois, eu vou ter só duas aulas, eu gostaria de não ir". Eu falei: "Tudo bem". Ai o Fo falou: "Se ela não for à

escola, eu também não vou". Eu falei: "Fô, é diferente!", mas ele disse: "Eu também não vou porque eu vou ter ensaio e depois, vou ter só duas aulas também", e eu falei: "Mas, filho, vai ser diferente, é um ensaio. No dia que for a sua festa mesmo, que é terça-feira, aí você vê. Se você não quiser ir, eu aceito, tudo bem. mas amanhã você vai". Ele falou: "Não, eu não vou! Se ela não vai, eu não vou!". Eu falei: "Está bom, mas tem o seguinte: na terça-feira, que é o dia da sua festa, você vai participar, você vai para a escola, porque faltar amanhã e faltar terça-feira não dá!" Ele falou: "Tudo bem". Quando foi na terça-feira, olha... eu fiquei com o coração desse tamanhinho de ter deixado ele lá, mas eu não podia voltar atrás.

T Ele estava triste?

M Estava... ele estava triste, ele estava quieto, mas foi.

T Foi o combinado.

M E'... ele foi...sabe... quando eu comecei... fui chegando perto da escola e fui vendo pais saindo do carro, coleguinhas que estudaram no Prezinho que eu conhecia e tal... fui vendo... de uma esquina na outra, eu acho que vi uns cinco pais conhecidos. Aquilo me deixou com o coração super apertado, mas eu não podia voltar atrás de jeito nenhum!

T Por aí você vê que ele também está machucado. Quando eles ficam falando que está tudo bem, que é você que precisa, não compre isso barato, não! Eles também precisam e agora ele recebeu até a sua força para enfrentar a dor de ir a festa dos pais, sem ter o pai com ele. Acho importante você estar conversando com eles, para

dizer que você identifica isso neles, que é possível eles estarem assim e você poder ajudá-los.

M. Porque eu briguei com o Fo, eu fiz assim: "Pôxa! Eu devia ter ido na festa da Fa e hoje eu viria na sua festa também". Ele fez assim: "Por que?" e eu disse: "Ué, porque agora eu sou pai e mãe. Pensando bem, eu acho que eu devia ter ganho pelo menos um beijo de Dia dos Pais...". Ele falou: "Não, senhora! Voe é minha mãe! Que conversa é essa? Você é minha mãe!"

Cot Ele fala da perda, como ele está sentindo essa ausência.

T Ele fala que o pai não é substituível.

M Depois, comentei com a Fa e ela disse: "Eu comentei com as minhas colegas e elas falaram que eu devia fazer um presente para você, de Dia dos Pais, mas eu falei que não". Eu falei: "Por que não? Eu não sou pai e mãe agora?" e ela fez assim: "Ah, eu estou concordando com o Fo. Eu não quis fazer, não!".

T E', mesmo se defendendo da dor, eles estão te dando um recado importante aí: P morreu, você é a mãe deles, eles precisam que você seja mãe do seu jeito, sem querer ser pai, ou seja, sem precisar repetir o modelo do P. Nós vamos terminando por hoje, mas eu queria que você pensasse nisso que eu te falei, mas pense junto com eles, falando com eles, até para você poder perceber como está sendo para eles... eles também não se despediram do pai. Vamos ver, então o que você faz?

M Está bem, vou ver o que eu posso fazer.

ANALISE DA NONA SESSÃO

Apesar da falta dos filhos, foi possível trabalhar com M o aspecto da super-ritualização na família e do sentido que os rituais têm para eles. Dada a orientação religiosa, os rituais são praticados com essa vestimenta: orações, missas, cerimônias grupais em torno da memória dos ausentes. Têm a função de, pela repetição, impedir a mudança. Considerando-se o ritual como recurso terapêutico, exatamente para promover a mudança, utilizá-lo com essa família acabou mostrando que traria um efeito oposto ao esperado, ou seja: uma nova forma de manter o comportamento, sob um ângulo diferente do que até então existia.

Com este cuidado em mente, T procurou sugerir um procedimento de mudança que envolvesse M e os dois filhos, sem fazê-los envolver-se, como seria no caso de um ritual. Foi proposto, então, que pensassem em uma forma de despedida, uma vez que grande peso estava sendo dado ao tipo de perda sofrida - repentina - como relacionada ao luto patológico, por não lhes ter dado oportunidade para fazer as despedidas. Também dessa maneira, não associando com alguma data ou evento especial, a família, e particularmente M, poderia ter uma boa oportunidade para diminuir o impacto que colocava nos rituais.

Ressalta-se a importância da colocação dos filhos acerca da necessidade de M se considerar mãe e pai, simultaneamente, por assumir as funções que tradicionalmente eram de P. Quando eles rejeitam a idéia, estão dando a M um valioso parâmetro de sua expectativa quanto ao papel que ela deve desempenhar diante dessa nova realidade : ela não é

pai e mãe, mas deve ser uma mãe que faz coisas que antes não fazia. A reação dos filhos traduz muito mais uma aceitação da perda do que sua negação. Neste sentido, a atuação deles é positiva, para impulsionar M a aceitar a realidade também, pois os filhos não precisam dela de uma maneira que ela não pode ser, e sim, pelo contrário, de uma maneira na qual ela já está, lentamente, se posicionando.

DECIMA SESSAO

T Como está?

M Estou bem. Eu acho até que passei bem ontem. Eu fui, participei da missa, mas bem controlada. Eu decidi ir aos pouquinhos me libertando das coisas dele, como travesseiro... eu estava usando o meu e o dele, juntei os dois e agora separei. A única coisa que ainda não me libertei foi da aliança, porque foi tudo dado. A roupa dele, o que tinha do lado dele meu irmão botou tudo numa caixa e entregou para um senhor lá.

T Logo em seguida da morte?

M Logo em seguida. Logo em seguida meu irmão botou tudo, não foi nem eu, foi meu irmão. Só que tinha alguma coisa dele no quarto das crianças, tinha alguma coisa dele no meu lado do guarda-roupa... então, o que ficou eu usava, o pulover eu usava. Os travesseiros, eu coloquei os dois travesseiros, usava. Ai, com a nossa conversa da semana passada, eu pensei: "Preciso começar a aprender a me libertar... desse..." e já separei o travesseiro, o pulover, assim assim as coisas que tinha, eu lavei, não dei, eu lavei e guardei lá em cima do guarda-roupa. Só a aliança que eu acho que ainda não consigo, não.

T Interessante! A expressão que você usa é 'se libertar'...

M E', eu acho que... porque ainda outro dia a Fa me chamou a atenção, que foi Dia dos Pais, ela fez: "Mãe, acabou, não é? Está se tornando uma paranóia.". Eu fiquei... Ai esta semana eu falei: "Eu vou...". No sábado... foi difícil, porque este sábado teve movimento, tinha colegas do Fo, porque ele ganhou no boliche medalha

de bronze, a equipe dele foram lá para casa, mas com todo o movimento que teve, eu trabalhei no sábado, fui correndo para poder assistir o jogo, não é? Teve três jogos seguidos, quando estava disputando a medalha de ouro, estava perdendo, perdeu por cinquenta pontos de diferença, eu comecei a ficar nervosa. Eu pensei: "Não é possível! Antes eu fazia tanta companhia e agora... eu fico tensa com... também, estou querendo demais do menino!". Ai eu resolvi sair dali, fui para o lado da bocha, onde eu tinha jogado muito antes... e fiquei lá conversando com o pessoal. Ai, quando eu voltei, estava disputando a de bronze já. Eu me distrai bastante, cheguei em casa às sete e meia da noite, tomamos um lanche, ficamos até que acabou todo o movimento da criançada, eram umas nove e meia... foi a conta de eu me sentir... o Fo foi jogar, fazer um jogo e eu fiquei ali sozinha na sala, já deu aquele estalo assim, aquela saudade... eu falei: "Eu tenho que vencer isso!". Ai eu levantei, não dava para ficar parada, mexi nas roupas. Eu sei que eram onze horas da noite e eu estava mexendo em guarda-roupa, para não parar.

T Fim de semana é mesmo mais difícil, são os dias em que vocês podiam ficar mais juntos. E como você não pode se despedir dele, ficou se despedindo das coisas dele.

M Principalmente no sábado que ele...no domingo ele tinha a turma dele, a turma da igreja dele, que eles jogavam baralho de sexta à noite e às vezes domingo ele também jogava, agora, sábado não, sábado ele ficava com a gente, comigo, porque morávamos na vila, a criançada não parava dentro de casa. Se não estavam jogando bola,

estavam jogando "WAR", estavam ouvindo música, mas estavam lá fora, porque a área é coberta, aberta, mas coberta. Púnhamos os carros para fora, eles ficavam na garagem, ouviam música, ficavam conversando. Era eu e ele sempre, pegava um filme ou então assistia novela, os filmes do canal cinco, que ele sempre gostou. Então, era assim, no sábado, sempre juntos. No domingo, ele ia jogar, tipo quatro e meia, cinco horas e aí voltava às nove e meia, dez da noite.

T Quer dizer, o sábado era o dia que você tinha ele para você.

M E'.

T Então agora faz mais falta, mesmo. Nesse dia, quando você sente que não tem... Mas está interessante seu esforço para se envolver com outras coisas, para poder ter outras atividades, fazer contato com as pessoas, não ficar somente envolvida com aquilo, não é?

M E', eu estou procurando... O Fo é sempre mais companheiro, ontem mesmo cheguei do serviço, fui para a sala, estava passando roupa e ele falou: "Mãe, vem assistir, está passando 'Você decide'", e eu falei: "Não, filho, estou passando roupa", e ele falou: "Larga aí um pouquinho, vem aqui", e eu falei: "Estou tão cansada, eu acho que não vou conseguir assistir nada", e ele falou: "Pelo menos, deixa aí um pouco, você já não passou bastante?", que ontem eu consegui sair mais cedo do serviço, então sete e meia da noite eu já estava livre, passando a roupa. Eram quase dez horas quando ele falou, não é? E eu deitei ali com ele no sofá, mas eu nem assisti, eu dormi!

CoT E como está o 'Você decide' com eles?

M E', eles estão do tipo bem decididos, mesmo! Eles resolvem, eles decidem, tanto que esta manhã mesmo eu tive uma conversa séria com a Fa, porque no apartamento quatro, embaixo, a mãe faz faculdade, a mãe das meninas, então tem aquele movimento, aquele pessoal, as colegas vão ouvir música e eu fico implicando porque no dia que eu não ponho horário... segunda-feira eram onze e quinze quando ela apareceu, em plena segunda-feira. Quando ela chegou, eu falei assim: "Olha, eu não fui atrás porque eu queria ver até que horas você ia ficar na casa dos outros. Isso é um absurdo!", eu fiz para ela.

T Ela estava no apartamento de baixo?

M Estava.

T Você sabia onde ela estava?

M Sabia, sabia. Ai, bom... quando foi na terça-feira, eu falei: "Dez horas aqui". E a gente escuta conversa lá embaixo, a gente escuta o rádio que eles colocam alto. Eu falei: "Dez horas aqui!". Como ela está com o pé engessado, ela desce de uma vez só para não ficar descendo e subindo toda hora. Ai, quando foi dez e cinco veio uma coleguinha que mora no andar de cima do meu, que também estava lá e fez assim: "Você deixa a Fa subir às dez e meia também?". Eu falei: "Está bom". E nisso deu dez e meia, deu quinze para as onze e nada! Dez para as onze eu desci lá e falei: "A J. não disse que você ia subir às dez e meia? Por que você não subiu?" e ela fez: "Eu já estou subindo, mãe", mas eu falei: "Não, você vai subir agora". Ai ela subiu comigo. Ontem, ela fez assim: "Tchau, eu estou indo lá em baixo", e eu fiz: "Dez horas aqui!".

Ela fez: "Ah, mãe, a J. vai trazer o filme dela de quinze anos, que eu ainda não assisti. Pode ser que demore". Eu falei: "Você já assistiu uma parte, foi justamente o final que você assistiu, quando passou da outra vez. Então, até as dez horas você esteja aqui". Mas eu dormi no sofá, porque o Fo falou: "Mãe, vem assistir comigo", e eu acordei com ela abrindo a porta, eram vinte e cinco para as onze. Eu não falei nada na hora. Acordei assustada com ela abrindo a porta e falei para ela: "Fecha a casa", ela fechou o apartamento, foi para o quarto e não falou nada, só fez: "Boa noite, mãe". Só. Ai, quando foi hoje de manhã, eu falei com ela assim: "Você está muito decidida, você fica fazendo seu horário, o que eu falo entra por um ouvido e sai pelo outro...Cuidado, porque se me dá um revertério de eu mudar a coisa dentro de casa você vai sentir. Você vai sentir e muito. Eu não sei o que eu vou fazer, mas que eu vou tomar uma providência, eu vou". Porque ela, com negócio do pé machucado, não está indo na datilografia, mas ela tem... Eu ligo às cinco horas da tarde, ela não está, está no prédio, nunca dentro de casa. Eu falei: "É um absurdo você ficar para cima e para baixo, na casa dos outros o dia inteiro. Você tem o que fazer dentro de casa", e ela fala: "Mas se o Fo não faz, por que eu tenho que fazer?". Então, fica briga entre os dois e eu falo: "Você tem o que fazer dentro de casa, Fa. Não é possível que no primeiro colegial você não tenha lição para fazer em casa! Eu vou ter que ir lá, pegar sua agenda diariamente agora? Vai ser pior do que... Eu nunca precisei disso, vou precisar disso agora? Você nunca tem lição? Você nunca tem nada para fazer? Cuidado, por

que, se vier nota baixa...Você não está se esforçando nada, nada, para que não aconteça. Do jeito que está indo a coisa, você vai vir com nota baixa e eu não vou aceitar. Seu pai não aceitava, por que eu vou aceitar? E o fato de você não ouvir o que eu falo para você? Eu imponho horário, você não me dá a mínima! O que está acontecendo?". Ela não falou nada. Mas também o Fo fica decidindo as coisas. Amanhã tem duas lá na firma que fizeram aniversário, então resolveram ir no restaurante. Então, eu cheguei em casa, estava passando roupa e comentei com ele: "Fo, sexta-feira a H. está fazendo aniversário e a R. fez aniversário segunda-feira, então o pessoal estava falando de a gente ir comer pizza, comer alguma coisa e a mamãe vai". Ai, ele pegou e fez assim: "Você vai?", e eu falei: "Vou", ai ele fez assim: "É mãe, mas eu já combinei com o pessoal". É que a Vô, que a gente chama de Vô, que foi minha vizinha lá da vila, ela abriu uma casa de massas lá na G., então ele falou: "Ah, mãe, mas eu já combinei tudo com os meninos que sexta-feira nós vamos lá comer uma esfiha". Ai, eu peguei e falei: "Não vai dar, eu já combinei", e ai ele falou: "Mãe, os filhos em primeiro lugar!". Eu falei: "Eu já marquei e a vida inteira eu coloquei vocês em primeiro lugar. Não é pelo fato de eu não levar vocês na sexta-feira que estou colocando você para escanteio". Ai ele ficou quieto. Ele falou: "Se o E. levar, tudo bem?" e eu falei: "Está bom", porque amanhã é inauguração da loja, da casa de esfiha. Acho que deixar o q ue eu combinei com o pessoal para acompanhá-los...

T O que você está falando... muito dessa sua luta para ficar em

pé... para ter mais o seu papel de mãe junto deles, é bem claramente isso que você falou: "Está bom, filho, até te ponho em primeiro lugar, mas eu tenho um programa para amanhã". É essa coisa de assumir uma posição dentro das decisões, que é realmente uma função sua. Você está lá, está pontuando essas coisas, está dizendo o que você espera. É nesse sentido que eu vejo você mais forte, até para estar enfrentando as demandas que eles fazem, que muitas vezes não são razoáveis.

M E'... Muitas vezes eu, inclusive... O Fo é muito bagunceiro, assim em questão de deixar tênis aqui, roupa ali, mala. Quanto a isso, a Fa não, é mais organizadinha. É tudo coisa assim que, se de repente um grito, junta tudo e fica tudo em ordem, mas é aquela mania de deixar as coisas assim jogadas. Então, ontem mesmo eu falei para ele: "Fo, eu vou conseguir sair mais cedo daqui hoje, está tudo em ordem aí?". Porque na terça-feira eu cheguei, eram quinze para as oito e na segunda-feira eu cheguei eram oito e meia, quase... eram mais que oito e meia. Então, ele estava acostumado que, quando era sete e meia, quase oito horas, ele colocava as coisas em ordem para que, quando eu chegasse, não ficasse implicando. Quando foi na terça-feira, eu cheguei um pouco mais cedo, eram sete e meia, vinte para as oito e encontrei tênis... encontrei tudo fora do lugar e falei: "Puxa vida! Tudo fora do lugar!". Foi por isso que ontem eu falei: "Fo, estou chegando mais cedo hoje", e ele falou: "Ah, foi bom você ter me avisado", (M ri, ao contar essa passagem, parece alegre por chegar a um acordo com Fo).

T Ai ele arrumou?

M Arrumou (diz isto ainda rindo)! Se eu não aviso que chego mais cedo, ele não se preocupa de deixar arrumado. Eu tenho que avisar que estou chegando.

T E essa questão de um fazer mais do que o outro, ela tem mais coisa para fazer, ele não tem... Não dá para dividir um pouco essas tarefas?

M Dá, eu tento. Tanto que eu falo: "O que você tira do lugar, se você coloca no lugar novamente, você já está ajudando horrores". Eu falo. E a cozinha, porque a briga toda é a cozinha, um lava louça, o outro guarda e no dia que não é para lavar, se o outro não guarda... é uma briga entre eles, sabe? E' tudo coisa que eu divido assim: lavar e guardar, é um só. Eles não aceitam. Então, como a Fa, com o gesso, está deixando a casa inteirinha com... Ela não podia ter colocado o pé no chão domingo ainda, porque eles falaram para ela colocar o pé no chão na segunda-feira.

T Hum, hum.

M Ai, no domingo, ela achou que o salto, o gesso já estava seco e eu eu falei: "Não está seco ainda, nada de muleta hoje! E' depois de amanhã, segue à risca o que eles falaram", e ela só falava: "Não, mãe, está seco. Não, mãe, está seco". Então, tipo duas horas da tarde... porque disse que estava doendo embaixo do braço e tudo, então... já abandonou a muleta. Foi domingo à tarde e segunda-feira de manhã que ela foi sem muleta para a escola. Quando foi à tardinha que eu liguei: "Mãe, o saltinho afundou". Eu falei: "E'? Você não seguiu direitinho...". Então, no que o saltinho afunda,

força o pé, ela sente. Então, está usando muleta para não colocar o pé no chão, não forçar o saltinho e a casa toda está cheia de gesso e daí eu falei: "Dá uma varridona casa que está com gesso até...!". Ai: "Ah, mãe, não inventa moda! Não vai sobrar para mim!". Porque, ela, com a muleta, não dá para varrer, então ele ficou bravo. Ontem, ele enrolou, enrolou, enrolou e não fez. Ontem, eu acabei fazendo, eu acabei chegando mais cedo e fazendo.

T Mas é uma situação de exceção, não é? Ela não vai andar com a muleta, não vai estar com gesso para sempre. Então, a gente pensa aí um outro jeito para lidar com situação de exceção. Eu penso que vale a pena estar vendo com eles como fazer isso. E fazer com que as tarefas que são deles sejam responsabilidade deles, não é? Pelo menos, se você puder colocar com mais clareza: "Olha, é o seguinte: eu também quero me divertir, eu também quero sair, atendo as necessidades de vocês, mas também tenho as minhas". Quer dizer: você está conseguindo colocar isso, o que é muito bom, não é? É bom para eles poderem escutar você nesse aspecto que é seu.

CoT E', porque na medida que você se coloca em primeiro lugar, eles ficam mais atentos.

M Hoje mesmo, por exemplo, eu falei: "Vou chegar tarde", ele falou: "Você vai me buscar? Eu tenho jogo contra o E. (nome de um clube), vai terminar às dez da noite, então espero você ir lá". Eu falei: "Está bem". Hoje ele tinha jogo até... ia começar... eram dois jogos seguidos, tipo eliminatória, mas aí já é futebol, futebol de salão e ele tinha contra o E. hoje e ele falou assim: "Mãe, você vai me buscar?". Eu falei: "Eu vou chegar tarde hoje, eu vou na

PUC". Ele fez assim: "Eu te espero, eu tenho vergonha de pedir carona". Eu falei: "Está bom". Então, aí, quando eu chego em casa, eu pego o carro e vou lá buscá-lo.

T Você vem direto do serviço para cá e daí você vai...

M (interrompendo-a) E', aí eu vou em casa, pego o carro e vou buscá-lo. Mas ela está... deve estar no apartamento quatro ou no trinta e seis. Ela fica assim, ela fica no prédio, só que eu acho chato ser uma menina que fica dentro da casa dos outros direto. Eu falo: "Puxa vida, eu acho tão feio isso! Que você vá uma vez por semana fazer uma visita, que uma vez por semana fique lá ouvindo música com a menina, tudo bem, até aí eu concordo. Mas, se você não tiver aula, de manhã, de tarde, de noite na casa dos outros, eu acho um absurdo!". E ela faz assim (mostra com os dedos polegar e indicador das duas mãos, fazendo um quadrado), faz assim para me colocar num quadradinho.

T Dizendo que você é "quadrada"?

M E', dizendo que eu sou "quadrada"! Eu fiz para ela: "Está bom. Me deixa com o meu quadrado aqui que eu te ponho na linha". Eu coloquei ela na Datilografia justamente para isso, que terminando a Datilografia, ela já tem quatorze anos... eu vou procurar um emprego para ela, que em casa ela não vai ficar. Ela não me ajuda em questão de ... uma janta. Isso não!. Ela é organizada nas coisas dela, assim de roupa, sapato, não tem nada jogado, nada. Mas se eu falar para ela passar uma roupa, ela não passa: "Ah, não. Não sei passar". Se eu deixo uma roupa de molho e falo: "Filha, dá uma outra esfregadinha e coloca na máquina para a

mãe?", ela fala: "Tem certeza? Você faz quando você voltar, quando você chegar". Ela não faz.

T E', ela está vendo só um lado do crescer: o crescer para ter liberdade, para chegar tarde, para fazer os programas dela. Mas crescer também significa aumentar suas responsabilidades, não é? Cabe a você estar mostrando isso para ela. Assim também quanto a eles virem aqui. Também cabe a você entender que alguma coisa é necessária a eles. Eles têm dificuldade em vir e por isso dizem que não precisam e colocam você no papel de grande sofredora da família. Se você não veste essa roupa e diz: "Espera aí! E' um problema nosso, de nós três", se você não é a grande sofredora da família, você consegue trazê-los aqui. Porque crescer faz parte de aceitar que se faz coisa de que não gosta, que a gente enfrenta as dores que a gente pensa que não vai aguentar.

M E', eles falam assim: "Mas ir lá e falar do papai?". Eu tenho notado que eles comentam muito assim, uma vez vi o Fo comentar: "E' o meu pai", não lembro o que foi no sábado, que ele estava lá com a turma, conversando ali e ele fez um comentário do pai e eu fiquei assim alerta: "E', porque o meu pai... meu pai fazia...", não lembro bem o que era, mas tenho notado que ele tem falado assim naturalmente, sabe? Ele conta o caso, não como se estivesse ali com a dor, ele fala assim normalmente. Como ontem, eu falei: "Vamos comendo, não quero chegar atrasada, porque a missa começa às sete horas", porque eles entram às sete horas e dali da escola até a igreja, com o trânsito da manhã eu levaria uns dez minutos, chegaria lá umas sete e dez. Então, eu acordei eles mais cedo, eu

acordei vinte para as seis e falei: "Vamos mais cedo porque eu quero chegar mais cedo na igreja, que hoje é a missa do papai". Eles levantaram, foram mais cedo, mas... não...

T Eles não manifestaram desejo de ir à missa?

M Não, não se manifestaram. Na véspera do Dia dos Pais eu levei eles na Igreja das Almas, eu juntei o Fo e a Fa e fomos ao encontro da minha irmã, que a minha irmã ia chegar de viagem. Ai, no que nós estávamos indo para lá, eu dei uma esticada na Igreja das Almas, que é ali pertinho. Ai, o Fo disse assim: "Mãe, o que é que nós vamos fazer aqui?" e eu falei: "Vamos fazer a única coisa que nós podemos fazer pelo teu pai: acender uma vela e oferecer. Eu acho que é a única coisa que a gente pode fazer agora". E ai comprei, fui na igreja e comprei a vela, eles ficaram do lado de fora, não sei se comentaram, mas foram, acenderam e salmos, não fizeram comentário nenhum, nem que não queriam. Fui, comprei as velas, dei na mão deles, eles foram, acenderam, saíram. Ai, nós fomos ao encontro da minha irmã, mas não reclamaram. Agora, eu comecei... a Fa faz assim: "Mãe, eu não vou fazer a crisma". Eu falei: "Você vai fazer, sim! Você vai fazer a crisma. Depois de terminar a crisma, se você não quiser ir na igreja, você vai resolver, mas até a crisma vocês vão fazer. Depois da crisma, vocês decidem o que vão fazer. Mas você vai fazer a crisma".

T Por que a crisma é importante para você?

M Eu acho que é porque é o batismo, a primeira comunhão e a crisma, não é? Então eu... Não sei se é porque eu coordenei durante dois anos, eu vejo que... mesmo estando assim um pouquinho afastada com

a crisma, eles sentem que há necessidade de participar. Eu acho que é bom não só o fato religioso, mas assim de se enturmar com pessoas diferentes, com jovens da idade deles que são ali da comunidade. Então, é porque ela está muito... Foi mais por isso também que eu achei que ela devia pegar a crisma, ela está muito ali, ela e mais quatro, ela e mais três, que são em quatro. Então, o mundinho dela está ali. Se vão para o baile, vão para o baile, mas é ali, aquela turminha. Então, eu fiz uma maneira de forçar. Até a menina, a vizinha que é espirita, chegou para mim e falou assim: "Você viu que você está forçando a Fa a fazer a crisma? Foi a tua sogra que fez você inscrever a Fa?". Eu falei: "Não, a Dona N. não tem nada a ver com isso". Porque umas são espiritas, as outras são ortodoxas, então as duas que são ortodoxas, quando são batizadas, são crismadas tudo junto, na Ortodoxa, quando é nenê já. E a de cima é espirita. Então, são três, quatro que ficam juntas, mas uma é diferente da outra em termos de religião. A que é espirita falou: "Foi tua sogra que forçou?". Eu falei: "Não, não foi Dona N., ela não tem nada a ver com isso. Só que ela (Fa) foi batizada, fez a primeira comunhão e vai fazer a crisma", e ela falou: "E', mas você está forçando". Eu falei: "E', o começo é assim mesmo. Depois ela vai gostar". Ela... o padre é muito rígido em questão de barulho, então ele para a missa para chamar a atenção das pessoas, então ela (Fa) olha para mim e fala: "Que absurdo! Na hora mais sagrada da missa, olha o que ele fez! Isso é um absurdo! Eu não sei o que faz você trazer a gente nesta missa. Isto é um absurdo!". Ela comenta assim com tanta firmeza! Eu falo:

"Está bom. Se você não quer vir nesta missa, vamos em outra". Quando dá, às onze horas da manhã eu vou na outra, que é onde costume rezar a missa das sete da manhã, então, quando dá às onze horas, vamos lá, que já tem mais conhecidos. mas eles vão forçados: "A gente não quer, não sei porque você insiste", e eu falo: "Eu quero que vocês venham na missa e nós vamos na missa".

T Você pode até pensar um pouco na razão para não adotar essa mesma posição em relação a eles virem aqui.

M Eu falei assim... é uma maneira de mostrar para eles que não é só do jeito que eles querem, porque a coisa está de um jeito que eles estão... estão impondo. Se não faço eles irem todo domingo... tem domingo que o Fo mesmo, não a Fa, os dois faltaram dois domingos. Quando foi domingo agora, eu falei: "Não, vocês já faltaram dois domingos. Este domingo vocês vão à missa comigo". Eles falaram: "Mãe, para de exigir isso da gente!". Eu falei: "Por que?", "Porque a gente não quer, a gente não gosta". Eu falei: "Mas vocês vão assim mesmo, podem levantar que nós vamos à missa". E eles vão emburrados, depois acabam encontrando as pessoas que eles conhecem".

T E', provavelmente aqui eles também viriam emburrados... O que pode ser é que não seja durante a sessão que fique agradável, gostoso, pode ser algo mais a longo prazo, como você mesma disse que vem acontecendo com você, que você foi coletando este trabalho para poder perceber a sua maneira de fazer proveito disto. E' a mesma coisa com eles, não é? Sem dúvida, se perguntar para eles: "Quer ir lá fazer terapia?", eles vão dizer: "Não quero mesmo!", ao

passo que você sendo mãe e tendo essa posição com eles de dizer: "Olha, isto é uma coisa importante que vocês vão fazer. Não é uma escolha que vocês têm". O principal é você sair do papel de ser a que sofre. E' a sua mudança de papel que eu estou bem achando positiva.

CoT Num outro momento, você comentou como esse lado religioso era importante na sua relação com o P. Talvez querer passar isso para as crianças seja transmitir um pouco disso...

M E', eu não sei se são as amizades... O Fo mesmo, ele vai ter a chance de fazer a crisma mesmo tendo treze anos, quando terminar ele não vai estar com quatorze já... mas vai estar com dois, três meses para completar os quatorze anos, não é? Então, eu conversei com o padre, eu falei assim: "Eu posso trazer o Fo? E'uma maneira de eles virem, participarem, estão muito afastados". Ele não aceitou, ele falou: "Não, você sabe que é muito cedo". Só que ele aceitou outros coleguinhos do Fo, também da mesma idade, porque os irmãos mais velhos estão fazendo, então... Eu cheguei numa moça que... ela é psicóloga, além da igreja, eu tenho contacto com ela no clube. Então, eu fiz assim, no dia que eu vi o E., o C., eu fiz assim: "Que privilégio é esse?". Ela fez assim: "Por que?" e eu falei: "Olha, eu quis colocar o Fo e o padre não aceitou e você conseguiu colocar o E.?. Ela falou: "Como ele não aceitou? Tem a irmã fazendo, terminou a catequese... O que ele falou?" e eu disse: "Que quando tivesse terminado a catequese, já estava inscrito direto na crisma". Ela perguntou: "Porque ele não aceitou?" e eu falei: "Porque ele acha que está muito novo ainda, é muito

cedo para o Fo". Ela ficou inconformada: "E você aceitou?". Eu falei: "E', eu trabalhei na crisma, eu sei que tem que ser com quatorze anos. Eu pedi, não insisti". Ela brincou: "E', você é uma pamonha mesmo!". Só que quando foi durante a semana, a igreja ligou lá em casa dizendo que o Fo podia se inscrever para a crisma, que era para ir lá pegar a ficha para o Fo se inscrever para crisma. Eu não estava sabendo a razão de tudo aquilo, mas fiquei contente. Só sábado passado eu soube que a S. foi lá falar com o padre: "O senhor está perdendo seus paroquianos fácil, porque o senhor mesmo está afastando", e contou o meu caso: "O senhor aceita meus dois com a mesma idade dos dois da M e não aceita os dela. Por que?". Ele falou: "A M já trabalhou na crisma, ela sabe como é". Ela perguntou: "E por que os meus o senhor aceitou?". Ele falou: "E' uma maneira de trazer você para a igreja, porque você não vem muito", e ela falou: "Ah, e a M o senhor sabe que vem. Só que senhor está esquecendo que as crianças não estão acompanhando ela. O senhor já notou isso? O senhor já notou que ela está vindo sozinha? ".

T Você arrumou uma excelente porta-voz! Alguém que foi lá e falou por você!

M E eu não estava sabendo de nada (ri muito), eu não estava sabendo. Quando foi no sábado, que ele (Fo) estava perdendo lá, eu peguei e fui para a bocha e lá ela pegou e falou: "Como é? O Fo está inscrito?". Eu falei: "Está. Como é que você sabe?". Ela falou: "Eu fui lá conversar com o padre". Eu fiz: "Nao acredito que você foi lá!". Ela falou: "Fui, ora, você é uma pamonha, não defende o

que tem direito. Ele mesmo falou que terminando a catequese já estava inscrito direto na crisma! E depois ele voltou atrás com você e você aceita?". Então, ela contou que brigou, que ele perdia os paroquianos e tudo o mais. E ele pegou e ligou lá em casa para o Fo participar. E o Fo faz assim: "E', vou... vou...". Quer dizer, não está indo assim, que é de quinze em quinze dias, não são todas as semanas.

T Mas pense um pouco também nisso que a gente está colocando aqui. Primeiro, é fundamental que eles venham, porque não foi só você que perdeu uma pessoa importante, eles também perderam e se refugiam nessa atitude tipo: "Não preciso, não quero, você é que precisa". Na verdade, eles também precisa por motivos diferentes dos seus. E' alguma coisa que vai ajudar vocês no âmbito do relacionamento familiar total, não é? E aí é muito em função de você saber que isto é importante para eles e, por isso, trazê-los. Você mostrou que está ficando, sem dúvida, muito mais forte e que está podendo viver algumas experiências boas, com amigos novos, que é possível viver o novo com prazer.

CoT Quanto a trazer as crianças, é muito uma questão de ver que está fazendo sentido para você, assim como você tem mais claro o sentido desse lado religioso que você está tentando transmitir muito claramente para eles, o sentido que está fazendo este trabalho aqui, para você.

T Eu só estou querendo fechar a sessão, já está quase na hora de terminar. Você começou a sessão hoje falando do movimento que você está fazendo para se libertar, em função daquilo que falamos na

semana passada, mas o que era, especificamente?

M A semana passada você chegou a comentar que eu deveria pensar em alguma coisa que eu... e eu fiquei na cabeça como libertar... e não...

T Falamos de você se despedir.

M E', me despedir...

T Foi isso que para você tomou essa forma?

M E'. Eu comecei pensando assim... que para mim ir começando a me despedir, ir me libertando daquela... eu tinha que aos poucos ir tirando o que está ali presente, como o travesseiro que eu dormia. Eu dormia com os dois travesseiros juntos. Também aquelas fotos, que eu tinha três fotos, que as pessoas me davam e eu fui colocando, tinha um monte. Agora, no quarto só tenho uma pequenininha, eu e ele na praia. Tinha uma no criado-mudo, uma na penteadeira, estava cheio de foto. Então, eu fui guardando, eu guardei, na quinta-feira eu fui tirando, deu um estalo e eu fui guardando. Eu não sabia que isso pesava tanto! Agora que guardei e separei os travesseiros, me sinto bem. Eu sei que ele não está nas fotos e nem no travesseiro.

T Sim, ele está onde você permitir que ele esteja e da maneira que você permitir. E observe que você está pensando nele como uma memória, não mais como uma presença. E, se para você, isso significa se libertar, é dessa maneira, então, que você vai se relacionar com essa memória: livremente. Vamos terminar por hoje? Então, nos vemos na semana que vem.

(M deixa a sala com uma expressão muito tranquila).

ANALISE DA DECIMA SESSAO

Esta sessão marca a entrada da terapia na terceira e última fase, a da reorganização. M considera com seriedade a possibilidade de ter uma vida social independente dos filhos e dos relacionamentos que já existiam anteriormente à morte de P. Além disso, procura as soluções que viabilizem essa vida social, agora dentro de um novo modelo, que já não prioriza as atividades domésticas e familiares. Essa mudança atinge os filhos, que se vêem diante da necessidade de perceber a "nova mãe" em suas nuances, para com ela poderem se relacionar, de uma maneira também nova.

Os conflitos situam-se muito mais no âmbito da relação entre M e os filhos como adolescentes, quanto às questões de divisão de responsabilidades e tarefas, cumprimento de regras e outras próprias a esse momento do ciclo vital da família. O que chama a atenção, porém, é a clareza com que M vê esse papel como sendo seu e o desempenha, da maneira que pode, porém sem recusá-lo por se julgar incapaz, como vinha fazendo até então.

Quanto às "despedidas" de P, havia sido colocado na sessão anterior, como uma tentativa de promover a mudança que não fosse por meio de rituais, em face da super-ritualização existente, a sugestão para que pensasse uma maneira de se despedir. Ela fez bom uso dessa proposta, quando envolve-se no exercício de identificar os objetos de P (ou que o lembrem) que quer manter para si. Chama este processo de "libertar-se" o que, mais uma vez, evidencia o caráter da relação

prévia à morte: uma relação ambivalente, que precisou ser assim identificada para poder ser depois modificada, no impacto residual que tem sobre o sistema familiar.

M está exercendo sua autoridade com pouca flexibilidade. Não seria de se esperar que fosse diferente, pelos seguintes motivos: não é uma atitude que domine, pois, no sistema prévio à morte, era exercida por P, cabendo à M um papel de executora apenas. Além disso, M em si é uma pessoa pouco flexível e que vinha há muito tempo sem ter a possibilidade de rever essa condição, pelo mesmo motivo acima mencionado. No entanto, mesmo que esteja sendo inábil, isto pode ser considerado um avanço em sua possibilidade de promover a mudança no sistema, pois só se percebeu como alguém que tem a autoridade após reconhecimento da irreversibilidade da morte de P. o que era condição necessária para que todo o sistema se adaptasse a essa nova realidade.

DECIMA PRIMEIRA SESSAO

(M entrou na sala comentando sobre o aumento do preço das passagens aéreas, o que a fez ficar retida no trabalho, atrasando-se trinta minutos).

M ... Confirmado: 19% de aumento, então a gente pega o preço anterior, da tabela anterior, e garante até onze horas da manhã de amanhã. Se for confirmado amanhã que está se falando hoje, a a partir da meia-noite ou então a partir da meia-noite de sábado. Foi depois das cinco que chegou essa noticia e o que choveu de ligação pedindo reserva ! Então, nem vi a hora passar, quando olhei no relógio, eram oito e vinte, falei: "Meu Deus! Eu não posso ficar mais aqui!" e daí vim embora.

T E as crianças?

M O Fo com o jogo dele agora... porque inclusive sábado ele vai jogar em J., então está treinando todos os dias, das seis às oito horas e ontem ele terminou... terça-feira ele terminou eram nove e meia da noite, quando eles pararam. E aí, eles não querem vir mais, não tem... não consigo, já botei todos os meios.

T E como você argumenta com eles?

M Eu falo: "Vamos lá!" e eles falam: "Para que? Para falar do papai?" e eu falo: "Para falar do papai", e a Fa fala: "Mas, mãe, a gente não precisa disso", e eu falo: " Mas por que vocês têm tanta certeza que não precisam?", eles falam: "Mãe, não faz bem para a gente. Se está fazendo bem para você, vai mas não força a gente a estar fazendo uma coisa que não faz bem para a gente". Aí, eu

falei: "Mas se eu procurei, foi justamente para acertar nós três, não é só...Sei lá, talvez eu estivesse precisando mais do que todo mundo, mas aí já é ponto pacífico, mas eu acho que vocês também estão precisando". Aí, o Fo falou: "Não, eu não! Eu não gosto de ir lá, não gosto de ir lá, não quero ir mais, não força!". Eu... puxa vida! Aí, eu comentei da crisma, eu falei: "Eu estou feliz que consegui vocês em participar da crisma", e o Fo fez: "Forçado, não é?". Aí a Fa falou assim: "Eu acho que isso aí é mais uma coisa que eu tenho certeza que, de onde ele estiver, o papai está feliz da gente estar fazendo, não é? Agora, então, na psicóloga a gente não tem que agradar o papai". Aí eu falei: "Mas quer dizer que vocês não iam por mim, era pelo seu pai?". Daí, a Fa respondeu: "É por você, é lógico, mas o papai tem muito a ver, sim. Na crisma, o papai tem um ponto muito grande".

T É' mais fácil mesmo para eles perceberem isso porque ele era uma pessoa muito religiosa, muito envolvida com as atividades da igreja, então tem esse significado. Talvez o que está faltando falar para eles é que eles não virão aqui para falar do pai, eles virão aqui para falar de vocês sem o pai (colocando ênfase na palavra 'sem').

M Eu não sei, sinceramente agora eu não sei o que fazer, porque não querem vir mesmo, não tem jeito. Eu tive assim a semana bem corrida, sábado corrido com mil movimentos, mas com todo esse movimento, com tudo, agora ainda há pouco teve um colega que fez: "M, você tem um jeito tão triste!". Ele não sabia, ele é novo na firma, acho que deve ter... não tem dois meses lá. Mas não sei o

que foi que eles falaram e eu dei uma risada gostosa assim, foi bem espontâneo e aí ele fez assim: "Puxa, até que enfim!", daí eu falei: "O que foi?". Ele falou assim: "Nossa! Você tem um jeito tão triste que quando se vê você dando uma risada assim, é para ficar contente!". Então, eu falei: "Deixa para lá!". Mas é que ainda dá aquele aperto no coração, assim aquela tristeza de saudade...

T Então, mesmo podendo rir gostoso, tem uma hora em que dói a saudade?

M E', então... Eu sempre dou risada, eu brinco com o pessoal, eu não entendi... Eu não entendi, não! (corrigindo a afirmação anterior), eu acho que ele deve notar, sei lá!

T A tristeza incomoda as pessoas, elas se incomodam de ver alguém triste, alguém que não sorri, não é? Naturalmente, uma pessoa alegre, uma pessoa que faz mais esse gênero alegre, é mais agradável, é possível entender por aí, você não acha? Parece que você está falando que há alguma possibilidade de você mudar que facilite sua relação com as pessoas, respeitando seus sentimentos.

M E', eu fiquei assim... Eu falei: "Não, deixa para lá. Até parece que eu não dou risada aqui!". E' claro que eu dou, é que não paro muito lá. Assim, quando eu chego, logo vou para a rua, que eu visito as agências e quando chega cinco, cinco e meia é o horário que eu chego. Aí, se tem que passar um fax, se tem que fazer uns telefonemas e recados que deixaram durante o dia e tal, o tempo que eu faço isso é das cinco às seis e trinta. As vezes, quatro e trinta eu estou indo para lá, quando a gente já visitou todas as

agências ali do centro, então quatro, quatro e trinta estou indo para lá, então é pouco contacto. Hoje, o pessoal viu eu dar uma risada assim gostosa e aí o rapaz falou: "Pôxa, até que enfim!".

T E de quê você estava rindo?

M É porque... no nosso meio tem um homossexual, tem mesmo. Ele tem...tem o E., que eles vão desfilar na escola de samba. Então, aí ele telefonou para a escola de samba para falar da fantasia e ele saiu... ele falou que ia sair de "Destaque Deslumbrante", então ele fez o gesto assim (imita, abrindo bem os braços), foi bem espontâneo dele, fez assim que ia sair de "Destaque Deslumbrante", que ele ia falar: "Eu sou de São Paulo, mas vou botar prá quebrar aqui!", eles vão no Rio, então ele veio sambando e eu dei mesmo aquela risada gostosa, do jeito dele. E aí foi quando o F. comentou assim. Eu, no domingo por exemplo, eu... eu achava que não dava para conversar com as pessoas, eu evitava, porque eu falava assim: "Eu vou ficar falando, eu vou chorar".

T O que houve para você ficar triste?

M Ah, eu já levantei com aquela tristeza tão grande...tão grande que estava tomando conta, então eu não queria chorar, eu tentei me controlar e fiquei assim mais dentro de casa. Não conseguia me controlar com nada, eu peguei um livro, não consegui ler, peguei serviço de casa, peguei serviço que eu levei para casa, tudo eu começava, nada eu terminava e inclusive o serviço que eu levei para casa e que eu tinha que entregar segunda-feira de manhã, antes de ir para a rua, eu acabei terminando, fazendo, eu falei: "Não, eu tenho que começar e tenho que terminar". Eu comecei às

dez da noite e terminei quase duas da manhã, mas aí eu terminei! Mas eu fugia das pessoas, eu falava assim, pensei comigo assim: "As crianças... as pessoas... as crianças mesmo acho que já não estão mais suportando a minha dor, de me ver assim chorando". Então, aí eu procurava evitar, evitava, conversava o necessário. Eles não pararam em casa o dia inteiro, o Fo com o negócio do clube. Levei ele para o clube de manhã, voltou, almoçou e depois, às três e trinta ele tinha... porque de manhã ele tinha futebol e daí de tarde ele tinha boliche. Aí, três e meia, levei ele de novo para o clube e a Fa ali com a turminha dela, com aquele pessoal que ela tem amizade, é no prédio. Domingo mesmo ela ficou mais no prédio do lado.

T Ela já tirou o gesso?

M Já, já tirou o gesso. Agora está só com... domingo ainda ela estava enfaixada, porque estava bem, mas na segunda-feira, como estava dolorido, ela voltou e deram uma tornozeleira para ela usar por uns três meses. Mas é a insegurança no serviço, como eu estou sozinha em São Paulo, eu sei que não estou dando conta, eu procuro cobrir, mandando pelo correio, porque eu não faço todas as visitas necessárias, eu deveria estar visitando agências assim mais assiduamente, coisa de vinte em vinte dias, estar levando tabela nova. Eu não consigo. Por mais que eu visite de sete a oito agências por dia, às vezes eu visito até dez, mas não consigo.

T Você acha que não consegue porque é muita coisa ou porque você está com falha nisso?

M É muita coisa e eu acho que eu estou falhando. É que eles não

têm uma tabela que, por causa desse negócio de aumento aéreo, eles vão mandar uma tabela da gráfica amanhã mesmo. Eles mandaram ontem folhetos, sem saber que ia ter o aumento aéreo, ficou pronto na terça-feira e eu não estava, deixaram um recado que estava pronto. Ai, na terça-feira: "M, chegou a promoção de Foz do Iguaçu para Sete de Setembro". Então, eu falei assim: "Ah, está bom. Amanhã mando o garoto pegar", porque eu deveria distribuir hoje de manhã. Eu esqueci disso, em vez de eu mandar... de eu soltar, para depois eu ir para a rua visitar, eu esqueci desse detalhe e eu não estava sabendo do aumento, eu esperava o aumento para segunda-feira, depois do dia trinta. Ai, quando veio aquela notícia do aumento, já queriam mil folhetos: "Puxa, M, você não distribuiu isto?". Eu falei: "Não, não deu tempo. Eu visitei agência, fiz isso, fiz aquilo..." e aí eu começo a me defender. Sabe, aí então ela falou assim: "Decididamente, nós vamos colocar mais uma promotora aqui em São Paulo, porque nós estamos precisando de mais uma promotora".

T Parece que essa é uma afirmação em face do aumento do trabalho.

M Isso!

T Se fosse uma questão de falha sua, ela iria dizer: "Decididamente você vai ser mandada embora". Assim, ela está constatando que não dá para você fazer tudo.

M Então, ela pegou uma ficha de uma moça que fez ficha há uns quinze dias atrás e ligou para a moça ir lá conversar na segunda-feira. Então, eu já fiquei com aquele: "Puxa vida! Eu esqueci disso!", sabe, aquela insegurança porque eu não lembrei. Eu fico me cobran

do, sei lá...

T Tem a ver com aquela cobrança que você começou a fazer quando você percebeu que ter sido muito protegida não foi bom para você? Você foi protegida pelo seu marido. Na verdade, era "poupada" que ele usava, não era?

M E'.

T Na verdade, isso não permitia que você se desenvolvesse. Tem a ver com isso?

M Ah, eu acho que até tem, porque eu fico assim tão...eu não sei... parece que não...eu não tenho aquela iniciativa. Quando venho a ter, já é tão retardatário, aquela coisa assim de : "Puxa, por que eu não tive a idéia? Por que não fiz?". Sei lá, eu me cobro mesmo. Ao que está dentro ainda aquela coisa de ficar parada no tempo, porque, para não ficar neurótica, eu ia para o clube, eu ia fazer uma culinária, eu ia...

T Mas eram situações muito mais do seu controle. Outra coisa é uma situação profissional, onde você sofre uma avaliação.

M Exato!

T Onde a pressão é muito grande. A sua empresa é de um ramo onde a pressão é muito grande, tem momentos de pico em que as coisas ficam mais difíceis mesmo. Eu acho que vale a pena você considerar isso. Agora, você pode conhecer suas possibilidades, seus limites, porque me parece que seus limites estavam sendo impostos a você, sem você nem mesmo ter percebido e agora que você tem que lutar pela sua vida sozinha, agora você vai conhecer seus limites. Mas para isso, foi necessário você perceber: "Nossa! Aquele negócio de

eu ficar protegida não foi legal. Não foi bom porque isso me limitou". Isto, sem dúvida, não deve ser de fácil aceitação por você, porque você está mudando a imagem que fazia de seu marido, quando você começa a pensar nisso.

M E' verdade... e aquela super-proteção... Esta semana mesmo, o negócio da advogada, eu entrei em contacto com a advogada, ela ligou para mim e disse que precisava de mais uma declaração, porque eu consegui declaração como se o meu cunhado tivesse me dado... me emprestado um dinheiro e agora eu teria que pagar com juros e correção, para ele pagar a matricula das crianças. Só que a matricula das crianças, na verdade, eu na época paguei com um dinheiro que foi acertado da firma. Então, ela, a advogada, jogou para o juiz isso, para mim poder receber e não ficar preso o dinheiro. Ai ela falou de uma declaração e eu, nessa de conversar, ela falou para mim, porque o irmão dela e ela, eles são primos do P, e o irmão dela trabalhava com o P na O. Ai, ela falou: "M. você viu? A O. vai fechar. A O., até novembro, está fechada". Eu falei: "O P não ia aguentar isso, não, porque ali estava a vidinha dele, ali ele passou dezenove anos". Porque nem os diretores da firma tinham tanto apego, tanta dedicação, porque ele se dava mesmo ali. Talvez ele se completasse ali, gostava, trabalhava. Teve uma época que eu precisei brigar e brigar muito com ele para ele chegar a... Eu falei: "Não dá mais! O que você está ganhando é um absurdo! Você é uma pessoa formada, você tem capacidade para enfrentar ai um outro emprego. Nós vamos ter que tirar as crianças da escola, nós vamos ter que fazer isso e por que? Porque você não

se esforça para uma coisa melhor? Você chegou no ponto máximo na O, daí você não seria o dono da firma, o dono da firma você não vai ser, nunca". E por muitas vezes cheguei a machucá-lo assim. As vezes ele brincava: "Porque nós vamos não sei o quê..." e eu falava: "Não com esse ordenado". Depois eu mesma parei com isso porque eu vi que...

T Isso refletia uma insatisfação sua?

M Então aí até que ele chegou e pediu as contas e eles não deram e foi quando ele começou a receber por fora. Então tem uns três anos para cá isso, porque até então a gente tinha aquela... era um carro que dava... era um Corcel que estava para fundir o motor, o que salvava a gente que sempre dava aquela ajudazinha de comprar uma coisa ou outra, de um dinheirinho a mais, era sempre na época do Imposto de Renda que ele fazia e então era sempre um dinheirinho extra, mas isso era aquele ordenadinho dele, que não... não... até que um dia ele chegou, de tanto eu pressioná-lo, de tanto, teve um colega que chamou ele para vendas, ele falou: "Eu não tenho jeito para vender". Mas eu falei assim, era até que no interior, mas era perto, não era assim distante, era representação de plástico, então falei para ele: "O C. está te chamando, você tem que enfrentar alguma coisa, não dá para você continuar, para a gente continuar do jeito que está, P!". E aí ele tomou coragem, foi pedir demissão, e eles: "Ah, por que?", e aí passaram a dar uma parte para ele por fora.

T Em algum momento você achou que pressionou demais?

M Ah, pressionei... pressionei. Eu falei: "P, eu não estou pedindo

para você ganhar mais, porque não é que eu estou indo para o cabelereiro. Eu não quero gastar com cabelereiro, não quero gastar, você sabe que eu nunca fui disso, nunca fui assim de excessos, mas põxa vida!". Para eu cortar o cabelo eu tenho que pensar, eu tenho que ficar três meses aí para poder voltar, sobrar um dinheirinho para cortar o cabelo, para comprar uma coisa para as crianças, uma calça, um sapato, um tênis, eu tenho que ficar... É difícil comprar para os dois de uma vez, tem que comprar um mês para um, o outro mês para o outro, não dá desse jeito! A gente tem... Você tem que pensar numa coisa melhor. Você é formado, mas eu parei no tempo". Porque realmente, ele terminou em setenta e sete, depois... ele fez mais dois cursos lá na F.M.U. Um ele chegou a terminar, foi o de custos e depois o outro que foi, ele fez, ele terminou em setenta e sete, e aí ele fez setenta e oito e setenta e nove, um outro curso e depois em oitenta... Não, ele fez em setenta e oito o curso e depois em setenta e nove eu estava grávida do Fo, aí eu comecei a passar mal no ônibus porque eu trabalhava, aí eu comecei, porque ele ia para a faculdade e eu ia para a mamãe pegar a Fa e ia para casa de ônibus. Nessa época eu não dirigia, e aí eu comecei a passar mal em ônibus, a desmaiar no ônibus, só eu e a menina, ela tinha dois aninhos. Então quando foi em julho que, em agosto que ele tinha que voltar ao curso que era de um ano, ele parou, ele falou que quando a criança nascer, ele voltaria e aí, não voltou mais.

T E', eu acho que você está podendo ver que para você se despedir do seu marido, você se despede das coisas boas e também das coisas

ruins, não é? Você começa a perceber que isto compõe a pessoa dele, e talvez seja muito difícil se despedir das coisas ruins, porque aí implica em outros sentimentos seus, talvez uma certa culpa por ter pressionado, ou pensar: "Puxa, como a gente poderia ter tido uma vida melhor, mas ele tinha um jeito de pensar nas coisas que era diferente". Mas quando você se despede, você se despede de tudo. Não dá para escolher e ficar só com um pedaço e outro pedaço vai embora.

M E', está difícil de me despedir.

T Eu entendo.

M Está bem difícil. Eu, esses dias eu estava visitando uma agência, e a garota sabe que eu sou viúva, aí não sei o que foi assim, eu gesticulei (e gesticula com as mãos) e nunca gesticulei e a Y. fez: "O que é isso?", eu falei "O que é isso o que?". Aí eu olhei assim na minha mão porque, ela falou da aliança e falei: "Deixa ela aqui... Eu fiz assim, sabe (pôs as duas mãos sobrepostas no peito) ... deixa ela aqui". Ela fez: "A minha mãe, quando ficou viúva, no dia que fez um ano, nós fizemos a minha mãe tirar a aliança", e eu falei: "Ah, mas a minha está quietinha aqui, deixa ela aqui". Aí, depois eu fiquei pensando, falei: "Não estou preparada para tirar".

T Em relação a você tirar, não precisa ser em função de uma data marcada. Você falou na sessão passada que algumas coisas você estava fazendo no sentido de se despedir, e você falou: "A aliança ainda não!". Você vai saber dessa hora agora.

M E', o travesseiro, já fui separando, já separei.

T Claro, há coisas mais difíceis mesmo, não é?

M E', a gente... não sei, não sei se é despedir ou aceitar a morte, está ligado uma coisa com a outra, não é? Acho que é isso que eu ainda não aprendi... Ainda não aceito, eu procuro, eu procuro me aprofundar no serviço, em casa, as crianças mesmo... eu estou até parando de tanto implicar, até esses dias eu deixei bilhete, eu deixo bilhete, não é: "Fo, não vai para o clube". Na terça-feira mesmo, foi o dia que escrevi: "Fo, não vai para o clube sem antes terminar as tarefas". Porque na semana passada eu sai daqui, fui em casa, peguei o carro, fui lá, peguei ele, quando cheguei, quando ele estava dentro do carro, ele falou assim: "Mãe, eu preciso terminar os exercícios de Inglês", e eu falei: "O que você fez à tarde?", "Ah, dormi". Então, era meia-noite e meia quando ele terminou, aí ele terminou, eu ajudei, depois eu falei: "Não quero mais isso. Se você não terminar a lição, você não vai para o clube, fica sem ir, mas não sem a lição". Tinha de Inglês e Português, ele tinha... e depois, é ainda mais Português que a professora está implicando bastante com ele, não sei se implicando, ou se é ele também, que ele é "triste", não é, eu também tenho que reconhecer que ele não é uma pessoa fácil de se lidar, então acho que um pegou implicância do outro, sei lá. Eu tentei conversar com ela nessa última reunião que teve, mas não consegui, eu cheguei lá, estava marcado das dez às onze e trinta horas, e eu cheguei às onze e quinze para os dois, tanto lá para a Fa quanto para o Fo, eu cheguei onze e quinze horas, aí eu cheguei para o Fo para pegar as notas dele, eu vi que tinha muita gente para pegar

ainda do primeiro ano, do sexto ano, tinha umas sete, oito pessoas na minha frente para conversar com a coordenadora, e ainda tinha alguns professores lá na sala, e eu falei: "Sete, oito pessoas, vai dar onze e meia, e vai terminar lá embaixo também no segundo, no primeiro colegial e eu não vou conseguir pegar as notas da Fa". Ai eu pedi para uma pessoa ficar aguardando, guardando lugar para mim na fila e fui até o segundo, primeiro colegial e peguei, peguei a nota dela.

T São todas as suas responsabilidades que muitas vezes você não consegue cumprir, não é? Uma, porque não tem o tempo para isso, outra, porque são coisas que eles já podem ir assumindo como responsabilidade deles também.

M E', nesse dia também da reunião eu fiquei sem almoçar, eu fui para a reunião, eu passei, comi, comi um lanche e já fui visitar agência porque eu tinha hora marcada.

T E quando ele não faz a lição, ele vai ter que se entender com a professora, não é? Você fica pilotando à distância, muitas coisas não dá para fazer, você já sabe disso, você vai ali, está trabalhando, vai aqui, vai ali, fica muito complicado mesmo, não é? "Fez lição? Fez lição direito? Vai sair agora?". Por isso é que acho interessante eles poderem estar aqui também, para eles entenderem esse aspecto da responsabilidade que eles podem ter e para você entender que algumas responsabilidades eles podem ter e devem começar a ter.

M E', como essa semana... não, foi a semana passada, com o tempo, eu não tinha máquina, quebrou uma peça, o meu cunhado ia consertar

para mim e ele não consertou, ele agora essa semana foi consertar. Eu chego, eu boto a roupa na máquina, deixo de molho, eu esfrego, boto na máquina e aí, com a máquina quebrada, eu fiquei naquela de esfregar a roupa ou não, e acabei não esfregando, acabei não, e eles ficaram sem blusa de escola. Aí falaram: "Mãe, escreve um bilhete, porque amanhã eu não tenho blusa de escola" e eu falei: "Por que vocês não torceram, por que tem que esperar por mim? Vocês sabem que vocês no outro dia precisam de blusa de escola". Cada um tem duas e aí eu falei: "Vocês sabem que no outro dia vocês precisam da blusa de escola, por que vocês não foram lá no tanque e não torceram?" e a Fa "ah, mãe, você escreve um bilhete", e eu: "Agora eu não vou escrever bilhete nenhum, não vou escrever mesmo! Vocês é que se virem". A sorte deles é que amanheceu assim com frio, então, eles fecharam a blusa, usaram outra blusa por baixo, eles fecharam o blusão e não precisou...

T Foi sorte.

M E', foi sorte deles porque eles estão bem rigorosos em questão de uniforme.

T Acho que era uma atitude por aí, não é, é uma coisa que eles podem ter responsabilidade.

CoT E é uma coisa que eles fazem com você também aqui, não é? E' um bilhete que eles passam através de você.

T E': "Nós não vamos, você leva nosso bilhete lá, o nosso recado". Por que será que esse bilhete você não escreveu? E o bilhete daqui você escreve?

M E', vamos ver o que eu consigo.

T Vamos terminar por aqui? Você foi àquele compromisso na sexta?

M Fui, fui... nós fomos ali no Eduardo's, comemorar o aniversário dela, foi bom. Então, esse rapaz que falou do meu sorriso hoje ele não participou, pois se ele tivesse participado, ele ia ter visto. Pois é...

ANALISE DA DECIMA PRIMEIRA SESSAO

M está francamente atuando para reorganizar a vida, a partir da aceitação da perda e suas consequências. Ainda apresenta resíduos de um modo de funcionamento onde se considerava incapaz, a partir do papel que lhe havia sido atribuído por P. Aceita com facilidade a percepção de seu ressentimento e de quanto se sentia insatisfeita com o casamento, principalmente quanto ao aspecto material. A onda de tristeza foi aqui entendida como relacionada à situação de insegurança profissional, que reativa comportamentos anteriormente provocados pela relação ambivalente entre M e P. Pela primeira vez, M apresenta interesse em ser bem vista por pessoa do sexo oposto, um colega de trabalho. Esse interesse, embora sutil, mostra uma importante mudança, que vem sob uma forma positiva: ser vista como pessoa alegre, risonha.

DECIMA SEGUNDA SESSAO

- M Eu acho que estou conseguindo, pelo menos a Fa.
- T Ah é ?
- M Porque eu falei para ela assim...: "Filha, se a gente continuar indo lá, os três, seria... não é só falar do papai, nós poderíamos falar também de nós três", porque está difícil, eu, sábado mesmo, eu tive que me atracar com o Fo porque... porque ele... eu fiz compra no mercado, chamei: "Fo, vem ajudar a mamãe a guardar as compras", e ele disse que não ia ajudar: "Não, não vou", e ia saindo da cozinha e eu gritei, falei: "Não, você vai ajudar a mamãe!", e ele: "Não vou!", eu falei: "Vai", e no que ele fez aquela reação de querer sair eu segurei ele, eu botei ele entre a parede, não é? "Você vai me ajudar a guardar essas compras; Você vai me ajudar". Então ele quis me enfrentar, mas eu enfrentei segurando ele com os braços, ele quis reagir e eu gritei mais alto, aí ele ajudou, mas assim meio que... então eu falei para Fa: "Nós estamos precisando, nós três estamos precisando, cada um está falando uma língua aqui, o Português mesmo, ninguém está falando, aqui está um falando Inglês, um falando Francês, outro falando Alemão, mas o Português que os três é necessário falar aqui dentro de casa, ninguém fala, não está existindo entrosamento", e ela falou assim: "Ah, mãe, você tem razão, mas eu tenho trabalho hoje para entregar amanhã, eu estou datilografando". Então, para ele, ele está com o negócio do futebol: "Ah, não, tem o jogo!", ele, disse que não quer vir, ele está difícil de ...
- T Parece que você soube mostrar para ele, ali na hora que você disse

que tinha que ajudar, que você contava com a colaboração dele, você conseguiu mostrar que isso era necessário, não é ?

M Eu...eu fiquei chocada do jeito que eu tive que enfrentá-lo, sabe? Do jeito que eu... acabou comigo, aquilo eu tive que...

T Ficou assustada de saber que tem essa força, não é ?

M Fiquei, fiquei, eu fiquei mesmo e... de repente eu não sei onde fui buscar tanta força, mas eu senti que naquela hora eu não podia vacilar, se eu vacilasse ali era...

T Onde você buscou essa força ?

M Eu, na hora eu enfrentei ele assim com... sei lá, lá dentro também, acho que estava lá no fundinho do pé mesmo sabe...

T Tão fundo que você nem sabia que tinha, não é ?

M Exato! Então, veio aquela... mesmo com a Fa, com a Fa também, esse negócio de pessoal... eu chegar em casa ter dez, doze dentro de casa, aquilo me choca sabe, eu aí, ela mesmo faz assim: "Mãe, se eu estou na casa dos outros é porque eu estou dentro da casa dos outros, porque você não quer que eu vá para a casa dos outros. Se eu trago o pessoal para dentro de casa, é porque está dentro de casa. Mãe, para um pouco também, você está implicando demais comigo", ela fez, não é? Aí eu falei: "Mas acontece que estou preocupada com a escola, eu não vejo você fazer lição. Eu ligo para casa, você está na casa de Fulana, está na casa de Sicrana, ou então tem um monte de gente aqui dentro de casa. Eu não vejo mais você fazer um trabalho, eu não vejo mais você fazer lição, eu não vejo... Onde que está isso ? Se vocês tinham aquela responsabilidade, aquele medo, aquela responsabilidade de fazer tudo de medo

de trazer um bilhete para dentro de casa, por causa do pai... Eu estou com medo do jeito que está continuando a coisa, de logo logo vir aí bilhetes, ou então notas baixas, porque se continuar nesse ritmo eu não espero outra coisa, e você não faz nada para dizer assim: Eu estou com nota baixa, porque eu estou trabalhando fora, eu estou brilhando a casa. Você não faz nada disso!". Eu acho que foi isso que fez com que ela, de repente depois de eu dar esse... ela teve trabalho de Quimica terça feira que ela datilografou todinho o trabalho, ficou lindo o trabalho para entregar amanhã, eu sei que de repente apareceram os trabalhos, apareceu lição, sabe, assim... não sei se foi a força que eu tive, que ela viu que eu enfrentei o Fo, que mudou depois também de eu chegar e conversar claro com ela. Eu tenho mais facilidade de conversar com ela.

T Sempre teve ?

M Sempre, sempre foi muito mais fácil, o Fo sempre já foi mais... Mas pelo que hoje mesmo a... faxineira estava contando, ela falou tão rápido, que ela chegou dez para as oito, e oito horas eu já tinha que sair, ela só fez assim: "E', M, como é que está o Fo ?". Falei "triste!", só fiz assim "triste". Ela falou: "E', mas ele sente a sua falta, porque ele... aquele bonequinho o Baby (dinosaurio)... "Aí diz que ele ficava andando atrás dela e ele falou assim, falando com o Baby fala, não é: "Não é a mamãe, não é a mamãe, não é a mamãe!"... e aí ela falou assim, ela disse que falou para ele: "Você está sentindo a falta da mãe, não é, Fo ?" e ele falou: "E', para brigar eu estou!". Quer dizer, de uma maneira ou de outra, pelo menos para alguma coisa ele...

T E' uma forma de estar com você, não é ?

M E'.

T Será que é só brigando? Eu acho que quando você fala como é que está o Fo, "está triste", eu acho que ele está triste mesmo. E a tristeza dele é esse jeito dele, sabe, de ficar assim bravo, de não aceitar as suas coisas, não é, de te enfrentar até...

M Ele vem... ele vem contando as coisas da classe, ele conta, mas não deixa de dar... de manhã para acordar é aquela história! Um sacrificio danado para todo mundo levantar, então eu já começo, eu chamo dez para as seis, eu chamo às seis horas, seis e dez eu já começo a gritar, não é, porque seis e trinta e cinco no máximo eu tenho que sair para poder chegar folgado. Ainda mais ontem, não que fosse dele, é um bilhete para todos, não é, que às sete e um o portão iria fechar e que não vai abrir mais, não tem conversa, não chegou, perdeu! Estava havendo abusos em questão de horário e me deu para mim assinar, e tal. Ontem mesmo eu assinei isso, hoje para levantar eram seis e vinte e ninguém levantava, tinha que estar seis e trinta e cinco, eu comecei a dar a louca lá de novo, eu falei: "Será que todo dia eu vou ter que ficar gritando: dez para as seis, seis horas, seis e pouco? Eu vou ficar falando, será que vocês não sabem a responsabilidade de vocês, que vocês tem que sair cedo, não é". Ainda mais que eu dou carona para a... para a... eu falo: "Depois, não é só vocês, tem a A.", eu dou carona para uma garota, não é, então eu falei: "Vocês perdendo aula, eu ia ficar chateada, mas vou ficar mais chateada ainda de saber que a A. está aqui para

ir conosco e vocês, por causa de vocês, ela perder a aula, não é certo isso".

T Mas parece que alguma coisa mudou em você.

M Eu estou mais... vacilo, não vou dizer que não porque eu tenho aqueles... nem sei talvez saudade, aquela vontade de conversar, de ouvir a voz, de... Mas isto também, já eu acho que eu já estou conseguindo, essa semana mesmo eu consegui, eu não deixei me abater, sabe, eu... o que na semana, eu não consegui ficar, eu estava... eu estava descontrolada, não é? Eu essa semana reagi bem, inclusive essa função do serviço que eu estava assim meio receosa, mais um funcionário na parte de promoção, e tudo, então, nós nos damos muito bem, como ela começou na segunda-feira, esses dias todos eu passando o serviço, sabe, deu certo, graças a Deus, só de... aquele receio de não saber quem vinha, como ia ser, e por enquanto, graças a Deus, deu certo, ela está...

T E o não saber como vai ser também é uma coisa que aconteceu para você: você não sabia como ia ser enfrentar a viuvez, não sabia como ia ser cuidar dos filhos sozinha, não é, você precisou viver isso, para saber como é que é...

M Eu no domingo inclusive, quando a Fa, na sexta feira com aquele grupo de jovens dentro de casa, no sábado eu fui trabalhar e no que eu sai oito horas da manhã, ela também saiu por causa das Olimpíadas da escola. O Fo, está lá, e ela está desde o primeiro ano naquela escola, mas o Fo está lá desde o prézinho, então eu sei como é as Olimpíadas, que doze horas terminava tudo. Só que este ano era novidade de que depois das Olimpíadas já ia começar

os jogos... e era três horas e a Fa não chegava, mas como a telefonista lá da escola é conhecida, pensei: "Não sei se é a S. que está lá, deixa eu tentar". Ai eu liguei para o colégio às três horas: "Ah, os jogos terminaram uma e meia, até as duas horas ainda tinha estudantes aqui, agora não tem mais ninguém". Três e pouco, deu cinco horas, cinco e meia e a Fa não aparecia, foi me dando um desespero tão grande, eu falei: "Meu Deus, aonde foi essa menina? Acho que ela deve ter pego um pessoal da escola e foram para o Shopping, ela deve ter ido para algum lugar". Foi estava dentro de casa, ele não saiu, eu cheguei uma e meia do serviço, ele estava em casa, eu falei: "A Fa ligou?" e ele: "Não", eu dentro de casa. Ela me apareceu vinte para as seis. "Fa, onde você estava?" e ela: "Ah, mãe, nós saímos de lá e fomos para a Feira de Ciências da outra escola vizinha". Eu falei: "Por que você não pegou o orelhão, ligou para casa avisando que você ia fazer isso?" e ela: "Ah, eu não, como você sabia que ia ter jogos, eu achei que você ia pensar que eu estava nos jogos, então, não me preocupei em ligar", e eu falei, "Só que eu liguei para a escola, e a escola disse que os jogos terminaram, duas horas já não tinha mais ninguém dos jogos lá, ai eu fiquei preocupada, você acha que...", "Ah, mãe, desculpa". Para ela, é "desculpa" e acabou. Então, quando foi à noite: "Mãe tem festa", "Não, você não vai". Domingo à noite: "Mãe tem...", "Não você não vai". "Mãe, até quando eu vou ficar com esse castigo?", e eu falei: "Você está sentindo na pele? Você não vai, assunto encerrado, porque esse negócio de você resolver a sua vida, se não tiver ninguém dentro de casa, liga

para vó N., liga para vovó T. e fala: "Vovó, se a mamãe entrar em contacto com você, fala que eu fui para tal lugar", mas liga para alguém, não faz isso". Ela saiu oito horas da manhã de casa e sabia que até as duas ela estava dentro do colégio, mas e depois até cinco e meia, vinte para as seis? Ela achou normal ir com a turma toda para a Feira de Ciências, ela achou normal ir para a Feira de Ciências.

T Qual o ponto que você estava querendo tornar claro para ela ?

M Que ela tinha que avisar, que ela tinha que..., não está independente, ela tem a mim ainda para dar uma satisfação, para...

T Tranquilizar.

M Tranquilizar, acha que eu não ia ficar preocupada. Quando foi cinco e quinze que aí eu já estava assim, nervosa eu falei... bom, eu falei: "Deixa eu ver se a mãe de alguma coleguinha dela... se por acaso a menina avisou que ia de lá da escola ia para algum lugar, e ela foi junto". Então, eu liguei: "A M. está no colégio?", "Não no colégio ela não está". Aí, eu depois falei: "Como não ? Teve jogos". "Realmente, teve jogos até uma e meia, duas horas, depois das duas, fechou o portão, não tem mais ninguém na escola". Eu falei: "Já são cinco e meia, então eu achei que você podia saber de alguma coisa". Então, acabei deixando a mãe da menina preocupada também, e aí mais tarde quando a menina ligou convidando para uma festa à noite, a menina falou: "Nossa, a tua mãe acabou deixando a minha mãe preocupada", ela desligou e falou: "Mãe, você achou certo o que você fez ?" e eu falei: "Ah, quer dizer que você está me criticando por eu ter ligado para a mãe da

M. e eu ter deixado a mãe preocupada? Agora, o tempo que eu fiquei preocupada para você pouco importa?". Ai ela se chocou com o que eu falei, ela fez: "Ah, mãe, não é assim também!", "Como não ?. Você está achando ruim que eu deixei a mãe da menina preocupada, agora eu posso ficar preocupada, botar minhocas na cabeça, posso por mil coisas e ai como é que fica o meu lado ?". Ai quando a menina ligou e falou que a mãe ficou preocupada, ela veio e falou comigo. "Mãe, tem tal lugar...", e eu falei: "Não, hoje você não sai!", no domingo "Mãe...", "Nao!". "Até quando vai ter esse castigo ?" e eu falei "Hoje você não sai, hoje você tem que aprender a... a ter responsabilidade de ligar, de falar onde você vai, com quem você está, você tem que aprender. Eu tenho certeza que se papai tivesse aqui, você nem iria para a Feira de Ciências, você viria para casa direto, eu já não estou tirando isso de você, eu só acho que você podia ter ido para a Feira de Ciências...".

T Quer dizer você acha que com ele seria uma norma, você repete a mesma norma, mas ainda existe uma norma que você quer preservar.

M Exato!

CoT Parece que essa norma é para você poder estar tolerando esse seu medo de não perder a valentia novamente, não é...

M E', acho que é por ai mesmo, sabe, que nem aquele medo assim de enfrentar... e ai eu... porque ela fala: "Mãe, o Fo sai, vai para o clube, fica até as onze horas da noite e com ele você não acha ruim", eu falei: "Só que tem o seguinte, eu estou lá no serviço, eu estou sabendo onde o Fo está, se por acaso eu falo para ele, eu combinei oito e trinta, eu vou pegá-lo e oito e trinta não dá tem-

po", como aconteceu outras vezes, já aconteceu duas vezes de eu ligar, eu ligo lá cedo no clube, eu falo para o porteiro: "Se você encontrar o Fo, você fala para ele que eu vou buscá-lo mais tarde", ou então: "O Fo está no boliche", ele até já sabe onde o Fo está: "Ah, o Fo está no boliche". Então ele transfere para o boliche, no boliche eu falo: "Fo, eu estou aqui no serviço ainda, eu vou te buscar...", "Ah, não se preocupa,". Quer dizer, eu sei onde ele está, agora ela, se por acaso eu tivesse que... por qualquer coisa, ela esqueceu completamente a crisma, ela não está interessada, então, ela esqueceu, e é de quinze em quinze dias só. Ela esqueceu completamente a crisma, às três horas e tinha sumido para ir para a crisma. Eu falei: "Está bem, assim como foi a crisma, que eu podia ter... Se você tivesse ligado e falado "Estou indo, estou indo para tal colégio", eu teria ido atrás e teria vindo com você. Foi a crisma, poderia ter sido outra coisa, de ter que ir atrás de você...".

T Foi nesse dia que ela não foi ?

M Ela foi no colégio e foi para a Feira de Ciências com a turma da escola. "Ah, nem lembrei da crisma!".

T Porque tem também essa questão, não é? Parece que esses aspectos religiosos ou essas reuniões religiosas, a preparação para a crisma e tudo o mais, para ela não está sendo um valor, é uma coisa que é um valor para você, que tem muito a ver com sua experiência e do seu marido, o momento de vocês com a igreja, e uma forma um pouco de manter essa coisa viva, através da igreja, do ato religioso e tudo o mais, que para eles não está sendo im-

portante, mais especificamente no caso da Fa, não é ?

M E', inclusive a minha sobrinha de vinte e quatro anos, os irmãos todos já estão crismados, e ela não é crismada, ela perdeu as inscrições por duas vezes. Então, quando o irmão fez, ela perdeu e quando foi sábado ela falou para mim, ela falou assim: "Dá tempo de você me inscrever na crisma ainda ?" e eu falei: "Dá, por que?" A segunda aula é agora, não é, agora depois da terceira não pode mais, porque aí já perdeu três encontros e não pode mais, ela falou assim: "Ah, então me inscreve, porque lá em casa meu pai falou que ele gostaria de morrer vendo, me vendo crismada, que eu vou dar esse desgosto para ele". Eu falei: "Ah, que conversa!", eu fiz, aí eu falei: "Ah, então como eu não sei o dia de amanhã, está aí o P como exemplo da gente, não é? Então eu vou fazer a crisma, que assim eu não fico com esse peso". E aí começou a fazer a crisma outra vez, só que ela foi até sozinha, quer dizer que agora, eu até acredito que a Fa vai se incentivar de ir, não vai esquecer com tanta facilidade, não é? Porque agora ela está indo, o Fo vai também, então, talvez comece a se interessar um pouquinho, tanto que o Fo foi meio forçado no sábado e voltou adorando, ele gostou, porque não foi só a parte religiosa, teve brincadeiras, então encontrou colegas dele de lá da rua e ele veio entusiasmado, contando o que tinha feito, que o assunto era amigo, a amizade, então ele veio contando de... de tudo o que tinha acontecido, ele veio entusiasmado, e eu, nervosa com a Fa, até dei pouca atenção para ele. Então, eu estava mais ali: "Meu Deus, onde está a Fa?", e ouvi o que ele falou, até os gestos que ele fez, o que

eles fizeram e tal, mas depois eu fiquei pensando: "Puxa, ele veio entusiasmado contando o que aconteceu e tudo, e eu não dei a atenção que ele merecia na hora e eu já esquentando a cabeça com a Fa". Talvez, seja isso que você falou, eu não tinha pensado nisso dessa forma, mas aquele medo de perder, aquilo me...

T E', porque aqui está bem claro ainda quando você fala dessa situação, uma possibilidade de uma coisa nova que está acontecendo de amizade, de relação, não é, e você ficou marcada com a ameaça de um rompimento, de uma perda, então...

M ... ele veio, falou, e tal, e às vezes ele fala assim para mim, eu converso com ele, ele fala um pouco mais alto: "Não precisa gritar comigo, nós estamos conversando!". Ele vira: "Está bom, então. Eu não converso mais com você!". Eu falei: "Eu não falei isso! Eu não falei para você não conversar comigo, eu falei para você falar um tom mais baixo comigo!. Só isso, nós estamos conversando". Ai ele... ele fica quieto, mas eu hoje, conversando com a Fa, eu falei: "Nós estamos... nós precisamos de um entrosamento melhor, filha. Não estamos falando a mesma língua". Ai ela: "Ah, você tem razão, só que hoje eu tenho trabalho". Não sei se por castigá-la, por ter enfrentado o Fo, sabe, eu não sei se isso fez com que ela falasse: "Não, eu vou ter que levar a coisa a sério porque se eu vim com nota baixa...". Ela não sabe o que eu vou fazer, então, porque eu falei: "Eu vou cortar o mal pela raiz, eu não vou me descabelar, ficar desesperada, no último bimestre. Ai, pode ser que não dê mais tempo. Eu quero ver a coisa de agora, e nesses quinze dias, esse um mês de aula, eu estou vendo você relapsa

demais, eu nunca vi você desse jeito. Eu ligo você não tem trabalho; eu ligo, você não tem, lição; você não tem o que estudar e eu tenho certeza de que você tem, da quinta série em diante eu nunca mais fiquei olhando agenda sua, eu nunca mais eu... eu... você tinha responsabilidades e onde que foi agora esse mês de agosto ? Cadê ? Onde está?".

T Acho que uma coisa que está aí, que está assumindo que está aí, é você ter as coisas na sua mão, é você sentindo que realmente você é a figura adulta daquela casa, não é, e que não dá para esperar que eles sejam adultos, autônomos, responsáveis, também sozinhos de repente, que eles não são, não é, você é a figura adulta, você tomou para você esse papel agora, e significa fazer até coisas chatas, botar filho de castigo, se esta é a sua norma. Se é assim que a coisa funciona lá, é assim que funciona, não é, faz parte de você ser a adulta daquela casa, você determina como é que as coisas tem que ser feitas, não é?

M Porque ela, por exemplo, esse passeio de domingo que ela vai, que é lá na Polícia Militar, é lá o que eles chamam de Domingueira, tudo com ajuda do prédio, eles se encontram todos lá. Eu já cheguei a falar: "Não você não vai", e ela: "Ah, mãe, não sei o que, não sei o que lá", e eu já vacilei, eu já quebrei a palavra, já, sabe, por uma duas vezes, eu já... ela conseguiu me dobrar, sabe, "Ah, porque hoje vai Fulana e porque hoje vai Sicrana". Então, porque eu ponho muita dificuldade no ir buscar onze horas, eu falo: "É muito importante no domingo?". Eu falo, não é, então ela dá um jeito, ela consegue fazer com que eu leve, e a mãe da

menina, o pai da menina ir buscar, sabe, para que eu não vá às onze horas da noite e aquela coisa toda; Ela sempre dá um jeito, ela sempre consegue, e eu já quebrei muitas vezes, duas vezes já. Por duas vezes eu falei: "Você não olha? Com essa daí você não vai para a Polícia Militar e acabou!". Mas quando chega na hora, ela vem e dobra, e domingo eu falei: Eu vou... não vou amolecer, eu vou levar a sério", que ela tenta ainda: "mãe, Fulana e Fulana não vão, mas e se tiver carona para buscar?". Falei: "Você não vai, Fa., esse assunto está encerrado! Eu falei que você não ia", "Está bom". E no sábado, quando a menina ligou convidando e tal, que eu falei: "Não, não vai, hoje você não sai", ela foi para dentro do quarto, oito e meia da noite, às nove horas eu fui no quarto, ela estava dormindo, estava ouvindo o rádio ligado e dormiu. Nove horas da noite, ela estava dormindo no sábado e no domingo ela ficou conversando ali na porta, com o pessoal, e tal, aí já entrou. Acho que ela pensou: "Agora eu dobro a minha mãe, e vou e pronto". Mas eu, não sei como, eu fiz: "Não! Assunto encerrado!" e não deixei, eu falei: Não! Eles tem que aprender que... eu sou a mãe!", não é?

T Que você é a mãe, que você é a pessoa adulta que está lá, que você pode fazer essas coisas. Parece que foi necessário você perceber isso em você, não é? Sabe, você poderia ter essa liberdade sobre eles, isso não era uma coisa que pertencia somente ao seu marido, e aí quando ele faltou então, ninguém mais tem? Você tem também, pegou isso para você, é parte de sua função, não é? Você tem que buscar no jogo, levar não sei aonde: Então também tem que dizer

onde está, também tem que ter os horários, os acordos que vocês fazem. Isso é uma coisa importante para você, sem dúvida.

CoT Eles estão assustados de ver como você está se apropriando de seu cargo. Quando você diz que a Fa talvez viesse, você associa a isso essa mudança em relação a eles ?

M Ah, eu acredito que sim, porque quando eu conversei com ela, que eu falei: "Filha, vamos para a psicóloga", eu falei: "Não é só assunto do papai, é assunto do entrosamento, nós estamos precisando e muito". Quando eu comentei com ela das linguas e tal, que ninguém está falando a mesma língua, ela falou: "Você tem razão, você está certa. "Ah, mãe, você está certa!", mas eu acho que de uma maneira... Sei lá!. Mesmo conversando sem estar assim, eu fiz ela entender de que estava precisando... O Fo, não sei como eu vou conseguir.

T Ele tem um jogo nesse dia, nesse horário ?

M E' de terça e quinta.

T Não é às oito horas que ele sai ?

M Ele sai às oito horas. E' que eu agora...

T Até dá, não dá ?

M E', é o tempo de chegar, talvez eu chegue umas quinze para as nove aqui, mas eu tento.

T Porque eu tento isolar assim: o que objetivamente pode ser um impedimento, ou não. Quer dizer, se você pode pegá-lo no jogo, vir com ele, vamos dizer, chegar umas quinze para as nove, a gente até pode estender um pouquinho mais o nosso horário, para fazer tempo correto de sessão, porque realmente nessa última meia hora que

você sai, ninguém mais usa essa sala, não existe um atendimento só de meia hora, não é? A Clínica fecha às dez horas, tem a possibilidade da gente estender um pouco mais. Agora resta saber o quanto que essa questão do futebol, não é um obstáculo que ele cria para não vir aqui. Essa questão do horário é uma coisa que pode ser resolvida.

M E', tanto que ele está federado, ele está todo empolgado com o futebol, com as Olimpíadas...

T E' uma coisa importante para ele. E' uma coisa importante...

M Nossa! Ele ganhou essa medalha de bronze no boliche. Ontem mesmo cheguei em casa eram oito e vinte, aí quando cheguei: "Mãe, hoje tem a reunião, a primeira reunião das Olimpíadas, eu tenho que ir". "Ah, Fo, pelo menos deixa eu bater uma vitamina para mim e aí nós vamos, está bom?". Aí bati a vitamina, tomei, e nós fomos e ele está assim, entusiasmado com... Ele nunca... porque o P nunca teve, nós sempre participamos das Olimpíadas, mas nunca vimos a abertura, porque o P nunca gostou de multidão, ele fugia disso. Então eu sempre soube que era bonito, que era... A última Olimpíada eles foram inclusive convidados para participar mas estavam com muita exigência de agasalhos e tênis da mesma cor do agasalho, aquela coisa toda, então falei para os dois: "Mas para um só não acho justo, para os dois vai ficar pesado, então nenhum dos dois vai participar". Falei no domingo: "A gente, nós vamos estar aqui para começar os jogos". Mas isso foi na última Olimpíada, e dessa vez eles, conseguiram patrocinador, já facilitaram bastante, coisa que eu sei que nos outros países tem, estão pe-

dindo coisa de setenta, noventa, até cento e dez mil o agasalho com o uniforme todo, e desse do nosso grupo, eles pediram trinta e cinco cada um, quer dizer vão pagar só a jaqueta que é...

T Com o patrocinador ?

M E' conseguiram patrocinador, conseguiram todinho o uniforma, e ele... o que eu achei até bonitinho, o coordenador, não é, ele fala com o Fo como se ele fosse um adulto. Ele foi o coordenador do outro país também, o Fo com dez anos. Então, o Fo... acho que ele vê o Fo num jogo, ele vê o F no boliche, vê o Fo muito no clube; ontem eu notei isso, ele falava isso: "Mas, viu, Fo, eu vou contar com você para chamar o pessoal do pingue-pongue, vou contar com você, ou pingue-pongue ou boliche, ou futebol, viu, Fo ? Você vai escolher um desses aí, você vai ficar encarregado de você ligar, você avisar o pessoal, você se encarregar de forçar o comparecimento do pessoal para que não haja W.O.". Então, aí o G. falando com ele assim como se ele...

T Fosse um menino responsável.

M E', sabe... (afirmação com a cabeça).

T Ele é responsável, ele está recebendo essa responsabilidade.

M Então eu fiquei até...

T Você não sabia que o seu filho poderia?

M Então, eu fiquei até assim meio quieta, deixei ele: "Pode contar comigo não é mãe!" (com voz grossa, olha para o lado esquerdo usando a expressão facial que Fo havia feito). Eu falei: "E', filho... Pode...!. Então...

T Então, ele toma emprestada sua responsabilidade nessa hora.

M Sabe, eu falei: "Claro, pode!", agora, com a Fa já não, ela é mais acanhada: "Ah, não! Não vou ter que ficar chamando ninguém para ter jogo, eu não vou!". Eu falei: "Está bom, filha. Fica quietinha aí no teu canto e pronto. Se ele falar alguma coisa, você fala". Da outra vez a Fa ganhou medalha de bronze nas corridas, porque eles gostam de esporte, ela chegou a ganhar, aí era individual. O Fo, nessa época, ganhou, mas foi no jogo, quer dizer, a turma toda. Na nataçãõ ele não conseguiu, assim no individual ele não conseguiu, mas ele conseguiu no ping-pong, conseguiu no jogo de futebol.

T Como você compara o envolvimento dos dois com os esportes, antes e depois do P morrer?

M Eles sempre foram... o P dava... o P não participava, ele não ia. Inclusive para ver o Fo jogar, ele ficava nervoso que o Fo não... ele achava que o menino tinha que ter idéia de jogar ali, ele achava defeito, ele não ia, mas incentivava. Ele acordava ele cedo na época, é de dois em dois anos, então ele, quando tinha jogo no domingo, ele acordava a criançada cedo: "Vamos, vamos embora. A mamãe vai levar vocês, vão lá, vão para o jogo.". As vezes a Fa falava: "Ah, pai, vou ficar dormindo.", porque era só o Fo que tinha, mas aí, quando a Fa tinha 'queimada', o Fo ia, ele levantava cedo e assistia. Agora, quando era ele, às vezes ela não acompanhava cedo, não. Ela ficava com o pai. Eles sempre tiveram muito interesse, ela sempre era muito ligada no vôlei, tanto que eu fiquei muito chateada com... ele nunca foi assim de ir em 'Shop-ping', nunca foi de sair, mas um dia ele chegou numa sexta-feira e

não ia ter jogo de baralho, que a sexta-feira era o jogo de baralho, era sagrado; ele não ia ter jogo, ele chegou em casa e falou: "Vamos, se apronta aí, que nós vamos para o 'Shopping', vamos ver se a gente consegue assistir o filme 'Dança com Lobos'.". Passou no ano passado, era março, abril do ano passado, e nós fomos cedo, eram sete e meia, sete horas e, quando chegamos lá já não tinha mais ingresso, já não conseguimos para a sessão das oito, já estava uma loucura, não conseguimos. Pela primeira vez nós andamos com ele no 'Shopping', era a segunda vez que ele estava indo no 'Shopping'. Uma vez ele tinha ido com um colega, porque o colega foi comprar presente para a esposa e a segunda vez foi com a gente e no que nós estávamos andando para lá e para cá, ele pegou e passou... nós passamos numa loja de esportes e a Fa já estava fazendo vôlei à noite no clube, duas vezes por semana, então ele viu em oferta as joelheiras para vôlei e falou: "Vê se, mesmo na oferta, aceita cartão.". Aí aceitava, era o mesmo preço, então ele falou: "Então compra para a Fa. Você quer, filha?" e ela disse: "Ah, quero!" e comprou, ela usou. Só que, com a morte do P, ela parou, não quis ir mais, não foi mais, agora é que ela está voltando para o clube. E quando foi em setembro, teve uma colega de lá do prédio mesmo... setembro não! Outubro! Nós não morávamos no prédio e teve uma colega dela que teve campeonato na escola e pediu emprestadas, não estavam novas, eu sei, mas eu sou muito ligada nas coisas, então ela veio para mim: "Mãe, a D. está pedindo as joelheiras. Posso emprestar?" e eu falei: "Pode." e deixei ela emprestar. Aí, chegou no domingo, falei: "Teve o jogo, D.?",

"Teve". "Ganhou ou perdeu?", "Ah, nós ganhamos e vamos ter outro jogo na semana que vem, depois eu devolvo.".Eu falei: "Está bom". Só que ela foi tendo jogo, tendo jogo e ela acabou com a joelheira, sem condições, com furos e tal. Ficou por isso mesmo, mas não que eu deixei de cobrar, porque eu cobro, eu falo: "D., a joelheira vai ficar por isso mesmo? No primeiro jogo que você teve, eu devia ter falado que era para um jogo só, porque depois você tinha jogo, tinha jogo e com isso você acabou com ela. Vai ficar por isso mesmo?". Eu não deixo de falar, não. falo sempre que posso, tanto que agora ela está me evitando, ela não...Se eu chego, ela sai de casa; ela conversa com a Fa, mas ela está me evitando, porque eu falo assim: "Olha, eu sinto porque foi o P que deu para a Fa, partiu dele isso".

T E', parece que até para a Fa foi uma coisa importante, pois se ela parou de jogar depois que ele morreu, não é? Ela tinha toda uma associação do vôlei com a joelheira, era uma coisa assim. Ela não cobra?

M Não, ela disse que já cobrou e não tem mais coragem de cobrar. Eu, outro dia, cobreí na frente de todo mundo, porque eu sempre cobra-va assim sozinha e aí, um dia, estava a mãe, irmã, prima, colegas do prédio, estava todo mundo assim na... eu aproveitei e falei assim: "Ah, que bom que eu consegui pegar todo mundo!", e a irmã dela falou: "Por que, M?" e eu falei: "Porque a D. está devendo as joelheiras da Fa e isso é imperdoável, D. Eu estou muito sentida com isso. Infelizmente, eu autorizei a Fa emprestar.". Então, a mãe dela ficou sem graça, eu falei e fiquei sem graça, fiquei

baratinada com a coisa.

CoT Você está deixando mais explícito que é preciso ter cuidado com as suas coisas.

M Isso!

CoT O que, até então, estava sendo feito a partir dos desejos dos outros.

T Ao mesmo tempo que você está podendo ver que existem algumas coisas que não adianta você cobrar, que elas não voltam, não é mesmo? (referindo-se a P).

M É verdade.

T Você cuida, você quer refazer algumas coisas e até existem, sim, aquelas que podem ser refeitas, que podem ser resolvidas, enfim, que podem entrar na sua vida de outro jeito. E existem coisas que não. Estamos terminando por hoje e também bastante próximas de terminar a terapia de vocês. Se você conseguir trazer as crianças na próxima semana, vai ser muito bom.

(M parece surpresa ao ouvir falar sobre o término da terapia, mas concorda com a cabeça, despede-se e sai).

ANALISE DA DECIMA SEGUNDA SESAIO

M está claramente mostrando que os problemas a serem enfrentados referem-se a questões da relação com os filhos, sem mais ter a marca do enlutamento. Consegue se perceber como o elemento que determina regras e limites, embora ainda tenha dificuldades em obter o cumprimento delas. Mesmo assim, reconhece e aceita como seu esse papel, o que é, indiscutivelmente, a aceitação tanto da perda de P quanto da necessidade de se adaptar às novas condições de vida.

Do ponto de vista emocional, M não trouxe mais as queixas que a caracterizavam como deprimida, "descontrolada", para usar uma expressão sua. Um aspecto importante está no relato do episódio da joelheira que P havia dado para Fa jogar vôlei e que M se esforça para ter de volta, sem se intimidar com as negativas. Juntamente com esse relato, vem a informação que Fa havia parado de jogar vôlei com a morte de P e agora está reiniciando essa atividade, o que é possível ser entendido como, também por parte de Fa, uma aceitação da realidade da perda e uma adaptação a ela.

A prática de esportes está oferecendo a esta família uma excelente experiência para a elaboração do luto pela morte de P, que é a questão de perder e ganhar, o que, no esporte, baseia-se em explicações racionais, com base na técnica, no treino, no esforço e dá, portanto, uma visão precisa das possibilidades individuais e grupais, enquanto que as explicações para as perdas por morte inicialmente são muito distorcidas, em razão do que essas perdas representam, só chegando a um en-

entendimento de caráter mais objetivo após sua elaboração.

E' possível dizer, portanto, que a psicoterapia da família-base, na abrangência do enlutamento pela morte de P, está se finalizando, restando nas sessões a seguir apenas o trabalho de encerramento do processo e a elaboração da separação entre terapeutas e família. A nova organização familiar está se construindo a partir dessa realidade: M é a pessoa adulta, que enfrenta o processo de crescimento dos filhos na fase de adolescência com dificuldades inerentes a essa situação, porém não mais agravadas pelas respostas que dava à sua condição de enlutada. Sem dúvida, seu papel no relacionamento familiar mudou, tendo ela deixado de ser vista pelos filhos como a "enlutada da família" e, por sua vez, ela mesma pode se ver em outros papéis, agora mais adequados às demandas que a vida atual lhe oferece.

DECIMA TERCEIRA SESSAO

(M vem sem os filhos. Quando T vai chamá-la na sala de espera, está com muito boa aparência, sorridente e conversando com outros clientes).

M A criançada não quer vir mesmo (acena negativamente com a cabeça), não tem jeito. Não querem. Ontem tive uma conversa com os dois, porque o Fo semana passada trouxe uma advertência, por não ter feito a lição de Português.

T Hum, hum.

M. E justo a de Português, que eu fico... e quando foi, ele trouxe uma a semana passada, quando foi segunda, ele trouxe outra. Então eu fiquei... mas aí, não por não fazer lição, era de falta de atenção na classe, estudando pouco. Então, eu já fui estourando: "Puxa, uma atrás da outra!". Eu fui explodindo mesmo, já perdi o controle. A Fa também havia recebido, só que ela não mostrou para mim. Quando ela viu que eu estourei com o Fo, ela ficou quieta e o que ela fez? Ela falsificou a minha assinatura na terça-feira e apresentou. Quando foi depois que eu estourei, falou: "Mãe, a classe inteira recebeu, não fui só eu. Você quer ligar para a mãe dos meus amigos, pode ligar. Foi a classe inteira, ela mandou para a classe inteira". Essa foi na segunda-feira. E quando foi na terça à noite, eu fui folhear a agenda da Fa para ver qual prova ela ia ter, que eu não tinha conversado com ela, qual prova que ela ia ter na quarta, porque do Fo eu sabia que era Ciências, agora dela eu não sabia. Eu sabia que ia começar as provas, só

não sabia que matéria. No que eu fui folhear, abri justamente, porque tinha uma folha dobrada e colada, então a agenda abriu justamente naquela página. Então, eu olhei: "Não fez a lição de Português.". Ai, a professora assinou, embaixo estava 'ciente' e uma assinatura. Eu li e falei: "Não acredito no que estou vendo!" e como eu já tinha explodido com o Fo, eu achei que tinha explodido em hora errada, eu falei: "Eu não vou conversar com ela agora, eu não estou com cabeça para isso". Ela estava no quarto, já estava dormindo, eu não falei nada. Quando foi na quarta-feira de manhã, eu falei para ela: "Filha, o que significa isso?". Ela falou: "Ah, mãe, você ficou tão brava com o Fo, então eu não quis falar nada para você, eu quis te poupar". Eu falei: "Eu estou muito chateada. A noite, nós vamos conversar". Ai, quando foi justamente à noite eu tive reunião lá no serviço e acabei saindo de lá nove e trinta e cinco, mas cheguei dez e pouco em casa, sentamos e conversamos. Ela falou: "Você ficou tão brava que eu quis te poupar.". Eu falei: "Mas eu fiquei tão sentida porque se você está procurando esconder um negócio desses, daqui a pouco você vai esconder mais o que?" e ela: "Mãe, mas você também já parte para um lado!". Eu falei: "Não! Se hoje está escondendo uma coisa pequena, amanhã você pode esconder uma coisa grande e eu não quero isso entre a gente. Não pode existir um negócio desses entre nós! Eu fiquei chateada de você levar o bilhete porque você está em casa". Ai, ela falou: "Mas eu esqueci!" e eu falei: "Tudo bem, uma vez que você esqueceu. Só que para você receber o bilhete, não foi a primeira vez", e ela falou: "Foi a terceira vez, só

que durante o ano inteiro e, se você quiser ir lá, pode ir lá conversar.". E eu fui, sabe? Eu fui lá e realmente ela levou dois no primeiro bimestre, ela levou duas advertências e aí no terceiro veio anotado. E do Fo também fui conversar com a Coordenadora. Eu queria conversar com a professora de Português, mas não consegui ainda. E o que eu de imediato eu achei que era implicância dela com ele, ele não poder tossir, ele não poder espirrar... Se bem que os espirros da criançada...! Então eu fui, fui lá para tirar as dúvidas e tal. Conversei com o Coordenador, ele falou: "A classe dela é 'triste', são os mais bagunceiros mesmo, mas é a terceira. Se ela recebeu um bilhete, é a terceira vez, ela já recebeu duas advertências".

T E elas sabem que você foi à escola deles?

M Sabem, sabem. Eu falei que eu ia lá. Então, nós conversamos e ela falou: "Mãe, você está sentida comigo porque eu não mostrei para você, mas eu quis poupá-la." e eu falei: "Eu estou sentida porque você não fez a lição, eu estou sentida porque você escondeu de mim e porque você falsificou a minha assinatura. Isto está atravessado, não dá para aceitar. Não consigo imaginar que você fosse capaz de um negócio desses. Se hoje você está sendo capaz disso, amanhã como vai ser aqui? Não pode existir isso aqui.". Aí, ela pediu desculpas, nós conversamos e eu falei, porque está um tal de pessoal, a turma do Encontro de Jovens, é um tal de entra-e-sai a tarde inteira dentro de casa. Eu falei: "Você não está estudando mais. Eu ligo, tem gente aqui dentro de casa, eu não aceito, você pode me colocar num quadrado (repete o gesto feito anteriormente,

com os dedos polegar e indicador, mostrando um quadrado), num redondo, onde você quiser, só que, eu não estando em casa, eu não quero menino aqui dentro de casa.

T Parece que está ficando aí uma questão de como é que eles podem assumir cada um a sua própria responsabilidade, dada esta realidade, que é você estar trabalhando, você não estar em casa para tomar conta.

M E', porque eu falei: "Não é que eu estou controlando, mas eu fiz as compras domingo pensando em quinze dias e me limparam a geladeira ontem à tarde". Um iogurte que eu comprei para eles mesmos e frios que eu comprei, porque às vezes eu chego assim mais tarde, então acabo não jantando e como lanche e o Fo também, quando vem do jogo, ele vai para um lanche. Ele come e, daqui a pouco, quando é oito e meia, nove horas, ele janta e aí às onze ele está comendo alguma coisa novamente. E ontem resolveram, não sei quantos que apareceram lá dentro de casa, que me limparam. Eu falei: "Não estou trabalhando para sustentar ninguém, estou trabalhando para sustentar meus dois filhos. O que que é isso? Chego em casa, geladeira limpa! Não está certo isso! Você fazendo um negócio desses, trazendo esse pessoal aqui para dentro de casa! Isto daqui está virando bagunça, isto é baderna, não é a 'Casa da Maria Joana', não. Não quero ninguém aqui dentro de casa, acabou! Se eu preciso de um... se você insistir, se eu ligar e souber que tem alguém aqui dentro de casa, eu vou colocar o vovô V. toda tarde, ou então, você terminando a Datilografia, eu vou procurar um emprego meio período para você, o que eu acho que é mais correto.

Eu vou atrás de um emprego para você, assim que terminar a Datilografia".

T E ela aceita isso?

M Ela falou: "Ah, você acha que eu vou dar conta?" e eu falei: "Você vai dar conta, porque você não faz... eu não vejo você estudar, você está com as meninas e com os meninos para baixo e para cima. Se você não está no primeiro andar, está no quarto, está no primeiro ou no quarto, ou está na rua, conversando com os meninos lá na rua. Eu não vejo você estudando, não vejo você fazendo lição. Não tem cabimento eu pegar lição do Fo e pegar sua também, se da quinta série em diante você fez tudo sozinha!

T Você acha que essa mudança dela se deve somente à falta do seu marido ou é alguma coisa dela que aconteceria assim de qualquer forma?

M Olha, eu acho que aconteceria, porque não era algo que o P seguraria. Ele dava aquela liberdade, mas, ao mesmo tempo, segurava a turminha. Tanto que as meninas da mesma idade dela já iam em festinha, já iam em bailinho, Domingueira, mas o P ainda não deixava. Na Domingueira, ele deixou uma vez, porque era aniversário de uma menina e ia ser comemorado lá, então ele deixou dessa vez, mas ele não deixava ela ir. Quando tinha um aniversário, eu sempre ia buscar, quando era onze e meia, meia-noite, eu estava indo buscar. As vezes, nem partiram o bolo, mas eu já estava pegando.

T Então, você está dizendo que ela faz isso porque é um desejo natural dela? E quer dizer que antes já tinha uma hora, uma regra, uma coisa assim?

M Isso mesmo!

T Agora cabe a você ver o seu estilo de estar lidando com isso.

M Então! Agora, por exemplo, ela fala: "Mãe, tem um pessoal da classe, eles vão para um sítio", e eu falei: "Quem vai?", ela falou: "Ah, não sei ainda. Talvez o pai e a mãe da menina". Daí, eu falei: "Não tem 'talvez'. Eu, inclusive, vou conversar com a mãe da menina", e ela falou: "Não precisa, mãe". Eu falei: "Precisa, porque, se não for nenhum adulto, você não vai". Essa turminha do Encontro de Jovens... eles vão para Ubatuba e eu nunca deixei isso, não é? A única vez que eu deixei ela ir assim um pouquinho mais solta foi agora para a praia, que ela foi e ficou com a prima. Mas sem... de ir e ficar... Quando o P era vivo, ela foi uma vez de ficar, em Piracicaba, mas a mãe da menina foi lá em casa buscar e trouxe.

T Quer dizer que para você existe a necessidade de ter algumas regras, de ter algumas coisas que sejam atendidas, para eles poderem estar saindo?

M E', ela fala: "Mãe, não tem nada de mais", e eu falo: "Filha, como não?" e ela falou: "Mãe, não tem nada de mais, põe isto na tua cabeça. Deixa eu ir? Pô, você não confia em mim?" e eu falei: "Posso até confiar em você, não confio nos outros, não sei com quem voce está indo".

T Em que seu jeito de lidar é diferente do jeito de lidar do P, quanto a essas coisas de pode-não pode?

M Eu estou até dando mais liberdade para ela assim, em torno de...se ela vai numa festinha, já não é mais de chegar às onze, onze e

meia. Eu vou buscá-la às vezes a uma hora da manhã, já cantou 'Parabéns', já é uma das últimas a sair da festa. Eu tenho dado um pouquinho mais de abertura para ela, inclusive teve a Festa Junina e eu fiquei super-chateada com ela porque ela falou: "Mãe, não precisa se preocupar, porque eu vou vir com a turma". Só que a turma que ela falou, eles chegaram a uma hora e, para infelicidade dela, um dos meninos do primeiro andar estava em casa e a menina, a irmã dele, quando chegou, foi chamar o irmão e eu fiz assim: "Você já chegou?", "Já.", "Cadê a Fa?" e ela falou: "Ela ficou, vai vir mais tarde", e eu falei: "Como? Vocês foram todos juntos, por que ela não veio junto?". Ela falou: "Ah, é que você não colocou hora para ela voltar, minha mãe colocou hora para mim voltar, você não colocou e então ela resolveu vir com outra turma". Eu falei: "Não, senhora! Vamos buscá-la já! Me dá o endereço que eu vou lá!". Ela falou: "Você vai?" e eu falei: "Eu vou, ela foi junto com vocês, ela deveria voltar com vocês".

T Quer dizer, a regra não era a hora, mas voltar junto?

M Voltar junto.

T Conforme ela combinou com você.

M E', ela falou: "Mãe, nós vamos voltar, eu tenho carona". Eu estou pensando que vem todo mundo a uma hora, se a mãe da menina já tinha estipulado o horário, eu não precisava ter colocado também. Se ela foi com aquela turma, ela volta com aquela turma. Mas, como eu não estipulei horário, ela resolveu ficar com o pessoal que vinha mais tarde.

T Veja, outra coisa estava estipulada: ela viria com aquele pessoal.

M E', só que eu não havia colocado horário, eu não sabia que a mãe da menina tinha colocado que era para chegar a uma hora.

T Eu penso que, de agora para a frente, como você já está vivendo isso, vão acontecer muitas situações semelhantes, não é, onde você vai mesmo precisar ter um papel, talvez até rígido em alguns momentos, de dizer o horário que é para chegar, o que ficou combinado e deixar essas coisas bem claras, porque é uma função sua. É uma função que agora cabe a você e você não precisa executar essa função do mesmo jeito que seu marido executava ou executaria. Você tem o seu jeito. Você falou até: "Ah, eu dou mais liberdade.", quer dizer, você tem o seu jeito e, pelo próprio crescimento dela, ela vai querer fazer outros programas, outras coisas e Viagens. E essas coisas vão precisar ser lidadas, qual é o grau de liberdade que você dá, o que você permite e o que não, o que você espera dela. Tudo isto precisa ficar bem claro, você não acha?

M E', eu acho que o que eu espero dela... pode ser que futuramente eu aceite que ela vá em turma, mas hoje não aceito, acho cedo, ela só tem quatorze anos.

T Mas isso não parece estar claro para ela.

M E', ela não aceita que eu não aceito, entende?

T E aí fica cada um fechado...

M E'.

T ... na sua não aceitação, sem poder estar se comunicando sobre isso, não é? Porque são opiniões diferentes e a gente precisa aprender a lidar com as diferenças. A gente não vai achar só gente que pensa igual a vida inteira, não é? É um aprendizado para ela

e para você também...

M E' (parece pensativa).

T ... de lidar com alguém que pense diferente, que tenha outras expectativas.

M E', ela já expõe assim com tanta... Quando eu conversei com ela ontem eu fiz assim: "Como você decide as coisas?", porque a avó da menina que mora no primeiro andar é justamente a minha vizinha da vilinha, que eu chamo de 'avó'. Pois ela caiu no serviço. Então a Fa estava lá embaixo, ficou sabendo que a avó caiu e, ao invés de ela ir lá em cima avisar: "A avó J. caiu, vamos lá.". Não. Ela ligou e falou para o Fo: "Fala para a mãe que eu estou indo para a avó J." e aí eu perguntei: "Mas por que ela está indo para a avó J.?", mas ela já não estava mais no interfone. Então, eu liguei lá e falei: "A Fa está aí?" e disseram: "Está, ela veio ver a avó J." e eu falei: "Por que? O que aconteceu com a avó J.?", "Ela caiu no emprego." e eu falei: "Está tudo bem?", ela falou: "Ela está com o braço engessado." e eu falei: "Deixa eu falar com a Fa?" e aí eu falei: "Filha, por que você não veio, não subiu, não avisou a mamãe que você ia aí?". Ela disse: "Ah, mãe, eu avisei no interfone!". Eu falei: "Mas, filha, eu fiquei ainda perguntando no interfone o que aconteceu com a avó, você não respondeu! Você avisou e saiu correndo. Será que custava você subir e falar com a gente?".

T Você gostaria que ela tivesse com você determinadas atenções que ela não está tendo?

M Exato! (acena afirmativamente com a cabeça).

T E ela talvez nem saiba que você quer que ela tenha essas atenções,

não é? Você fala sobre essa história e tem muitas outras que dá para a gente ver como você gostaria que ela tivesse algumas atenções com você. Penso que é importante mesmo ver que tipo de relação é possível ter agora, porque ela está mudando, você está mudando, ela está crescendo e você está se vendo num outro papel, com outras responsabilidades, tendo que cuidar de você. Então, aí está mesmo faltando deixar as coisas mais claras.

M E ontem, quando eu conversei, eu falei: "Por isso, está aí um motivo para a gente continuar indo na PUC, você não acha?" e eles: "Ah, não!" e eu falei: "Como não? Não seria só para falar do papai, seria isso, por exemplo: a gente conseguir conversar a mesma língua os três, porque se eu estou falando Alemão, você está falando Francês e o Fo está falando Inglês. Nenhum está falando a mesma língua aqui dentro de casa. Então, o que nós precisamos é conseguir falar a mesma língua aqui dentro de casa, para a gente poder seguir a caminhada juntos. Porque, do jeito que está, você decide.". Até começaram a dar risada porque eu falei "você decide" (aludindo ao programa de televisão) e a Fa falou: "Mas eu avisei pelo interfone!" e eu falei: "Tudo bem! Você avisou ...bororó...e foi embora (refere-se à fala rápida da filha ao telefone)!".

T Eu fico pensando que a gente andou conversando muito sobre como está indo o trabalho e me parece que, do ponto de vista do nosso objetivo inicial, com a sua frequência aqui e tudo o mais, me parece que o trabalho está perto de terminar, no que se refere à questão do enlutamento propriamente dito, de como seria possível lidar com isso, de você pensar e fazer um jeito de viver adequado

à vida que você tem hoje, não é?

M E' verdade (concorda, mas fala em voz baixa, parece triste ao ouvir essas palavras).

T Queria ouvir um pouquinho de você como é que você está vendo isso, pois me parece que, neste aspecto, nosso trabalho está perto de terminar.

M Eu inclusive, no domingo, teve uma... do Encontro de Casais que, como era diabética, teve problemas no pé, então precisou cortar um pedaço do calcanhar. Al ligaram lá em casa para avisar.

T Desculpa, eu não entendi. Quem é?

M Ela é do Encontro de Casais.

T Ah, uma pessoa que você conhece do Encontro de Casais.

M E', do Encontro de Casais, que nós frequentávamos muito lá. E quando foi sexta-feira, ligaram avisando da I., porque nós éramos... era a I., N., M., B., H., eu e o P. Nós éramos em sete casais, não é? Al ligaram lá em casa, todo mundo estava ligando, avisando que a I. havia operado e tal, que não estava bem e que iam fazer uma reunião no domingo às cinco horas da tarde, porque eles costumavam fazer sempre à noite, porque tem um deles... Ah, são oito, A.C. e M., ele é dono de um posto de gasolina, era sempre depois das dez horas da noite que começava a nossa reunião, porque até ele fechar o posto, fazer o caixa e tal, pagar os funcionários, aquela coisa toda, era sempre depois das dez que começava a nossa reunião. E eu deixei de ir, não fui mais, eles fizeram umas duas reuniões depois que o P faleceu, mas eu não fui, porque eu falei: "Agora acabou, é Encontro de Casais...".

T Você não era mais um casal.

M E'. Então, eu não fui mais, mas como ligaram para mim: "Olha, nós estamos fazendo às cinco horas da tarde, lá na casa da I., ela operou e está todo mundo com saudades, M. Aparece lá." e eu falei: "Ah, acho que eu estou preparada para ir, sim, sabe?". Eu sabia que ia ser uma barra, eu sozinha e todo mundo, os casais, e eu fui assim mesmo. Até teve uma que o marido estava viajando a serviço e ela foi sozinha. Então, eu fui, conversamos, nós lemos um texto da Bíblia, discutimos aquele texto e depois veio um bate-papo até as nove horas da noite.

T Então, foi um encontro de amigos, não exclusivamente de casais?

M Isso! Um encontro de amigos! Então, na hora eu reagi bem, só na hora que eu encontrei com todo mundo que... Por telefone, quando eu conversava... a M. inclusive ligava muito, a B. geralmente liga assim no sábado à tarde: "Como é que você está? Como estão as crianças?", eles ligam, uma vez ou outra sempre ligam, não é, mas vê-los mesmo...depois da missa do P eu não tinha visto mais ninguém.

T Qual missa? A do Sétimo Dia?

M E', a missa do Sétimo Dia e eu não tinha visto mais ninguém. Ai, tive aquela emoção na hora que eu cheguei e foi aquele impacto assim de chegar sozinha, não é? Eles moram no segundo andar, fui sozinha. Até a minha irmã falou: "Você vai sozinha? Leva a mamãe!", mas eu falei: "Não! A mamãe nunca foi no Encontro, por que eu vou levar a mamãe? Eu não vou levar a mamãe. Eu vou sozinha, sem ela. E eu só estou indo porque a I. operou, se a I. não tivesse operado, eu dava uma desculpa. Mas eles arrumaram de fa-

zer a reunião às cinco horas da tarde para que eu pudesse participar.". Porque a minha desculpa era de que às dez horas da noite eu ia chegar a uma, duas horas sozinha e que não ia dar certo. Ai, então, eu fui, tive aquele impacto assim no começo, mas depois reagi bem e tal. E fiquei com... aquela...assim (leva às mãos ao peito) coração apertado, sabe? Na segunda, na terça, quando descobri, acho que ...

T Ai, parece que somou, não é?

M Ai (risos), quando eu descobri que a Fa havia mentido e tal, ai somou mesmo e... Nossa! Chorei a noite toda, fiquei assim meio baratinada e tal e depois eu cai em si e falei: "Não, M, você tem que enfrentar, tem que conversar com ela." . Tanto que eu acho que o que eu já estava com o coração apertado com o que tinha acontecido no domingo, com o Fo, que eu tinha assinado, que eu tinha explodido com ele, sabe, perdido a paciência e tal... Ai, na terça-feira... ai...

T Transbordou...

M Era o que estava faltando, não é? Ai, chorei... falei: "Não! Eu preciso..."

T Até eu acho que você está falando de situações que provocam uma reação mais intensa mesmo, não é? Sabe, você está falando que isto não é aquilo de vir um choro, como você já relatou algumas vezes, de vir um choro e você não conseguir se controlar e que vinha de repente, numa situação pequenininha, que detonava aquilo lá. Você teve um monte de aborrecimentos, coisas assim que te deixaram assoberbada para poder resolver.

- M E'.
- T E, veja bem, lidar com uma perda, aguentar uma perda, não significa você ir a esse encontro e ver as pessoas pela primeira vez, sem sentir nada. Isso significa você ir a esse encontro, porque você vai sentir que você vai aguentar o que você vai sentir, não é? Sabe, não daria para a gente falar assim de uma coisa tão importante, que sempre marcou tanto a vida de vocês dois juntos, esse grupo, as atividades que vocês tinham com eles... Querer que você fosse lá se encontrar com eles e não ter nenhuma emoção com aquilo... não seria de se esperar! Você está dizendo uma coisa assim: "Foi duro, mas eu fui lá!". Sabe, é natural, realmente mexe com você e aí você somou tudo isso, não é?
- M E' isso aí, é isso aí!
- T E como você é humana, chega uma hora que você não aguenta mais e você chora.
- M E', mas eu consigo pelo menos, como no domingo de manhã, quando a minha irmã ligou e falou: "Você vai sair hoje?" e eu falei: "Vou visitar a I.". Ela fez assim: "Você vai sozinha? Por que você não leva a mamãe?" e eu falei: "Ah, a mamãe nunca foi, ela nem conhece o pessoal do Encontro.". E são dez anos que eu tive, porque eu fiz o Encontro de Casais em março de oitenta e dois, o Fo tinha dois aninhos.
- T Quer dizer, é todo o pessoal que se casou na mesma época que você, quem tem uma história parecida?
- M E', viajávamos juntos, porque aí já não fomos mais, porque o Encontro de Casais inclusive que nós fizemos na igreja do C.,

terminou em oitenta e cinco e de lá em diante ,pelo menos umas três ou quatro vezes por ano, nós nos encontrávamos, para bater papo, conversar. Todo ano, quando chegava no último final de semana de novembro, nós fazíamos a despedida do ano. Em junho, nós fazíamos a Festa Junina, que era em casa porque era vila e tinha espaço. As vezes, nós ficávamos assim quase que entre a Festa Junina e o final do ano sem... Nós só tínhamos tido uma reunião em setembro e depois só íamos nos reunir no final de novembro. Durante o ano todo, eram quatro ou cinco reuniões no máximo, não mais que isso, mas nós nos encontrávamos.

T Essa era uma relação em que não cabia sua mãe e nem dava para substituir o P. Era para você ir sem ninguém mesmo.

M E' mesmo.

CoT As pessoas também tinham uma história aí, não é?

T E', tinham uma história da relação de amizade de vocês e não somente você resolveu encarar sozinha como, de fato, não cabia sua mãe nessa relação. Você estava indo sem o P e, portanto, não era questão de você ir com qualquer outra pessoa, era você ir sem ele, que é a realidade que você vive agora.

M E fui e enfrentei! Depois da reunião, quando fui buscar as crianças às nove horas, no clube, que eles tiveram jogos das Olimpíadas, no sábado teve a abertura e no domingo teve jogos e o pessoal ali no clube, todo mundo sabe assim que o P faleceu, mas eles estavam acostumados comigo ali sozinha, não é? Ele era mais de ir principalmente só nas Olimpíadas, mas no dia que tinha jogo, era baralho, ou era truco ou buraco ou tranca que também participava,

ou xadrez, então desses inclusive ele participava. E bilhar, ele gostava de assistir mas não jogava. Mas quando era o jogo, quando era um vôlei, o Fo jogava futebol, ele não ia porque ele perdia a paciência quando o Fo não fazia uma jogada que ele gostaria que o Fo tivesse feito, ele ficava nervoso. Então, não ia, eu sempre ia sozinha com a criançada. Ai, eu cheguei lá no domingo, estava todo mundo, o pessoal, a Fa, estava todo mundo torcendo porque eram os veteranos que estavam jogando contra veteranos. Então, eles estavam assistindo os jogos. Eles dão tanta responsabilidade para o Fo!

T E ele está se desempenhando bem?

M Está! Ele liga para as pessoas, faz tudo! Como sábado agora, vai ter jogo de boliche. Hoje está tendo jogo de vôlei. Hoje ele teve jogo de futebol das seis às oito e depois, das sete e meia até acho que onze horas da noite... não sei bem como é, qual jogo ia ser primeiro, mas ia ter um jogo de vôlei da categoria até dezesseis anos e depois ia ter de dezesseis anos em diante, tanto masculino como feminino. Quer dizer, iam ser quatro jogos, começando às sete e meia, não é? E então a Fa também foi para lá, ela ligou para mim, porque de manhã não sabia se ia ou não: "Mãe, eu estou indo para o clube, o Fo já está lá, eu estou indo para lá." e eu falei: "Está bom. Então eu vou para a PUC e depois eu vou buscá-los."

T E como é que você está no trabalho?

M Eu fiquei um pouco assim apreensiva quando eles falaram assim de colocar mais uma promotora, sabe? Fiquei assim... sinceramente eu

fiquei insegura, sabe? Fiquei com aquele receio, pôxa! Mas vi que foi muito bom ter colocado outra para dividir.

T Você se sentiu ameaçada, que essa outra viesse...

M Senti, inclusive porque era uma pessoa que tem sete anos de experiência em turismo, então ela já domina a parte internacional. Então eu fiquei assim... me senti insegura, não é? Mas foi muito bom ela ter entrado, ela já começou a semana passada. Ela foi, visitou agências comigo e esta semana ela já está enfrentando sozinha. Ela já tinha trabalhado, nunca como promotora, mas já trabalhou na parte burocrática de uma agência, já trabalhou como emissora. Então, não foi difícil para ela pegar. E esta semana ela começou a ir sozinha nas agências, eu pego uma rua e ela pega a outra, nós dividimos por rua. Foi bom, eu estou mais tranquila. Inclusive a reunião de ontem foi boa em questão de botar os pontos, a razão de ter mais uma promotora, os planos da agência, que é realmente expandir aqui em São Paulo, porque tem filiais no Interior e agora vai ter filiais fora do Estado.

T Então a vinda dela veio até aliviar o seu trabalho?

M Veio.

T Porque me parece que, se eu me lembro bem, você estava se queixando que estava com muito trabalho.

M Estava.

T E ela veio em função disso, não foi?

M Isso! Então, foi bom. Até essa semana eu fiquei assim: "Pôxa vida! Eu estava tão insegura, com aquele receio, principalmente quando se falava da reunião de ontem, que ia sentar e falar a respeito

das promotoras. Então, eu já fiquei meio apreensiva, mas quando foi à noite, foi muito boa a reunião.

T Sua agência está se expandindo, será que você está se expandindo junto?

M Outro dia eu pensei (ri muito para contar esse fato): "Eu preciso pegar Geografia.", eu mesma sinto que preciso ir, sei lá, caminhando junto, sabe? Porque, por exemplo, no computador eu não mexo ainda, mas já não estou dependendo de ninguém para tirar as tabelas, que eu dependia de todo mundo para tirar tabela para poder sair no outro dia, quando não tem a tabela da gráfica. E há duas semanas atrás, eu pedi para o garoto que a gente chama de R.: "R, me ensina a tirar tabela."

T No computador?

M É'. Ai mexemos lá e eu comecei a tirar. Quer dizer que eu venho na hora do almoço, eu vi que não deu tempo de ele tirar, eu ficava dependendo de ele voltar do almoço para tirar tabela para mim, para voltar a sair. Agora não. Agora eu venho e justamente o horário que a recepcionista está saindo para almoço, tipo meio dia e quinze, então é o tempo que eu fico no telefone e fico tirando tabela para mim e para a Z. Ai a Z.chega, fica no telefone e eu fico tirando tabela para poder à tarde a gente sair.

T Quer dizer que você está dizendo que você enfrenta as suas dificuldades sem deixar que elas imobilizem você?

M Olha, é com um pouquinho de receio, sabe? Eu fico assim meia...mas eu já estou enfrentando. Eu acho que só o fato de tirar... eu fiquei muito feliz mesmo no dia que eu tirei a primeira tabela

sozinha! (ri, parece estar mesmo contente com essa lembrança).

T Posso imaginar!

M Então, eu brinquei, comecei a brincar: "Tirei tabela! Tirei tabela!", foi aquela festa! Mas o computador eu não consigo. Não consigo, não! Acho que eu tenho que sentar, prestar atenção nos códigos, decorar os códigos para depois...

T É uma aprendizagem, não é?

M É, porque são duas coisas que eu não sei, bloqueou, então eu não consigo: é para ver se tem lugar, se não tem, para mandar o pacote e a bendita da máquina elétrica. Então, eu levo as coisas para casa, datilografo na minha máquina pequenininha (ri). Mas lá no serviço mesmo, eu procuro não pegar naquela máquina, eu procuro evitar o máximo. Eu datilografo etiquetas, tudo o que tiver que datilografar em casa, mas procuro não mexer naquela máquina. Mas eu preciso vencer isso, eu preciso tirar essa mania de achar que eu não...

T E você diria que não vai vencer?

M Eu preciso vencer!

CoT Parece que você está se abrindo para coisas novas, não é?

M É.

CoT O desconhecido não é mais tão ameaçador assim.

M É e até eu falei: "Eu preciso pegar!". Inclusive eu cheguei a pegar a máquina hoje mesmo, mas aí precisou fazer passagem à mão.

T De leve, você já está chegando perto...

M É, então, eu fui, mas aí eu dei uma erradinha no nome lá, o rapaz estava aguardando e aí eu falei: "Ah, eu faço à mão mesmo!". Aí

fiz à mão e entreguei para o rapaz. Mas é incrível, é uma máquina último tipo, tem o corretivo dela, é muito cheia de frescura, então é incrível! Eu fico meio apavorada na hora de mexer na máquina e acabo levando para casa, datilografando lá em casa e entrego o que eu tenho que entregar, assim.

T E resolve do jeito que você pode resolver no momento, não é? Eu tenho a impressão mesmo que, em função de tudo o que a gente tem visto e do que você está me trazendo hoje, o nosso trabalho está mesmo bem próximo de terminar. Acho que a gente tem que começar a pensar que a gente vai viver uma separação aqui. É um contacto que começou em meados de maio e vem seguindo, então é um tempo de contacto bem intenso. Uma série de coisas importantes foram trazidas, foram trabalhadas. A gente também vai viver um luto aqui, de parar de se ver, não é? Mas a gente pode pensar nessa parada numa coisa não definitiva. O que eu quero propor a você é o seguinte: que a gente faça uma última sessão na semana que vem, mas aí é fundamental que as crianças venham, exatamente para fechar, para terminar. Eu tenho certeza que você consegue trazê-los. Diga mesmo a eles que é esse o objetivo, é uma última vez, que nós vamos terminar esse trabalho juntos, é preciso que estejam os três aqui, para poder terminar.

M E', eu vou conseguir (sorri, parecendo meio sem graça).

T Vai conseguir! Acredito que tenha muito disso, sim. Do empenho, sabe, da necessidade de trazê-los aqui. E depois, a gente pode pensar em encontros mais espaçados, para estar acompanhando como você está tocando a vida. Sabe, encontros mensais, alguma coisa

mais espaçada, mas penso que dentro deste objetivo nosso, como foi proposto no começo do trabalho, eu penso que foi atingido.

M Hum, hum. É verdade, eu... está diferente. Aceitar, eu tenho dificuldade em dizer para você que estou aceitando, mas já encaro diferente, não é aquele desespero... aquele quase caindo numa depressão. Eu lutava comigo mesma para não acontecer, para não deixar a peteca cair, como diz uma amiga minha (risos). Então, eu acho que eu já consigo me controlar para encarar. Acho que saudade eu vou ter sempre. Acho que não vai ser assim de uma hora para a outra, mas eu já consigo encarar (silêncio). Não sei... é diferente, já não dá aquele desespero de estar andando na rua, chorando de ver a pessoa no metrô, achando que era ele, aí vem aquele desespero, aquela vontade de chorar. Bom, chorona eu sempre fui, não é? (risos)

T Sempre foi chorona?

M Eu sempre fui assim bem chorona, sempre, mas estava descontrolada, realmente descontrolada. Então, foi aí que me deu aquele desespero e eu falei: "Não, eu não posso deixar a coisa chegar... continuar do jeito que está. Eu acho que tem dois em casa (referindo-se aos dois filhos) que têm que..."

T Tem três (incluindo-a também).

M É, tem (risos), é verdade, às vezes eu esqueço de mim mesma, mas eu já encaro bem diferente, já.

T Talvez essa diferença, se eu posso entender bem, é que no desespero você não consegue enxergar à sua frente e agora você enxerga. Não quer dizer que essa realidade à sua frente seja pintada de

cor-de-rosa, mas você consegue enxergar, para poder estar em contacto com isso e para poder ter sua ação nisso aí. Porque, quando a gente está no desespero, não consegue perceber.

M Eu não conseguia ler um texto de jornal, não conseguia ver televisão, assistir um filme, olhava o filme e pensava que nós tínhamos assistido em...tal data, lembrava até as datas.

T Porque você é mesmo uma pessoa que sempre marcou as datas, não é?

M E', então, eu não conseguia mais assistir um filme, um jornal. Agora já...inclusive sábado, quando saímos do clube, a Fa falou: "Mãe, a tia pegou um filme, é até uma comédia. vamos assistir? Eu vou lá pedir para ela.". Mas não deu certo... não sei, acho que o vídeo está muito tempo parado, precisa limpar o cabeçote. Porque o Fo bota no vídeo só para mudar de canal, mas não que ele use o vídeo, nós nunca mais usamos o vídeo. Mas só o afeto de eu querer assistir o filme já é uma mudança, não é? Eu não conseguia, porque eu ficava com ele sábado à noite vendo filme, ele ia pegar dois ou três filmes. Então, por isso eu não conseguia sentar e assistir.

T Você mesma pode ir percebendo o que está mudando, até em sentir vontades que não sentia mais.

M E', sabe, eu mesma pensando e falei para mim mesma: "Isso é bom, M, você está com vontade de assistir o filme.". Então, eu nunca fui de ler muito, era preguiçosa para ler, o P brigava comigo por isso. Ele devorava livros, trocava com os colegas de serviço, do Encontro de Casais, da igreja. Quando eu lia um livro, ele já estava no terceiro. Ele brigava muito comigo a respeito disso e agora está saindo roteiros novos lá na agência que eu sou obrigada

a ler. Sou obrigada a ler sobre Ilhéus, Pantanal, Aruba. Hoje mesmo fui informada que vou ter uma aula sobre Aruba a semana que vem, porque entra a parte internacional. E quando eu vim para cá mesmo, eu estava pensando que tinha que achar alguma coisa para ir lendo, para não chegar lá sem nada, não é?

T Então, você está interessada em estar atualizada, em estar presente.

M Então, eu vinha mesmo pensando nisso.

T Então, está bem. Acho que nós vamos terminar por hoje. Então a gente se vê na semana que vem, quando vai ser nosso último encontro neste contexto, você com eles.

M Está bem, então. Eu vou trazê-los.

T Está bem. Espero por vocês.

ANALISE DA DECIMA TERCEIRA SESSAO

Em todos os âmbitos de sua vida, M mostra claras evidências de estar em franco processo de elaboração do luto pela morte de P, ao mesmo tempo em que permite, com alguma relutância ainda- aos filhos que se desenvolvam no caminho que lhes é próprio.

Sua atitude diante das dificuldades não é mais de temor e sim, de coragem, sejam essas dificuldades de que ordem forem: informação, segurança profissional, relacional. Como consequência, seu papel mudou e também a relação daí decorrente, com os filhos, com os amigos, a profissão.

O envolvimento dos filhos com as atividades esportivas tem exercido uma função valiosa quanto à possibilidade que ambos têm de se envolverem em relações onde também tenham sua importância e possam mostrar a possibilidade de novas vinculações. Embora o interesse pelos esportes não seja novo, está agora significando uma mudança importante de seu processo de elaboração do luto e do crescimento dos filhos.

As questões trazidas como necessitando de atenção ou que estão sendo valorizadas como problemas dizem respeito ao processo de crescimento dos filhos, a partir da entrada na adolescência. M entende-se como a pessoa que deve dar as normas, não mais fugindo dessa função por sentir-se incapacitada para exercê-la. Consegue enfrentá-las e aceita a importância de fazê-lo.

A decisão de terminar o processo psicoterapêutico, dentro do enqua-

dramamento do luto familiar, deveu-se a essas considerações e à análise desse processo, ao longo de sua duração. As questões de relacionamento de M com os filhos, em particular com Fa, no que se refere à explicitação de regras e punições, não estão requerendo uma intervenção específica, poderão se resolver à medida em que M se fortalecer no papel de autoridade e, conseqüentemente, conseguir que os filhos respondam a esse papel de forma madura para sua idade.

DECIMA QUARTA SESSAO

(A familia atraza-se quarenta minutos para a sessão. Vão os três: M, Fa e Fo.)

M Perdi uma vaga aqui na frente. As nove horas em ponto eu estava aqui.

Fo Ai, o segurança...

M ... não deixou eu estacionar. O guarda daqui estava guardando lugar para um rapaz daqui de dentro e aí, fiquei rodando.

T E onde você parou? Foi longe?

M Lá em baixo (aponta na direção da Rua Cardoso de Almeida).

Fo Lá na doceira.

M Para lá, perto daquela igreja daquele lado.

T Sei, sei. Mas foi muito bom que vocês vieram! Como foi a conversa para eles virem (dirigindo-se a M)?

Fa Eu tinha esquecido !

T E'? Tinha esquecido depois de terem combinado?

Fa E', tinha esquecido hoje.

M Eu fiquei contando até dez, para ver o que eu ia fazer. Fiquei procurando que nem louca. Nem me avisa, nem um bilhete para dizer onde está ela não deixou. (suspira, como representando que ficou cansada).

T E você, Fo?

Fo Eu, como?

T Você veio hoje por que?

Fo Porque ela (referindo-se a M) me chamou.

T Foi só hoje que ela chamou?

Fo Não. Nos outros dias eu falei que não queria mais vir.

T Mas hoje você veio. O que houve de diferente, que hoje você veio?

Fo Ela falou que hoje tinha que vir, de qualquer jeito.

T Parece que hoje ela pegou a pulso?

M A, tinha que...Eu acho que eu tenho que fazer eles entenderem que eu estou ali.

T Hum, hum.

M Dal, quando ela (referindo-se a Fa, que tinha se esquecido da sessão) entrou no carro, eu desembestei a gritar feito louca, porque, se falei de manhã...tenho falado a semana inteira, estou falando e de manhã eu avisei: "A noite, temos a PUC.". Iamos pegar o Fo, está certo que ele não teve culpa, o técnico demorou mais, soltou ele eram quase oito e trinta e cinco quando chegou realmente a dispensá-lo, coisa que, das outras vezes, às oito e dez, oito e quinze ele já está livre. Ai, eram oito e trinta e cinco e o técnico ainda estava dando instruções, ai, quando soltou, nós viemos embora e eu ainda falei: "Não sei se eu ligo para a Dra. M.H., se eu vou atrás da Fa, porque eu tenho que saber onde ela está.". E ai, voltei em casa e ela estava lá, eu peguei ela e vim para cá. Quando ela entrou no carro, eu estava brava porque não deixou bilhete de onde estava, porque não quer...tem preguiça de ligar, então escreve: "Estou em tal lugar.". Não custa, não é? Eu cheguei em casa...eu estava em casa dez para as oito, ai tomei um banho rápido, e às oito, oito e dois eu falei: "Ué...cadê a Fa? Não está aqui..". Pensei lá embaixo, mas não estava. Liguei para

uma colega dela, não estava. Ai, quando liguei para um colega, a mãe falou: "Ele está no colégio, acho que ela também está lá.". Quer dizer, o rapaz... a mãe trabalha e tudo e o rapaz tem cabeça de informar a mãe, não é?

Fo A mãe não trabalha, trabalha?

M Trabalha.

Fa Ela chega cedo de serviço, ela chega às quatro horas.

Fo E'.

T E isso muda o que para vocês?

Fo Não, é que fala que chega às sete horas e chega às nove, dez horas.

Fa Não, não muda. Que nem, ela falou que ele avisou, mas é porque ela estava lá, foi por isso que ele avisou.

T Eu acho até que às vezes pode esquecer.

Fa E eu esqueci hoje, eu estava avisando todos esses dias. Hoje eu esqueci, vou fazer o que? Esqueci!

M E' fácil assim. E assim que é: "Eu esqueci.", é normal as coisas assim, esquece!

Fa Para você (dirigindo-se a M) também é normal esquecer as coisas. E' ou não é?

M "Esqueci! Esqueci!" (está imitando Fa).

T Acho que tem algumas coisas para a gente pensar um pouco, não é? Primeiro vamos só citar o seguinte: nós podemos ficar até dez para as dez, está bom? Então, a gente tem vinte minutos para estar fazendo a sessão que é o nosso último encontro dentro desse esquema das quintas-feiras. Nós podemos até pensar em fazer um acompa-

nhamento mais espaçado, um pouco mais para a frente, mas dentro deste esquema, hoje é nossa última vez. Foi por isso que eu pedi à sua mãe que realmente trouxesse vocês aqui. Eu queria estar dando uma olhada geral com vocês, ver como vocês estão, enfim, estas questões que estão acontecendo no dia a dia de vocês, para ver como isso pode ser resolvido. Você (dirigindo-se a Fa) não é filha da mãe do seu amigo, você é filha da sua mãe.

Fa E', eu sei.

T É na sua casa acontece desse jeito. E' por aí, está bom? Vocês estiveram aqui acho que faz um mês mais ou menos, um mês e meio.

M E'.

T É como é que vocês estão de lá para cá? Acho que o Fo está muito envolvido com as coisas do esporte, com as suas responsabilidades, não é?

Fo Estou indo sempre para o clube. O terrível é estar indo a pé, ainda.

T Hum, hum. Que bom que você tem as duas pernas!

Fa Bem feito, babaca! (bate com a mão nos ombros do irmão, rindo muito). Foi querer fazer joguinho...

T Sim, porque você tem uma mãe que trabalha e que não vai ficar de chofer para você (Fo olha para M). É você ir e voltar a pé para fazer uma coisa que é interessante para você é muito ruim?

Fo E' porque é longe.

Fa E' longe nada.

T Bom, pelo jeito você tem ido e voltado e está aí inteirinho.

Fo Hum, hum.

T Você gostaria somente que a sua mãe continuasse à sua disposição.

Fo Só ir buscar pelo menos, que é a noite.

T E você tem que fazer o que ? Qual exatamente a sua função nessa organização ?

Fo Ir a pé, jogar bola e voltar a pé.

T Mas você não está com um papel aí na organização ?

M Boliche.

T E' no boliche ?

Fo Hum, hum.

T E como é que você está se saindo ?

Fo Mas não é na Olimpíada que eu fui hoje (olha para M).

M Não, hoje não é o boliche ? Tem boliche, ping-pong, e o que mais ?

Fo Não sei.

T Você está agitando bastante no esporte, não é ? Isto é bom para vocês. Vocês gostam ?

(Fo concorda com a cabeça)

T Por que ? Porque você faz amigos ? Porque você faz atividades físicas ?

Fo E' melhor do que ficar em casa assistindo televisão.

T E', eu concordo com você, sabe ? E dá para fazer isso e continuar com suas obrigações do colégio ?

(Fo olha para M e ri. Fa também ri e ambos parecem incomodados).

Fo Dá.

T Dá. E' engraçado que você olha para sua mãe como se ela fosse dar as regras de como você equilibra essas coisas. Você não consegue dar essas regras para você mesmo ?

Fo Quando eu dou regras para mim mesmo, ela (referindo-se a M) reclama.

T Por que ?

Fo Porque eu quero ficar até dez, onze horas no clube e ela já chega reclamando.

T E você entende por que ela reclama ? Fica clara a queixa dela ?

Fo Não, porque ela sabia onde eu estava. Ela sabe onde eu estou.

T Então parece que a questão não é ela saber ou não saber. E' a hora que você vem (Fo levanta os ombros e abaixa o olhar). Eu acho que isso é uma coisa que ia acontecer mesmo. Ele crescendo e querendo fazer mais coisas é próprio da idade. E como é que vocês chegam a uma regra que tenha sentido para os dois ? Como é que dá para a gente sentar e negociar isso aí ? Porque você diz: "Eu garanto que ela sabe onde eu estou, eu falo onde eu estou e estou lá mesmo.". Legal! Legal que você sabe que sua mãe gosta de saber onde você está e nisto ela não é diferente de nenhuma mãe de nenhum amigo seu. E tem esse outro ponto aí do horário que eu acho que você precisa conversar com ela e ver qual é a opinião. Por que ela quer que você volte às dez horas ? Por que mais tarde do que isso ela não aceita ? Talvez ela não consiga tornar claros os motivos e isso é uma coisa para vocês estarem se entendendo. Realmente sua vida mudou, você tem sua mãe que trabalha, que não dá para ficar te paparicando mesmo, que pode até quere chegar em casa às sete e meia, mas tem dia que não dá e não chega, porque a atividade dela não dá para ter muito horário. Isso significa que você pode crescer, ficar responsável por você também ou você vai ficar sempre

um bebezão esperando a mamãe para cuidar das suas necessidades ? Por outro lado, se ele pode assumir responsabilidades (dirige-se a M), você também precisa lidar com as responsabilidades que ele assume para você poder se tranquilizar com isso.

M E'.

T Como é que as coisas combinadas são cumpridas ? E você (dirige-se a Fa) na última vez que a gente se viu você quebrou o pé de novo. O que mais aconteceu ?

Fa Nada, basicamente nada.

T Quanto tempo você ficou engessada ?

Fa Quinze dias.

T Foi pouquinho !

Fo Era para ter ficado um mês.

Fa Um mês.

CoT E o que aconteceu ?

Fo Foi em outro médico e ele disse que não precisava mais.

Fa Fui em outro médico, o médico falou que não precisava ficar um mês.

T Acho que aí você gostou mais do segundo médico.

Fa E' (ri), preferi a opção dele.

T E ficou bom mesmo tirando mais cedo ?

Fa Ah, isto aqui é uma coisa ! Qualquer coisinha, qualquer tombinho que se toma... Agora não tem mais jeito, vai ser assim. Qualquer tombinho que eu tomo, vai desligar os nervos, qualquer coisinha sempre dói o pé, não tem jeito. Foi o que o médico falou, não tem jeito isso aqui não tem uma cura total, você não consegue ligar

totalmente o nervo. Fica sujeito ao pé ficar fraco com qualquer tombinho.

M E', mas tem que parar de correr e parar de...

Fa ... fazer exercicios (interrompendo M).

T Mas é uma pena você ter tantas limitações por causa de uma coisa que não vai ter cura.

Fa E', porque aí ele falou que um dia vai ficar assim, vai melhorar mas não vai ficar totalmente normal. Ainda sinto, às vezes eu estou andando na rua e eu caio.

CoT Quer dizer, foi precipitado ter tirado ?

Fa Não, não foi precipitado, porque se eu ficasse um mês não ia adiantar nada. Da outra vez que eu engessei, fiquei três semanas e não adiantou nada, ficou a mesma coisa de eu ter ficado quinze dias.

T E', tem algumas coisas que não tem cura.

M A segunda vez foi quando ela foi correr para treinar para as Olimpíadas lá na escola. Aí foi no mesmo lugar e ele mandou colocar um tornozeleira, mas ela acha que incomoda, aperta muito então não põe.

Fa De vez em quando, quando eu vou fazer uma coisa assim muito forte, correr, alguma coisa assim pesada, eu coloco mas para ginástica e para andar eu não coloco.

T Parece que você está com uma vida social bem intensa.

Fa Ah, mais ou menos.

T E como é que você tem também equilibrado esse lado com sua mãe ?

Fa Ah, vai levando aos trancos e barrancos (ri, parece sem graça,

olha para M).

T Você também olha para sua mãe para saber o que ela está achando. Eu acho que tem aí um ponto para vocês reverem: O quanto esta questão da escola é uma responsabilidade de eles? Que responsabilidades eles podem compartilhar com você?

M Em casa, o problema de dinheiro eu chego e falo, eu falo tudo para eles: "Tenho que pagar isso, tenho que pagar aquilo." Eu acho que não tenho que ficar isolada, porque, senão, fica naquela que pede dinheiro, eu não dou e fica achando que é porque eu não quero e não é por aí. É porque realmente não dá. Então, em questão de dinheiro eu chego e falo o que tem que pagar. O que eu insisto assim com os dois é de dizer que nós temos que falar a mesma língua e nós ainda não estamos falando. Cada um fala uma língua ali dentro. Só que eu falei que a gente tem que os três falar a mesma língua e saber que eu sou mãe ali.

T Como é que vocês dividem as tarefas domésticas?

M Não estão divididas, eu fico pondo bilhetinhos lá. Bom, até que a cozinha agora ultimamente eu não posso nem falar.

Fo Quando eu não arrumo, ela reclama. Quando eu arrumo, ela não fala nem um 'obrigado', nem repara.

T Você gostaria que ela te elogiasse, não é, Fo?

Fo Nem repara...

T Mas ela começou a elogiar agora. Eu acho que ela começou a falar que está legal. Era isso que você ia falar (dirigindo-se a M)?

M Eu falei, eu começava a falar que agora a cozinha não dava para reclamar mais (olhando para Fo).

Fo Está falando porque as duas (referindo-se a T e CoT) estão perto. Se estivessem em casa, estava reclamando, que não faz outra coisa.

M Mas eu reclamo mesmo !

Fo Eu sei que você reclama.

M Ele tira a roupa do corpo para tomar banho e ele não tem a capacidade de colocar dentro do sexto.

Fo E quando eu lavo louça, você só reclama, fala direto que eu não lavei a louça.

T Eu acho que ele está colocando uma coisa para você pensar. Enquanto você fala de não reclamar, ele fala de outra coisa, de você falar 'obrigado', de você elogiar de você achar legal que é diferente de não reclamar. É uma coisa tão importante o que ele está falando aqui !

M E', realmente eu acho que eu não elogio mesmo...

Fo De jeito nenhum !

T E você gostaria não é ? Quem sabe ela vai prestar mais atenção nisso.

Fo Da próxima vez, nem faço.

T Mas assim você não dá chance nem a ela. Acho que é aí mesmo que você tinha que dar chance, numa próxima vez, para ela mostrar que gostou, porque isso é importante para você e ela não tinha percebido essa coisa.

Fo Tinha, sim ! A gente sempre fala isso para ela e ela nunca liga.

T E as suas tarefas em casa (dirigindo-se a Fa) ?

Fa Ah, ultimamente ela não tem o que reclamar mesmo !

T Tem o que elogiar ?

Fa Não tem o que elogiar também, mas também não tem o que reclamar. Para chegar em casa irritada do jeito que ela chega e ficar falando um monte, ela não tem motivo para descontar em cima da gente, ela não tem motivo.

T Puxa, mas assim parece que a mãe de vocês é uma fera ! E' assim mesmo ?

Fa Não, mas ela se faz disso, mas ela não é nada disso.

T Como é que ela é, então ?

Fa Ela tenta se fazer de fera, mas ela não é nada disso.

T Nesse tempo, deu para a gente acompanhar bem, porque sua mãe esteve aqui assiduamente e deu para acompanhar como foi para ela. E' uma pessoa que realmente está muito interessada em estar em pé na vida, em assumir o papel que ela tem, tem que cuidar de vocês tem que cuidar dela e tem que deixar vocês crescerem. E isso significa também o papel de vocês com ela, de entender o dia que ela chega tarde e cansada, porque quem trabalha às vezes chega tarde mesmo.

Fo E quando a gente fica na escola até tarde e tem escola integral e começa a falar alguma coisa para ela, ainda apanha !

M Apanha ?!

Fo Apanha !

M Apanha ?!

Fo Apanha !

T Será que nós estamos falando da mesma mãe e do mesmo filho ?

Fo Estamos !

M Quando eu bati em você, Fo ?

Fo Você nunca bateu em mim, é ?

M Não. Já, já sim.

Fo Então está bom.

M Ultimamente inclusive faz um tempinho, mas eu já te dei uns tabefes, dei mesmo.

Fo Porque eu não queria guardar a coisa que você comprou.

M Não queria o que ?

Fo Não queria guardar as compras que você fez, só porque eu não queria guardar.

M Ai é verdade ! Ele não só não queria, como me enfrentou, dizendo que não ia guardar e ia saindo da cozinha. Eu catei ele (faz o movimento com as mãos), empurrei ele para a parede, ai ele me enfrentou, dizendo que não ia fazer aquilo. Ai eu botei ele na parede, acho que inclusive eu comentei, botei ele na parede e falei: "Você vai ajudar a guardar.", porque ele decidiu que não ia ajudar e ia saindo da cozinha.

T Eu acho que todo mundo que vive junto, mãe e filho, filha, um bando de irmãos, amigos que dividem um apartamento, enfim, pessoas que convivem sempre têm regras de convivência. Então, acho que vale o exercício entre vocês de ver quais são as regras de convivência e de colaboração que pode acontecer. O que cada um espera do outro ? E ai discutir se o que ela espera é justo, se há um jeito melhor de fazer as coisas.

Fo E', mas um dia antes, a Fa não tinha guardado a louça e ela não fez nada.

T Se vocês estabelecem uma regra de colaboração, ai essa regra tem

que ser cumprida, não é?

Fo Um dia, antes, a Fa não tinha guardado a louça e ela não falou nada.

CoT Me parece que tem tanta braveza aí, tanta mágoa, que está difícil conversar sobre o que cada um sente. Pedidos já começam a se tornar exigências e aí vem um movimento contra, de não querer receber aquele pedido daquele jeito, não é?

(M, Fa e Fo entreolham-se, em silêncio. Fo parece querer falar alguma coisa, mas antes olha para Fa, que então de cabeça baixa, não nota o olhar dele. Fo desiste de falar).

T E', falamos de sua braveza e de sua mágoa, mas muitas outras coisas aconteceram conosco aqui neste tempo de terapia. Estamos encerrando por aqui e eu quero deixar marcado para a gente se ver de novo, daqui a três semanas, está bem para vocês?

M Está.

T Eu penso que nesse período eu espero de vocês - olhem, que eu estou tornando clara a minha expectativa - que vocês conversem sobre essas coisas. Como a CoT apontou, que sentimentos acontecem aí que impedem que aconteça a colaboração, a paciência? Está acontecendo alguma coisa de braveza, de mágoa e assim não dá para vocês verem o lado de sua mãe e, muitas vezes, não dá para ela ver o lado de vocês.

M Eles falam, ela (referindo-se a Fa) recebe colegas em casa. Já falei que não quero que eles recebam colegas em casa. Uma vez quebraram o violão, a corda do violão que ele havia ganho na escola. Quando foi segunda-feira que eu cheguei em casa, já vi

gente em casa que eu não queria ver, que eu já tinha dito que eu não queria dentro de casa e ainda mexendo na máquina de escrever que não era minha, eu fiquei... olha, eu me desgovernei, eu fiquei fora de mim, eu falei: "Poxa vida!", mas eu não fui... eu não fui grossa, para falar Português claro, eu falei: "Essa máquina não é minha. Por favor, cuidado com ela.". Eu falei qualquer coisa assim e fui entrando para o quarto. Ela me coloca numa tela, porque fala que eu sou quadrada, mas eu não aceito, tem certas coisas que eu não aceito. Eu acho que o fato de eu não aceitar, ela tem que aprender a respeitar, não é? Ela fala: "Mãe, nós estamos em noventa e dois!". Tudo bem, mas eu sou mãe do mesmo jeito, em noventa e dois, noventa e se não tem o pai, ela tem que me olhar com outros olhos.

T Exatamente. Quer dizer, esses olhos que significam que você tem um cuidado, você tem responsabilidade sobre eles e eles também têm responsabilidade sobre eles. De fato, não tendo pai, você é que faz essas coisas e eles são pessoas privilegiadas, porque estão vivos, podem continuar aprendendo, tendo amigos, podem crescer e você também. E tem aí a convivência de vocês, que vai acontecer e já está acontecendo do jeito que é essa nova realidade.

M Isso é uma verdade!

T Vamos ver, então, quando vai ser nosso próximo encontro?

CoT Semana que vem é dia primeiro...

Fo Dia quinze!

T Dia quinze, então, vai ser dia quinze.

(M consulta o calendário do talão de cheques.)

Fo E'dia quinze, mãe!

M Dia quinze.

T Está bem. Então dia quinze a gente se vê de novo. A gente sabe que tem esse momento de encontrar aqui, hoje a gente está terminando o nosso trabalho, vamos continuar somente para acompanhar como vocês estão. Está bom? Obrigada por virem, obrigada por tudo.

(Todos despedem-se, Fa e Fo beijam T e CoT).

ANALISE DA DECIMA QUARTA SESSAO

Esta sessão marcou-se pela questão do estabelecimento de regras, em função das solicitações que a família passou a ter, em face das novas condições da realidade: M trabalhando fora, Fa e Fo ampliam suas atividades sociais e seu desejo de independência.

Não há disputa pelo poder da autoridade e sim, rebeldia, por parte dos filhos, em aceitá-la. Fo ressentiu-se da pouca disponibilidade de M para continuar cuidando dele, pois não vê o afastamento de M como uma possibilidade de estímulo ao seu crescimento e sim, como um sinal de rejeição. Conseqüentemente, comporta-se de maneira a não colaborar com as necessidades de M, para não ter um papel mais maduro na família.

Fa não parece tão atingida por estas dificuldades, mas sua relação com M também é marcada por questões referentes ao exercício da autoridade.

A proposta de encerramento do processo psicoterapêutico foi bem aceita, pois está claro para todos que enlutamento não é mais o ponto no qual as relações familiares se encontram atingidas. Já se deu o reconhecimento da perda, restando a esta família apenas a tarefa de se organizar com os contornos que tem agora. O acompanhamento periódico também foi aceito, o que lhes garante uma separação gradual.

Se esta última sessão fosse isolada do processo, poderia ser entendida como uma sessão inicial de uma família com filhos adolescentes. Como é essa a realidade que eles vivem hoje, pode-se dizer que os objetivos da terapia da família enlutada foram atingidos.

RESUMO E ANÁLISE DA DECIMA QUINTA SESSÃO (ACOMPANHAMENTO)

Esta sessão aconteceu três semanas depois da anterior. M compareceu sem os filhos, justificando a ausência deles pela coincidência do horário da sessão com outros compromissos. Relata que, após a última sessão, os filhos estão se mostrando mais atentos quanto a lhe dar informações sobre o que planejam fazer, o que é um ponto muito valorizado por M quanto ao cumprimento de acordos. As questões de divisão de tarefas e responsabilidades estão sendo abordadas no dia-a-dia, com esforço de todos para uma solução de consenso. M vê com muita clareza o quanto ambos os filhos testam sua autoridade, mas, como está mais à vontade no desempenho do papel de figura de autoridade, pois percebeu que esta lhe cabe totalmente, valoriza os próprios esforços para desempenhá-lo da melhor forma, dentro de sua possibilidade, sem se pautar mais no modelo de P.

M toma decisões que afetam a família, arcando com as consequências, mesmo que estas desagradem os filhos. Como exemplo: por precisar pagar a advogada que cuida do inventário de P, alugou o apartamento da praia, impossibilitando os filhos de lá passarem os feriados, o que os fez protestar veementemente. M argumentou com eles, explicando os motivos e não se deixando abalar pelo protesto, pois considerou sua decisão acertada.

M tem trabalhado no sentido de fazer com que os filhos aceitem sua vida social. Para isso, todos têm que se organizar com antecedência, incluindo nesse planejamento também as saídas de M. Fo é quem ainda se rebela mais contra isso e M foi estimulada por T, na sessão, para que fosse persistente em sua posição de pessoa adulta e mulher, que também

tem direito a laser.

M usou a expressão "estou assustada porque tenho o mundo nas mãos". Isto foi entendido como a dificuldade que está tendo em compatibilizar a avaliação que faz de si mesma hoje e a que fazia, por meio da relação com P, que abafou seus talentos. Mesmo com esta dificuldade, M não tem se desencorajado quando se trata de enfrentar novos desafios.

Ficou combinado que eventuais sessões de acompanhamento seriam marcadas se e quando qualquer dos elementos da família solicitasse, o que nunca chegou a acontecer.

5- Análise final das sessões

A família-base apresentou situações peculiares que estiveram presentes em momentos específicos, ao longo do atendimento.

A morte de P havia sido repentina, após um curto período de exames, sem que a família tivesse informação acerca da gravidade de seu estado. Estas duas situações são, em si, consideradas como complicadores para a resolução do luto, a partir da literatura apresentada neste trabalho.

O padrão de relação da família era marcado por rigidez na hierarquia, sendo P o chefe, controlador, exigente, aquele que ditava as regras às quais M e os filhos se submetiam, não sem contrariedade. No caso particular da relação entre M e P, as concessões feitas por M ("dançar conforme a música"), que abafaram sua potencialidade para não criar problemas, aliadas à experiência da morte repentina de P, estabeleceram as condições do luto crônico. No entanto, no que se refere a Fa e Fo, a relação com P não tinha essa característica de submissão e ambivalência, marcava-se pelo exercício da autoridade, muitas vezes inconsistente, com a consequente reação dos filhos.

Considerando-se o momento do ciclo de vida familiar, há um impacto importante que não pode ser negligenciado nesta análise: o casamento de dezessete anos era estável, P era estável profissionalmente e havia galgado uma boa posição na empresa, os filhos entravam na adolescência sem problemas significativos e M via-se diante do impasse de obter sua autonomia e diferenciação de volta, de acordo com seu potencial - via

atividade profissional - ou continuar sendo o elemento complementar a P. Este era um ponto de atrito na relação, o que torna compreensível a ambivalência de M para P. Este não aceitava ajuda, nem admitia ser objeto de preocupação; o sentimento de competência de M, tendo sido abafado ao longo dos anos, não podia ser usado quando necessário, como de fato não foi, na circunstância dos exames e da morte, porque M estava convencida da competência exclusiva de P. Após a morte, quando voltar a trabalhar não é mais uma escolha, e sim uma imposição da situação, M permite - somente com o suporte da terapia - o desenvolvimento dessa potencialidade e o surgimento do outro lado da relação ambivalente, o ressentimento.

Sem dúvida, esse foi um período muito angustiante, que se refletiu na relação com os filhos, no âmbito doméstico e na atitude de M ao impedi-los - contraditoriamente ao que parecia - de ir às sessões terapêuticas. M tentava preservá-los dessa ambivalência, como se pudesse contaminá-los. Isto explica a razão das faltas dos filhos e de sua alegação de que não precisavam de terapia. O papel de "enlutada da família" foi mesmo por todos atribuído a M. Esta, por seu lado, conquistava o espaço necessário para as reparações e reformulações possíveis. Fa e Fo abrigavam-se da dor, ao mesmo tempo que, saudavelmente, iam se colocando no caminho de adolescentes, passando a exigir de M que assumisse o papel de "autoridade da família". Foram, dessa forma, co-terapeutas de M, mesmo fora das sessões.

Este paradoxo era trabalhado na terapia por meio da posição de T que, ao mesmo tempo que insistia na presença de Fo e Fa, não deixava

de envolver M nas questões de aceitação da perda e reformulação da nova realidade, consigo e com os filhos.

O envolvimento de Fo com atividades esportivas e sua possibilidade de ser bem-sucedido e colaborador com a equipe significaram uma derivação importante para a questão de limites, regras, autoridade. Do ponto de vista afetivo, muito provavelmente fará bom uso desse tipo de suporte social. Como é próprio de adolescentes do sexo masculino na nossa cultura, tende a reproduzir o papel de masculinidade que absorveu de P (o que de fato já está ocorrendo), mas M, em sua luta por uma nova identidade, está no caminho de poder ajudá-lo a se tornar um homem mais seguro, que não precisa de autoritarismo para garantir sua posição.

Até em outros pontos de identificação com P, ao menos no plano da mitologia familiar ("O gênio dele é 'triste', como o de P"), M chegou a poder perceber que há mais vantagens em se relacionar com Fo no que ele difere de P. Isto só foi possível para M, no entanto, quando ela percebeu que não só lhe era permitido ter raiva de P por tê-la "poupado" (palavra que muito a irritava, pois traduzia claramente o duplo vínculo entre ambos) como também era necessária essa permissão para que pudesse se perdoar pelo que considerava suas omissões no momento da morte: "se eu tivesse ido ao médico", "se eu tivesse percebido a gravidade" e outras de igual teor.

Quando M percebe que seu luto é diferente daquele vivenciado pelos filhos, porque cada um perdeu uma pessoa diferente, embora fosse o mesmo P, ela pode desobrigá-los de entrar em sua cronicidade, assim

liberando-os para seguir seu curso natural.

Um aspecto extremamente positivo foi a vinculação de M ao emprego, o que lhe permitiu desenvolver novos interesses, buscar conhecimentos que preenchessem as lacunas de informação que percebeu ter, sem se lamentar ou reprimir por isso. Sua vida social intensificou-se a partir da profissional, o que também repercutiu no âmbito familiar, pois fez com que os filhos a vissem como uma pessoa/mulher e não apenas como a mãe que deveria estar em casa para servi-los.

Ainda que de forma incipiente, M começou a mostrar desejo de ser bem vista por pessoas de sexo masculino. Sua apresentação pessoal mudou muito durante o processo terapêutico: iniciou com roupas extremamente sóbrias, até que no final apresentava-se com roupas leves, em cores claras, mostrando um evidente cuidado com esse aspecto e, numa outra visão, a libertação da imagem de viúva.

Quanto ao uso de rituais, houve uma tentativa inicial, marcando a celebração da data do primeiro aniversário da morte de P. Foi proposto um ritual de despedida, por meio de uma missa que tivesse o caráter de uma cerimônia de adeus. No entanto, como a família (excetuando-se a família de origem materna) já era super-ritualizada, não se utilizou essa proposta como uma possibilidade de mudança, a partir da constatação da perda. Essa super-ritualização da família tinha muito mais os contornos de tarefa, com obrigatoriedade e repetição não refletida. A partir da primeira tentativa, então, optou-se por não colocar o ritual de uma forma tão explícita e sim, verificar as possibilidades para que, junto com a descronificação, as despedidas pudessem acontecer. De

fato, tal se deu, quando M pode rever e avaliar os objetos que a mantinham presa à memória de P. Nesse processo, ela re-significou os objetos, mantendo alguns e desfazendo-se de outros, de maneira a poder ver que cercar-se deles não era ter P de volta e sim, seu fantasma. Este foi um momento importante no processo, no que se refere à aceitação da perda e reorganização da vida considerando que a perda se deu.

Para os filhos, esse processo de M trouxe uma nova possibilidade de relação entre eles e M: se ela pode sair do luto crônico, pode vê-los em suas necessidades e liberá-los para viver seu próprio luto.

Assim sendo, o processo terapêutico da família-base foi considerado com tendo chegado ao seu término, dentro do que era proposto para uma terapia familiar breve focada no luto. As questões até então pendentes, tais como: a relação entre M e os filhos adolescentes, estabelecimento de limites, divisão de tarefas, não se revestem das características do luto patológico. A elaboração possível coloca-as no caminho da resolução.

VIII - ANÁLISE DAS FAMILIAS - EXEMPLO

Com a finalidade de enriquecer as conclusões deste trabalho, a A. resumiu o atendimento das famílias A, B, C, D e E, quanto a sua descrição, avaliação das condições do enlutamento, processo terapêutico e resultados.

1 - Família A

P e Avó foram à clínica encaminhados pela escola de Fo (12), devido aos frequentes episódios de intensa agressividade, sem causa identificável. Fo (12) já havia se submetido a psicoterapia, aos oito anos, interrompida por dificuldades financeiras. As crises de Fo começaram quando ele tinha sete anos, nunca cessaram, provocando mudanças de escola, até o momento em que a escola atual exigiu atendimento psicológico. Fa (17) parecia estar bem, ou seja: sem queixas que preocupassem P e Avó, embora P a considerasse "muito fechada", estava no segundo ano do Colegial, havia repetido o primeiro ano do Colegial. Fa (14) apresentava troca de palavras, tinha tido duas repetências, na terceira e na quinta séries, estando na sexta série. Fo havia repetido a primeira e a quarta série, que cursava na época. M havia falecido cinco anos antes, de câncer de mama, após um intervalo de quatro anos entre o diagnóstico e a morte. Avó justificou sua presença na entrevista pelo fato de, desde a morte de M, haver colaborado com P na administração da casa e nos cuidados dos filhos.

Analisando os dados da entrevista inicial, A. verificou que

nenhum momento havia sido feita a associação entre as crises de agressividade de Fo e a morte de M; as crises haviam começado no mesmo ano da morte, o que é muito sugestivo de uma reação de luto comum em crianças, por não saberem identificar e expressar adequadamente as emoções de luto. Também as primeiras dificuldades escolares de Fa (14) tiveram início no ano da morte de M, corroborando o conhecimento sobre as reações de luto encontradas em crianças, estreitamente relacionadas à aprendizagem, como, por exemplo, dificuldade de concentração. Os informantes buscaram ajuda para Fo apenas porque foram pressionados pela escola, pois não valorizavam seu comportamento como merecedor de cuidados. Cinco anos após a morte de M, haviam ficado muitas questões para serem aprofundadas a respeito do funcionamento familiar. Avó mora em sua própria casa, não com P (que é seu filho), mas tem funções "maternas", como comparecer às reuniões de pais na escola dos netos. Seu papel não parece claro.

Foram realizadas doze sessões, no período compreendido entre maio e agosto de 1991, com frequência semanal e sessões de cinquenta minutos. Não foram gravadas em vídeo-tape mas houve observação por dois auxiliares de pesquisa, via espelho unidirecional. A família sabia da existência dos observadores e concordou com esse procedimento. Houve uma interrupção de três semanas entre a quinta e a sexta sessões, período em que P passou por uma cirurgia oftalmológica. Avó compareceu a todas as sessões; P e Fo, a todas, menos a última; Fa (17) esteve ausente na primeira, na décima e na última; Fa (14) esteve ausente na décima e na última.

A morte de M ocorrera após um longo período de doença, durante o qual os recursos financeiros da família haviam sido canalizados para o tratamento, o que significou um fator de estresse simultâneo. Após a morte, as crianças foram transferidas de uma escola particular para uma pública, o que acarretou outra perda: a quebra de vínculo com professores e amigos. Quando M morreu, os filhos tinham, respectivamente, dez, sete e cinco anos e, quando a doença foi diagnosticada, tinham seis, três e um ano. Em particular Fo cresceu ao lado de M doente e não é absurdo pensar que provavelmente ela tinha pouca disponibilidade para ele. Também as filhas sentiram isso, e os três filhos, cada um com os recursos psicológicos próprios à sua fase de desenvolvimento, viveram esses quatro anos de estresse anteriores à morte da M.

M era muito ligada à Avó, sua sogra, que é até hoje vista por todos como a cuidadora. O contato com a família materna já era restrito antes da morte de M, alegadamente por morarem no Interior de São Paulo, e ficou ainda mais. Um fato que P teve muita dificuldade em relatar foi que sua sogra, logo após a morte de M, pegou as roupas dela sem que ele tivesse sido consultado e atualmente as dá para Fa (17) e Fa (14). Dentro do papel de cuidadora que a Avó tem, por três ocasiões ela foi a pessoa que cuidou de doentes que morreram ao seu lado: mãe, marido e M. Isto é visto como "sua sina" (sic). A família é católica, não praticante. M teve rituais católicos para velório e enterro.

A única data relacionada à morte que é lembrada é o aniversário,

nenhuma celebração especial é feita, apenas Avó vai à missa no dia.

Avaliando, então, a família quanto ao luto, A. verificou o que se segue:

- a) tipo de morte: após cinco anos de doença, câncer de mama, com incidência hereditária.
- b) padrões familiares de união: família ambivalente quanto aos movimentos de abertura e fechamento a novos relacionamentos.
- c) flexibilidade do sistema: pouca flexibilidade, rígida tentativa de manter a vida como se nada tivesse acontecido. Negação imposta ao sistema, em especial por P.
- d) comunicações, mitos e tabus sobre a morte: entre P e M houve uma encenação sobre o diagnóstico e o prognóstico, ninguém falava sobre o perigo de vida de M. Os filhos e P não se lembram de onde os filhos estavam no dia da morte. As idas ao cemitério são raras e marcadas por muito sofrimento.
- e) recursos sociais e econômicos: é família de classe média, tendo sofrido uma queda no padrão após as despesas com o tratamento de M. O âmbito social é bastante restrito, não trazendo suportes significativos.
- f) papel do morto no sistema familiar: M era jovem quando foi diagnosticada sua doença e tinha com a família uma relação aparentemente sem conflitos. Muito mais ligada à sogra (Avó) do que à sua própria família, passou de cuidadora para cuidada.
- g) relações familiares por ocasião da morte: sem conflitos outros

além dos da perda; a relação de P com Avó, que já era difícil antes até do casamento, tornou-se e se manteve atritada, pela posição ambivalente de P quanto a aceitar a ajuda de Avó.

- h) perdas múltiplas: em razão da queda no padrão econômico, as filhas foram transferidas de escola, perdendo contato com amigos. A família mudou de moradia, embora permanecendo no mesmo bairro
- i) fatores simultâneos de estresse: não houve, além dos mencionados em h) perdas múltiplas.
- j) legado multigeracional de lutos não-resolvidos: P teve experiência muito dolorosa na infância, com a perda das duas avós e de uma tia, o que provocou uma revolta de caráter religioso. Quando seu pai morreu, P era solteiro, reagiu com muita agressividade contra Avó, como se ela fosse culpada pela morte.
- k) sistema de crenças da família: basicamente norteados por uma moral burguesa, valorizam as conquistas de caráter material e pautam seu comportamento por essas idéias.
- l) contexto sócio-político e histórico da morte: sem significado para a família em questão, até que se some a dupla perda que a morte de M lhes trouxe: perda afetiva e perda de status.

Nas sessões, embora todos soubessem que estavam reunidos para trabalhar o luto pela morte de M, com frequência P dizia ficar chocado com a naturalidade com que T se referia ao fato, ele parecia querer ouvir eufemismos em lugar de : "no dia em que M morreu" ou "M morreu

de câncer". Fa (17) teve a dificuldade mais nitida em falar sobre a morte: faltou à primeira sessão e na segunda chorou muito; fazia observações adequadas sobre as reações emocionais da família (por exemplo, em relação a Fa (14): "Essa aí fica fazendo gracinha para não chorar"), mas foi preciso que se sentisse muito amparada pela atitude de T para poder falar sobre M. Fo, embora parecesse alheio, esteve muito atento e fêz também comentários pertinentes; quando se emocionava, buscava o colo de P ou da Avó. Fa (14) realmente usava esse comportamento de "fazer gracinhas" para se afastar, das memórias e do impacto que tinham na sessão.

Quanto às fases da terapia, a demarcação inicial sobrepôs-se à externalização. A família toda parecia pedir uma condição continente para lembranças (e, muito frequentemente, esquecimentos), de maneira que não soasse acusatória em sua dor. Um conflito permeou todo o atendimento e mereceu encaminhamento específico ao final: P e Avó nitidamente se relacionavam com muita ambivalência, no sentido de aproximação-afastamento, dependência-independência; assim, Avó era solicitada a ajudar P com os filhos, ao mesmo tempo em que era criticada por fazê-lo; P era criticado pelo esforço absoluto para não precisar de ninguém, ao mesmo tempo que Avó queria tempo e espaço para si mesma, para ter atividades e desenvolver interesses próprios a sua idade.

Os momentos marcantes ocorreram principalmente quando os filhos começaram a perguntar a P e Avó sobre a doença de M, acrescentando e corrigindo suas lembranças. O andamento da terapia levou à realização

de um ritual que envolveria a participação de todos, cada um à sua maneira: a feitura de um álbum de fotografias de M. A razão para ter sido esse o ritual escolhido está em que, durante a terapia, surgiram as já mencionadas lembranças distorcidas (grandemente pelo tabu em se falar na doença), ao mesmo tempo em que os filhos começaram a falar de legado: Fa (17) tem os cabelos de M, Fa (14) troca palavras e faz piadinhas como M, ambas as filhas poderão ter o mesmo tipo de câncer de mama. Também teve peso o fato de na sala do apartamento da família haver uma foto de M, que Fa (17) sempre evitava olhar.

O aspecto simbólico desse ritual estava em rever as memórias e colocá-las em lugar apropriado, não mais no cotidiano.

A feitura do álbum foi o meio pelo qual muitas questões da história da família foram abordadas; ele era feito fora das sessões, mas discutido dentro delas, com tudo o que havia provocado.

Paralelamente, questões que fugiram do contexto do trabalho começaram a surgir, como: limites quanto a horário para chegar em casa, mudança de colégio, liberdade sexual. Na tentativa de manter o foco no luto, essas questões não eram aprofundadas, apenas devolvidas e recontextualizadas, ou seja: aquela família, com a composição que lhe era própria, poderia chegar a uma solução.

Houve uma experiência importante que reativou antigas angústias: entre a quinta e a sexta sessões, P teve que se submeter a uma cirurgia oftalmológica para extirpação de um tumor que, após biópsia, foi diagnosticado como benigno. Por poderem levar as angústias para o

contexto terapêutico, todos da família perceberam como se sentiam frágeis, apesar das tentativas em contrário.

Ao término do álbum, que não teve o formato convencional de um álbum e sim, uma coleção de várias fotografias com o significado e as lembranças a elas associadas, foi encerrado o atendimento. As informações vindas do colégio de Fo (12) eram de que ele havia apresentado grande melhora no comportamento, com as crises de agressividade diminuídas quase totalmente. Fa (17) falava livremente sobre M, ao mesmo tempo em que fazia pressão para que P a visse como uma jovem responsável, liberando Avó para seus interesses. Esta foi encaminhada para o grupo de terapia para Terceira Idade, na Clínica Psicológica "Ana Maria Poppovic" da PUC-SP, para facilitar sua inserção em um grupo de referência que lhe fosse mais próximo.

O trabalho foi considerado satisfatório, pois atingiu os quatro objetivos básicos da terapia do luto familiar. Muito possivelmente, esta família mais tarde venha a se beneficiar de terapia, não mais especificamente relacionada ao luto e sim, para auxiliar nas passagens, que são vividas com dificuldade principalmente pela necessidade de P em manter todos os eventos sob controle. Na tentativa de evitar esse impacto negativo sobre os filhos que atuaram de forma propulsora para a mudança, P foi encaminhado para terapia individual, o que vinha pedindo e que, conseqüentemente, acertou prontamente.

A queixa que levou à terapia (agressividade de Fo) é encontrada com frequência no caso de crianças enlutadas, que não dispõem de meios adequados para expressão de suas emoções. Ainda mais se for levado em

conta que vivemos em uma cultura onde não é permitido ao homem chorar, ao mesmo tempo que é estimulado a ser forte, valente, não raro se dá a substituição do choro pela agressividade.

P relatou o que é bastante comum entre viúvos: a necessidade imediata de ter uma companheira. Quatro meses após a morte de M, instalou uma namorada em casa, o que hoje reconhece ter sido "encontro de dois carentes". A relação durou pouco, seguida por uma sucessão de outras relações efêmeras, até a atual, que existe há dois anos, embora morando em casas separadas (ou por esse motivo).

Fa (17) teve sua própria maneira de mostrar como elaborou o luto por M. Era constantemente feita a comparação por semelhança entre o cabelo das duas, elogiando-se a beleza, o comprimento, etc. Após uma sessão particularmente difícil para Fa (17), ela tingiu os cabelos que, de castanho-escuro, ficaram loiros. Justificou com o desejo de não mais ser morena. Ou seja: de ter sua própria identidade, não mais precisando se assemelhar a M para retê-la consigo.

Fa (14), que também apresentava semelhança a M, não tanto no plano físico, mas na personalidade, como forma de aproximação e retenção da figura de vínculo perdida, entendeu seu processo e pode incorporá-lo nas mudanças que se processavam. Isto ficou nítido quando parou de fazer comentários jocosos sobre o choro de Fa (17) ou a tensão de P e pode, ela mesma, chorar quando da elaboração do álbum.

2 - Família B

Foi encaminhada para a clínica Psicológica "Ana Maria Poppovic" da PUC-SP pela fonoaudióloga de Fo (5), que o trata em razão de grande atraso na aquisição e no desenvolvimento da linguagem. Essa profissional, ao tomar conhecimento da história familiar, teve sensibilidade para perceber que um atendimento familiar era necessário.

P foi assassinado por um ex-vizinho, em um acerto de contas. Foi um crime violento, P foi esfaqueado na esquina próxima de sua casa, ainda conseguiu andar até o portão de casa onde caiu, sendo que Fa(12) e Fo(9) viram quando chegou ferido. Quando foi levado ao hospital, morreu no caminho. M estava no nono mês de gravidez, e, entre a data do crime e o nascimento de Fo (5), dez dias mais tarde, parou de sentir os movimentos do feto, o que a fez pensar que ele também estivesse morto.

Atualmente, M trabalha como copeira em uma empresa próxima à sua casa e as crianças vão à escola; à tarde ficam sozinhas quando estão em casa. M não formou outro vínculo conjugal, de forma que a família é constituída pelos quatro. Uma irmã de M mora próximo à casa, e colabora nos cuidados dos filhos.

O atendimento teve início em fevereiro de 1992, com uma sessão semanal de cinquenta minutos de duração. As sessões foram gravadas em vídeo-tape e também observadas por três auxiliares de pesquisa, através do espelho unidirecional. Todas as vezes, a mesma caixa lúdica foi colocada na sala, objetivando facilitar a comunicação das crian

ças. Pela história colhida na primeira entrevista com M, ficou claro que apesar de decorridos cinco anos (ou talvez por causa deles), a questão da morte de P ainda mantinha a família em uma situação de estresse, os filhos apresentavam distúrbios de sono, com insônia e pesadelos, Fo (9) tinha problemas de aprendizagem e havia ainda o atraso de linguagem de Fo (5). Principalmente, M sobrecarregava-se com a dupla função, profissional e materna, com dificuldades tanto em uma como em outra, com frequência dando a Fa (12) o papel de filha parental.

Quanto ao atraso de linguagem de Fo (5), exames audiométricos não apontaram causa orgânica para ele.

A partir dos pontos de avaliação da família quanto ao luto, vê-se que:

- a) tipo de morte: violenta, repentina, assassinato.
- b) padrões familiares de união: P muito ligado a Fo (9), relacionamento marcado pela violência física de P para os demais. Único casamento de P e M.
- c) flexibilidade do sistema: possibilidade de troca de papéis, ocasião em que P desempregado, ficou em casa cuidando dos filhos, enquanto M trabalhava fora; Fo (9) foi atropelado, M saiu do emprego para ficar com ele e P foi trabalhar.
- d) comunicações, mitos e tabus sobre a morte: os filhos não perguntavam sobre a morte para a mãe, vieram a falar sobre isso na tera

pia. Há o mito (por parte das crianças) que o assassino - que está solto - é ameaçador e pode matá-los a qualquer momento. É possível dizer que, mais que um mito, essa crença tem base na realidade, com possibilidade de concretização. Fa (12) teve que ir depor muitas vezes, por ter testemunhado o crime, o que a faz atualmente falar sobre isso sem emoção.

- e) recursos sociais e econômicos: moram vizinhos a uma tia materna, com quem sempre estão; ela porém estava para se mudar de lá e também a família B, o que acarretaria despesas; a família tem uma renda total de dois salários mínimos, um pelo salário de M e outro pela pensão de P. Não moravam em casa própria e estavam prestes a ser despejados.
- f) papel do morto no sistema familiar: dava as regras e exigia seu cumprimento de forma rígida. Controlador da esposa. É importante ressaltar que tinha papel semelhante na comunidade, o que, de certa forma, provocou sua morte. Era o "valentão".
- g) relações familiares por ocasião da morte: estavam com a perspectiva do nascimento do terceiro filho, aparentemente as relações estavam bem.
- h) perdas múltiplas: não houve
- i) fatores simultâneos de estresse: M no nono mês de gravidez, parou de sentir os movimentos do feto, durante dez dias, até o nascimento. Parto normal.

- j) legado multigeracional de lutos não-resolvidos: embora não tenha sido possível traçar um genograma completo, por falta de informações além das de M, ficou o fato que, do lado materno, muitas mortes foram repentinas e violentas, como acidentes de caminhão (avô materno). No entanto, as relações familiares com família de origem já estavam fragilizadas, pois M morava em São Paulo desde a época de seu casamento, não tendo contato com a família, no Nordeste.
- k) sistema de crenças da família: dadas as condições sócio-econômicas, de imigrantes nordestinos, as crenças são pautadas por idéias como: estudo é alavanca para sucesso; presença masculina dá força e respeitabilidade; julgamento da comunidade rege comportamento moral. Religião não parece ter impacto sobre a família.
- l) contexto sócio-político e histórico da morte: é importante ressaltar o quanto esta família se sente submissa a um sistema social que não protege o mais fraco e sim, acusa-o por sua fraqueza. O criminoso fugiu da prisão, como disse que faria, a família se sente ameaçada por ele e, quando recorre ao sistema, não encontra apoio. A comunidade (vizinhos) ameaça colocar Fo (?) na FEBEM, quando ele se comporta mal (por exemplo, subir no telhado do vizinho, para se proteger de uma tentativa de estupro), porque ele não tem pai para lhe ensinar o que é certo! A morte de P situa-se no triste contexto de um acontecimento atual no Terceiro Mundo, banalizado pela frequência com que ocorre.

A partir destes dados, o que ficou relevante para a terapia ini-

cialmente foi a necessidade de contextualizar as queixas individuais (e mesmo comportamentos não valorizados como queixa, pela família) como pertinentes a um corpo de reações de luto. Por exemplo, Fa (12) e Fo (9) assistem televisão até a madrugada, principalmente filmes de terror, e têm pesadelos, com frequência tendo o assassino do pai como protagonista principal, que invade a casa para matá-los. Outro exemplo: a dificuldade de M em se situar como mãe, profissional e mulher, não se vinculando a outro companheiro porque depende da aprovação deste por parte dos filhos. Fo (9) comporta-se de maneira que M identifica como muito semelhante à do pai, o que justifica por terem os dois sido muito ligados.

Num momento posterior, na quinta sessão, foi trabalhada uma questão que tocou em um ponto muito frágil, em particular para M. O objetivo dessa questão era colocar a família diante da realidade da morte e das condições atuais de vida: "Como seria a vida de vocês se P ainda estivesse vivo?". M respondeu mostrando-o de forma idealizada, o companheiro, o provedor, a figura forte, de quem ela sentia muita falta. Fa (12) e Fo (9), no entanto, trouxeram um aspecto que se revelou intolerável para M: a violência física de P, o quanto ele a agredia e também aos filhos, fisicamente. Começou a ser possível falar dos sentimentos ambivalentes que essa morte provocou: alívio e pesar. A partir dessa sessão, a família não mais compareceu e, quando contactada através da telefonista da empresa onde M trabalha, justificou inicialmente informando que as crianças estavam doentes e, após a terceira semana, que M não queria mais comparecer. T enviou-lhe uma carta registrada na qual dizia que sua reação era compreensível, pois

estava se defrontando com situações de dor não somente sua, mas também dos filhos. Era reforçado o convite para que viesse, mesmo que lhe fosse difícil, para que pudesse ser ajudada. Não houve qualquer tipo de resposta à carta.

Essa desistência foi entendida como uma reação não apenas à dor, mas principalmente à intolerável consciência da ambiguidade de seus sentimentos em relação a P. Para M, por estar arcando sozinha com a criação dos filhos, enfrentando os preconceitos culturais, por não ter aval masculino às suas ações, a ilusão de que P teria sido bom pai e bom marido permitia que ela permanecesse imóvel dentro da realidade. Quando ouviu dos filhos uma outra versão da realidade, atribuiu a terapia o papel de destruidora de ilusões, sem considerar a própria possibilidade de ser atuante sobre suas dificuldades (que naturalmente seria o próximo momento da terapia). Como agravante da situação, além do tipo de morte, assistida por crianças de sete e quatro anos, não pode ser desconsiderado o fato de M estar grávida, o que é em si, um fator inibidor do processo de luto, ao mesmo tempo em que traz uma ambivalência emocional muito grande, o que parece ter sido a nota básica para esta família no todo.

Apenas com cinco sessões, a comunicação verbal de Fo (5) melhorava consideravelmente, tornando possível a compreensão, sem no entanto, ter chegado ao padrão esperado para a idade, o que naturalmente não iria acontecer antes de um trabalho terapêutico mais prolongado.

3 - Família C

Fo (14) foi levado à Clínica por uma tia, com queixa de mau desempenho em Matemática e dificuldade genérica de aprendizagem. Cursava terceira série do Primeiro Grau, tendo repetido duas vezes a segunda série e uma vez a terceira série. M morreu quando ele tinha três anos. Fo (14) não sabia as condições ou causas da morte e sentia-se envergonhado em perguntar em face do tabu sobre morte existente na família. P casara-se novamente e morava em outro Estado. Fo (14) estava morando com avó paterna, cinco tias e um primo, havia seis anos. Entre a morte da mãe e a ida para a casa da avó paterna, ficou morando curtos períodos com diversos parentes, tanto maternos quanto paternos, inclusive com padrinhos, sendo que o padrinho morreu assassinado e avó materna também morreu, ambos no período de convivência de Fo (14) com eles.

A família teve dificuldade em entender a passagem da queixa escolar de Fo (14) para terapia familiar do enlutamento. Concordavam em vir, embora tivessem ficado dubitativos quanto à relação de sentido.

A história inicial de Fo (14) mostra muitas mortes e separações, além da grande instabilidade que marcou sua vida, com repercussões no plano relacional e cognitivo. É interessante observar a dificuldade de aprendizagem, quando vista a par com o não-saber a respeito da morte da M. Sentir-se envergonhado pode ter raízes em não encontrar abertura no meio familiar para expressar sua necessidade de saber e, conseqüentemente, de ter algum domínio sobre a perda.

Foram realizadas dez sessões, entre outubro e dezembro de 1991, com a presença constante de Fo (14) e Avó. Das tias houve alternância da presença, bem como de Pr. As sessões tiveram frequência semanal, com cinquenta minutos de duração, foram gravadas em video-tape e observadas por dois auxiliares de pesquisa, via espelho unidirecional. A família concordou com este procedimento.

Considerando-se as informações obtidas, a avaliação do enlutamento mostra os seguintes pontos:

- a) tipo de morte: a causa não foi esclarecida, mas está relacionada a um possível tumor uterino; era a segunda vez que M pensava estar grávida, havia feito tratamento para engravidar novamente e na primeira vez já havia sido detectado um tumor, que não precisou ser extirpado. Na segunda vez, a situação foi semelhante, agravada por intensas hemorragias. Entre M queixar-se de mal estar e a morte, parece que se passaram dois dias. As informações não são claras, porque a família paterna de Fo (14) não tinha muito contato com a família de Fo (14).
- b) padrões familiares de união: quanto à família de origem de Fo (14), não há muita informação, genericamente se diz que P, M e Fo davam-se bem. Atualmente, na família da avó, há forte predominância feminina, com laços afetivos fortes, porém sem demonstrações físicas. Fo (14) ocupa posição de destaque, é mimado pela Avó e pelas tias.

- c) flexibilidade do sistema: a figura da Avó é central e mantém o sistema funcionando de acordo com seus movimentos; a flexibilidade é, portanto, reduzida, dadas as características de uma pessoa com muito medo da vida e da morte, dos movimentos naturais de crescimento individual e de mudanças no ciclo de vida familiar.
- d) comunicação, mitos e tabus sobre a morte: especificamente sobre M, pouco é falado, porque pouco é sabido mas, principalmente, devido ao grande tabu que cerca a questão da morte nesta família. Todos a temem exageradamente, a ponto de estabelecer hábitos que a impeçam de tocá-los. Por exemplo: não ir a velórios, sair da sala quando se fala em doença e morte. Fo (14) foi proibido de executar seus rituais em relação à M: acender vela e rezar por ela.
- e) recursos sociais e econômicos: é família de classe média baixa, onde todas as tias trabalhavam e era esperado que Fo (14) logo começasse a trabalhar também. As duas tias casadas moram próximo à casa da Avó, o contato é diário. Não há dados acerca deste aspecto, quando M morreu.
- f) papel do morto no sistema familiar: Fo (14) perdeu a mãe aos três anos, ou seja, figura à qual já estava vinculado. M parecia mesmo ter esse papel agregador, pois, após a morte, a família se dispersou: Fo (14) foi morar com os padrinhos (tia materna e marido) e P casou-se novamente.
- g) relações familiares por ocasião da morte: aparentemente, sem problemas, mais intensos com a família materna estendida.

- h) perdas múltiplas: para Fo (14), em seguida à morte de M, separou-se de P quando foi morar com os padrinhos, o que também foi uma perda pois P casou-se e os contatos hoje são raríssimos. Posteriormente Fo (14) viveu a perda do padrinho - assassinado - e da avó materna.
- i) fatores simultâneos de estresse: a mudança de Fo (14) para a casa dos padrinhos e a perda de contato com P.
- j) legado multigeracional de lutos não-resolvidos: a questão que impede a resolução do luto, na família da Avó, é o tabu que cerca o tema, muito mais que lutos anteriores não-resolvidos.
- k) sistema de crenças da família: muito marcados pelos valores advindos da religião católica, mas reduzidos a um estado primitivo de avaliação da realidade: problemas surgem porque "aqui se faz, aqui se paga" é uma idéia que convive com "os mortos precisam de oração, mas rezar não os deixa ir em paz".
- l) contexto sócio-político e histórico da morte: não relevante.

O ponto básico a ser trabalhado foi a inserção de Fo (14) em uma família, em consequência de perdas múltiplas por morte, sendo que nessa família morte é tema tabu. O clima afetivo sendo positivo facilitava as comunicações que, no entanto, esbarravam sempre no tabu. A postura corporal de Fo (14) chamava muito a atenção, pela mudança que aos poucos se operou: ele é um adolescente alto com pernas compridas, que no início parecia fazer todo o possível para ficar bem pequeno,

desaparecer talvez, não ocupando espaço, falando baixo; aos poucos passou a falar alto, fazer brincadeiras com Avó e tias, até com a terapeuta. A passagem que permitiu o início dessa mudança foi, sem dúvida, a sessão em que lhe foi contado o que era sabido sobre a morte de M. Apesar da resistência, muito maior por parte da Avó, os adultos perceberam que era necessário dar essa informação a ele, usando mesmo o contexto terapêutico como suporte para enfrentar o tabu.

Como Fo (14) havia sido proibido de rezar por M, ou seja, de praticar seu ritual particular de contato com ela (o que acabou revelando que fazia às escondidas), ao longo da terapia foi possível dar flexibilidade ao sistema para a execução de um ritual nesse campo. A medida que Fo (14) foi entendendo que rezar por M era conversar com ela (seguindo seu desejo expresso), era manter o contato e negar a morte e que Avó e tias foram dando a ele a possibilidade de ter uma memória de M, por meio de fotos, histórias e lembranças, tornou-se possível contextualizar a oração como uma despedida. Paralelamente, o sistema pode assegurar Fo (14) que, tanto quanto é possível uma previsão desse tipo, o vínculo entre eles estava assegurado, sua pertinência ao sistema não estava ameaçada e nem condicionada a bom comportamento, bom aproveitamento escolar. Isto foi necessário porque Fo (14) evidenciou, como é frequente encontrar em crianças, idéias de que teria sido o causador das mortes, dos afastamentos.

Com base nesse andamento da terapia, foi pedido à família que pensasse em um ritual que significasse uma despedida de M, por parte de todos, e a aceitação de Fo (14), também por parte de todos.

A família escolheu mandar celebrar uma missa, especialmente para M. Não poderia ser uma missa comunitária e Fo (14) pediu que lhe fosse dada uma fotografia de M que sempre via junto às outras da família, em uma caixa. Queria ter a foto, pois não se lembrava da fisionomia de M. As discussões sobre o ritual a ser escolhido deram-se nas sessões e fora delas. Segundo o relato, a missa teve de fato um caráter simbólico muito importante, visto em comportamentos como: as tias tiveram que mobilizar horários de trabalho para comparecer, vizinhos foram convidados (mas somente aqueles que Fo (14) escolheu), este vestiu-se com esmero e a Avó colaborou com as providências necessárias.

O processo terapêutico foi considerado encerrado quando, após o ritual, a família parecia estar vivendo um outro momento, discutindo a possibilidade de Fo (14) começar a trabalhar, com seus planos e sonhos sendo checados em face das condições da realidade.

4 -Família D

O pedido inicial de atendimento foi para Fa (10), a partir de M, que queixava-se de não conseguirem se relacionar bem. Era uma queixa bastante vaga, mas mencionava questões da entrada de Fa (10) na puberdade e as dificuldades, por parte de M, em particular no que se referia a passar-lhe valores femininos, principalmente da sexualidade. M tinha ainda mais filhos e, entre Fa (10) e eles, havia sofrido um aborto e perdido um bebê natimorto. A partir deste fato, o caso começou a ter outros contornos e a queixa vaga pode ser melhor formulada.

Nesse momento do ciclo vital familiar, com a entrada de Fa (10) na puberdade, o luto não resolvido traz à tona os fantasmas dos dois bebês, uma vez que envolvem questões do ser feminino, reprodução, sexualidade, que poderiam até ter ficado adormecidas, pois outros dois bebês nasceram e estão se desenvolvendo bem. No entanto, esse tipo de luto não precisa muito para se manifestar e é inegável, nas sociedades ocidentais, o impacto que tem no ciclo vital familiar a entrada na puberdade: remete também ao luto dos pais, pelo fim da infância dos filhos.

Foram realizadas treze sessões, entre setembro e dezembro de 1991, com dois observadores no espelho unidirecional. Foi utilizada caixa com material lúdico, dada a idade dos filhos, para lhes facilitar a comunicação. P esteve presente apenas na primeira sessão; depois, de acordo com informação fornecida por M, faltou a uma sessão porque o horário não lhe era favorável e, por fim, por não querer se envolver com questões por ele entendidas como de educação de filhos, ou seja: de competência feminina.

Os filhos menores ignoravam os fatos que deram origem à terapia e Fa (10) não se lembrava a respeito, de maneira que muito trabalho foi feito acerca da comunicação entre M e os três filhos.

As condições desta família em relação aos lutos foram:

- a) tipo de morte: um aborto em consequência de rubéola de M, no segundo mês da gravidez; foi aborto espontâneo mas M chegou a ser abordada pelo médico sobre provocá-lo ou não; um natimorto no

oitavo mês de gravidez, de sexo masculino, que foi registrado e enterrado, ou seja: teve uma identidade civil.

- b) padrões familiares de união: P no papel de provedor, não muito envolvido com as questões familiares, M abraça-as todas, provocando ainda mais o isolamento de P.
- c) flexibilidade do sistema: dependente dos papéis de P e M, portanto, não é flexível, apesar de ser um sistema familiar que deverá enfrentar mudanças, com o crescimento dos filhos.
- d) comunicações, mitos e tabus sobre a morte: nem o aborto nem o natimorto eram do conhecimento dos filhos, que vieram a inquirir M apenas a partir da terapia. M associa, confusamente, que os bebês teriam "voltado fortalecidos" nos dois filhos que teve posteriormente. Todos na família têm nome começando por uma mesma inicial e o natimorto recebeu nome com inicial diferente, como para excluí-lo da família.
- e) recursos sociais e econômicos: família paulistana, de classe média. P é advogado, o único responsável pelo sustento da casa, bom padrão.
- f) papel do morto no sistema familiar: filhos que "não vingaram", pelo tabu, parecem-se mais com fantasmas. Para M, sinalizam sua fragilidade na função feminina. Sub-ritualizados.
- g) relações familiares por ocasião da morte: aparentemente, estavam bem, uma família em fase inicial do ciclo familiar, com uma filha

de quatro anos, tentando ter um filho para receber o nome de P.

- h) perdas múltiplas: não houve.
- i) fatores simultâneos de estresse: não houve.
- j) legado multigeracional de lutos não-resolvidos: não há; ambos os avós de ambos os lados são vivos, não há mortes na família há anos.
- k) sistema de crenças da família: são aqueles próprios de classe média, objetivando dar boas condições de vida para os filhos, moral rígida. As realizações devem vir apenas como fruto do trabalho honesto.
- l) contexto sócio-político e histórico da morte: sem significado, neste aspecto.

O fato de P não ter participado da terapia sobrecarregou M com uma tarefa que teria, sem dúvida, sido melhor resolvida se ela não estivesse só. Por "melhor" entenda-se a possibilidade de experimentar o sistema familiar como um todo, com presentes e ausentes. Dessa forma, a ausência de P juntou-se à ausência dos bebês, sendo que estes, segundo entendimento da mãe até aproximadamente o meio do processo terapêutico, foram substituídos pelos dois filhos mais novos.

Para M e, residualmente, para todo o sistema, a perda de maior impacto foi o do bebê natimorto, que já tinha tido um tempo maior de existência. As palavras de M são eloquentes a respeito de seus senti

mentos: "E' como você preparar uma festa e o homenageado não comparece". A ambivalência permaneceu e ficou clara na terapia, por exemplo, quando ela se declara impotente para educar bem os filhos e pensa colocá-los em um colégio interno e, a seguir, começa a brincar agitada-mente com eles, que haviam ficado os dois menores, pelo menos assustados com a ameaça. Parece haver um outro sistema em atuação, abrangendo P, Fa (10) e avó paterna; este trio desconsidera decisões de M, que se vê desarticulada por eles em sua autoridade e, por sua vez, busca união com os dois filhos menores. Configura-se aqui, mais uma vez, a lacuna aberta pela vida/morte dos dois bebês.

Com o andamento do processo terapêutico, foi possível a M relatar aos três filhos o acontecido. Fo (6) ficou muito interessado, principalmente porque foi mencionada a possibilidade de o natimorto ter recebido o nome que lhe coube, ou seja, o Júnior de P. Fo (6) precisou ser muito assegurado que o bebê recebeu outro nome. Como era de se esperar, foram feitas muitas perguntas a respeito do destino dado a esse bebê morto, o que, por um lado, abriu a comunicação entre M e os filhos e provocou nela a emergência de sentimentos que estavam, em suas palavras, "anestesiados, amortecidos".

Com o material lúdico e gráfico que havia na sala, as crianças passaram a desenhar cenas referentes às informações que iam recebendo ou que queriam receber. Representavam também cenas, com o bebê sozinho no berço, por exemplo, enquanto M e P choravam abraçados. A partir daí, o ritual a ser utilizado com eles foi se configurando. Uma vez que os bebês tinham tido muito mais uma existência de fantasmas do que

de bebês humanos, foi proposto à família que desenvolvesse um ritual para enterrá-los, simbolicamente, na sessão. A proposta mobilizou a todos e provocou maior comunicação entre eles. Foi construído um pequeno caixão em dobradura de papel, um bebê da família de bonecos foi colocado dentro desse caixão, um pequeno cortejo circulou pela sala em busca de um local adequado para o enterro. As crianças despediram-se do bebê usando o nome com o qual ele fora batizado.

Foi muito interessante observar que, a partir dessa sessão, a família passou a falar de planos de férias, que se aproximavam. M estava muito consciente sobre a reação que causava nos filhos, ao se impacientar com eles, quase como se brigar fosse a única alternativa possível de convivência. A partir daí, mostrou-se mais atenta para deixar que os filhos encontrassem forma própria de entendimento.

Apesar dos bons resultados, quanto aos objetivos da terapia do luto familiar, a falta de P no contexto terapêutico refletiu-se no familiar, impedindo o completo atingimento dos objetivos. Considerando-se o que foi visto nas últimas sessões, o não compartilhamento da morte e a não reorganização, por parte de P, vão significar para ele o lamentável alheamento dessa nova realidade, livre de fantasmas e com filhos verdadeiros.

5 - Família E

M procurou a Clínica em razão da morte de um filho, quatro meses antes. Essa criança havia vivido apenas onze dias. M queixava-se de um relacionamento difícil com P, ao mesmo tempo que se culpava pela morte

da criança, pois teve hemorragias durante a gravidez e se recusou a fazer o repouso recomendado pelo médico. O bebê nasceu com uma infecção generalizada, contraída de M. O casal tem outros dois filhos: Fo (3) e Fa (2). Nas três vezes em que engravidou, M estava evitando filhos, ou com pílula anticoncepcional ou com DIU e particularmente essa última gravidez não foi desejada. M diz que nos cinco anos em que está casada, praticamente passou todo esse tempo grávida. Nunca teve confiança em P, não queria ter se casado com ele, era noiva de outro rapaz e, ao descobrir que ele tinha uma namorada, rompeu o noivado e casou-se com P. Este teve um relacionamento extra-conjugal durante a última gravidez de M e deixou que ela percebesse.

M considera-se muito insegura, nervosa, agitada, sempre foi assim. Os pais se separaram quando ela tinha entre quatro e cinco anos, após isso foi morar com a avó materna, que faleceu quando M tinha onze anos. Depois disso, M acha que começaram os problemas, voltou a morar com a mãe, com quem tem um relacionamento difícil, por serem ambas muito autoritárias. Dá-se bem com o pai, com quem quase não conviveu. Há dois meses começou a trabalhar em uma casa de leilões. Parou os estudos no segundo ano do Colegial. Fêz psicoterapia na adolescência, não gostava da terapeuta e interrompeu. Sente-se desanimada, angustiada, tem muita vontade de dormir mas não dorme bem à noite. Quando o bebê morreu, emagreceu muito; ficou quatro dias sem comer quando encontrou o marido com a pessoa com quem ele tinha o relacionamento. Geralmente sente-se muito angustiada quando acorda e quando chega em casa. Tem vontade de morrer, mas não de cometer suicídio.

Com esta torrente de informações em uma primeira entrevista, M deixou clara a forte necessidade de uma terapia para o enlutamento, uma vez que a morte do filho, além do sofrimento naturalmente inerente a esta experiência, desencadeou um processo depressivo sério, que poderia ter repercussões negativas, em face de seus antecedentes emocionais.

Quando foi chamada para uma entrevista de primeiro contato com o trabalho da pesquisa, na qual o trabalho familiar lhe iria ser proposto, revelou que estava novamente grávida, no segundo mês de uma gravidez de risco, pois estava tendo hemorragias, tendo lhe sido recomendado repouso, que ela não cumpria.

O relacionamento com P havia melhorado, pois ele lhe havia dito ter rompido o relacionamento extra-conjugal. M havia se ressentido muito com o comportamento de P, por ocasião do parto e da morte do filho. P esteve ausente, não tendo dado a M o apoio emocional que ela sentia necessário. P tem um restaurante, o que o obriga a ficar fora de casa até de madrugada; quando chega em casa, M e os filhos estão dormindo, de modo que os contatos com ele são restritos. M passa o dia com sua mãe, na loja de leilões desta, levando os filhos consigo, porque os considera muito difíceis para que possa cuidá-los sòzinha.

Considerando-se os fatos deste luto, é necessário levar em conta os seguintes aspectos:

a) tipo de morte: filho recém-nascido, com impacto muito maior em M, porém atingindo todo o sistema.

- b) padrões familiares de união: fragilidade, sem relação de confiança entre o casal.
- c) flexibilidade do sistema: talvez fosse mais adequado falar flacidez, pois não há clareza ou consistência quanto a este aspecto, é mais um sistema sem contornos.
- d) comunicação, mitos e tabus sobre a morte: para M pela culpa que a situação lhe causou, começou a se criar o mito que a morte é uma punição pelo descuido; os filhos foram informados da morte com uma história; "O bebê veio e foi embora, agora ele é uma estrelinha no céu". Esta gravidez, tão em seguida à morte, pode trazer o risco de transformar o bebê que nascer em um herói, mitificando sua identidade.
- e) recursos sociais e econômicos: o restaurante de P é a única fonte de renda básica para a família, embora M receba suporte informal de sua mãe para, por exemplo, pagar assistência médica e as despesas do parto.
- f) papel do morto no sistema familiar: o bebê nasceu de uma gravidez não desejada, uma vez que o relacionamento conjugal estava com problemas. Não fica claro se M chegou a atribuir a ele o papel de unificador do casal.
- g) relações familiares por ocasião da morte: como já dito, estavam ruins, P estava tendo um relacionamento extra-conjugal, M sentiu-se (e parece que de fato esteve) muito abandonada. Teve apoio de sua mãe tanto quando soube a notícia da morte quanto para as pro-

vidências necessárias.

- h) perdas múltiplas: não houve.
- i) fatores simultâneos de estresse: houve ameaça de rompimento do casamento.
- j) legado multigeracional de lutos não-resolvidos: a morte da avó de M teve grande impacto sobre ela, pois moravam juntas e era uma relação muito positiva quanto à segurança afetiva; essa morte fez com que M voltasse a morar com sua mãe, com quem não se deu bem até recentemente. Não há informações sobre outras perdas de impacto.
- k) sistema de crenças da família: a partir de M, é um sistema de crenças primitivas, infantilizadas, marcado por forte maniqueísmo que provoca profunda desorientação e frustração quando não resiste a um confronto com a realidade.
- l) contexto sócio-político e histórico da morte: sem significado.

Diante deste caso, uma questão fundamental foi colocada: seria possível circunscrever a terapia à elaboração do luto, se o funcionamento familiar já vinha sendo tão ameaçado por soluções mal empregadas? Era um casamento, segundo M, que não deveria ter acontecido porque ela casou-se com P "por birra", quando queria mesmo casar-se com um ex-namorado, de quem havia se separado por descobrir que tinha outra namorada. Na ocasião da terapia, ele vivia uma situação semelhante com o marido. A infidelidade de P, durante a terceira gravidez

indesejada de M, sinaliza um ponto a ser melhor entendido: o quanto essa é uma organização familiar que o exclui, nas três vezes, ou não permite que sua participação seja aceita na solução de problemas, o que o leva a se refugiar em uma relação talvez idealizada. Mesmo assim, é surpreendente a fertilidade do casal que, embora usando meios razoavelmente seguros de contracepção, engravida quatro vezes em cinco anos, ou talvez, mais do que uma questão de fertilidade, seja de ambivalência.

M afirmara desde o início que P não iria à Clínica, para qualquer que fosse o tipo de atendimento. Justificou essa decisão dele como sendo medo de ser acusado pelo comportamento durante os últimos episódios, pela infidelidade. Naturalmente, aí poderia estar tendo importante papel a necessidade de M de ter cuidados exclusivos para si, uma vez que estava deprimida e assustada. Os dois filhos vivos eram pequenos, dois e três anos, respectivamente, e foram convidados a participar, inicialmente para uma avaliação da relação de M com eles e também para verificar como a questão da morte do irmão-bebê estava sendo percebida por eles.

Foram realizadas quatro sessões, entre novembro e dezembro de 1991, a terapia tendo que ser interrompida pois M decidiu-se a fazer o repouso que lhe era exigido. P realmente não compareceu. M esteve sozinha nas duas primeiras sessões e com os filhos nas duas últimas. As sessões foram gravadas em vídeo-tape e não houve observadores através do espelho unidirecional, pois o horário disponível da família não se compatibilizou com o horário de sala de espelho disponível.

Apesar de terem sido feitas tão poucas sessões, o fato de a interrupção ter se dado para que M pudesse fazer o repouso foi significativo quanto a um resultado possível: a percepção de sua ambivalência e a disponibilidade para fazer o sacrifício (como considerado por ela) necessário para não passar novamente pelo sofrimento de perder o bebê. Durante esse curto período, foi possível trabalhar a relação que já estava se estabelecendo, no sentido de fazer desse bebê a reposição de Fo (11 dias), a partir do desejo, com frequência encontrado em pais que perderam filhos, de dar a ele o mesmo nome. M começou a considerar um outro nome a dar, interessada em conhecer os significados atribuídos aos nomes.

Observando-se os filhos nas sessões, o que chamou mais a atenção foi a pouca disponibilidade de M para atendê-los nos pedidos que faziam e também para cuidá-los quando se expunham a situações de risco, como subir no espaldar e tentar ficar se segurando com uma só mão. Isto já é difícil para uma criança de três anos, mais ainda para uma de dois e ambos fizeram isto sem que M sequer se levantasse para se aproximar deles. De fato, encontrava-se muito deprimida, quase apática, com extrema dificuldade para se voltar para as necessidades dos filhos.

Não é possível afirmar sobre os futuros acontecimentos, caso M continuasse a ir à terapia. Com o que foi observado e trabalhado, fica a idéia que não foi a terapia de uma família enlutada no sentido mais clássico, e sim, um trabalho preventivo para o bebê que ia nascer. Assim, ele poderia ter uma identidade desvinculada do irmão morto, que

o precedeu. Quanto a Fo (3) e Fa (2), a partir do conhecimento sobre a conceituação de morte por crianças dessa idade, M foi orientada a falar com eles de uma maneira mais simples : "R acabou, não tem mais R", sem associar com o bebê que poderia vir a nascer. Era, sem dúvida, uma situação delicada, pois essa nova gravidez, com a ambivalência que seria naturalmente esperada, estava em risco, acentuando a ambivalência crônica, por assim dizer, de M, quanto a ter filhos. O motivo que a levava a tomar os cuidados necessários para chegar com a gravidez a bom termo implicava na tentativa de substituição do bebê morto que, como já dito, não seria saudável.

Ao mesmo tempo, o casamento estando abalado não só não oferecia a M a segurança necessária para o enfrentamento do risco como representava também uma ameaça. Com a recusa de P em participar, foi possível trabalhar apenas aqueles aspectos com os quais M podia arcar: cuidados consigo própria, não mistura de identidade entre os dois bebês, medidas práticas nos cuidados de Fo (3) e Fa (2).

Nos contatos telefônicos mantidos posteriormente, M continuava em repouso, mesmo não tendo mais hemorragias. Havia contratado babá para os filhos e aceitava melhor as ofertas de colaboração de P. Ficou claro, no entanto, que tão logo tivesse maior autonomia após o nascimento do bebê e procuraria uma terapia, muito provavelmente individual no início, pois pudera perceber quanto os conflitos atuais refletiam sérias dificuldades pessoais. O fato de buscar terapia individual devia-se muito também a sentir-se incapaz de envolver P em questões que dissessem respeito a ambos.

IX- CONCLUSOES

A partir de todos os atendimentos e não apenas da família-base, as discussões e conclusões aqui apresentadas abrangem pontos como: a teoria como fundamento para a prática terapêutica; existência de lacunas na pesquisa até hoje desenvolvida sobre o tema; abertura a outras áreas de pesquisa; questões de prevenção; atuação clínica propriamente dita; análise do trabalho realizado.

1- Questões da atuação clínica

Considerando-se as seis famílias atendidas no presente trabalho, foi possível à A. traçar conclusões que, mesmo impossibilitadas de generalização, dadas as características de uma pesquisa qualitativa, levam a uma análise aprofundada que pode ampliar o conhecimento sobre o tema.

Foram estudadas famílias que apresentaram mortes em condições bastante específicas:

- * Família A: esposa/mãe, após longo período de doença, com filhos pequenos.
- * Família B: marido/pai, morte repentina e violenta, com filhos pequenos.
- * Família C: mãe, após período muito curto de doença não esclarecida, com filho pequeno, que sofreu outras perdas.
- * Família D: aborto e natimorto, desconhecidos pelos outros filhos.

- * Família E: filho recém-nascido, simultâneo à ameaça de rompimento do casamento.
- * Família-base: marido/pai, morte repentina, com filhos adolescentes.

Para facilitar a análise dos dados, os mesmos foram divididos nos tópicos a seguir:

1.1- Tempo decorrido entre a morte e o início da terapia

Entre as seis famílias, apenas a E e a base foram atendidas com um intervalo inferior a cinco anos entre a morte e o início da terapia. Nas famílias B e D, o intervalo havia sido de aproximadamente cinco anos, enquanto que para as famílias A e C, o intervalo foi maior, sete e onze anos, respectivamente. Não foi possível concluir que o intervalo teve influência nos resultados, mas uma diferença se fez sentir, no que se refere ao tipo de funcionamento da família, quanto à flexibilidade a mudanças ao longo do tempo. Em especial na família A, esse aspecto teve muito peso, sendo mesmo um sério complicador, pois a família havia se aglutinado, de maneira a não permitir a intromissão de qualquer possível agente transformador. O tempo transcorrido serviu, então, para tornar mais rígido ainda esse modo de funcionamento.

No caso da família D, embora o intervalo entre a morte e o início da terapia tenha sido maior, com ocorrência de outras mortes e perdas significativas nesse período, há duas questões importantes a serem levadas em conta: a falta de informação específica sobre o sistema familiar anterior à perda da mãe e a característica do sistema

atual, com marcas muito mais fortes quanto à questão do medo da morte, o que faz supor uma não explicitação das condições de manutenção do sistema, após a transformação sofrida com a morte da mãe, possibilitando o aparecimento do mito que subjaz ao medo da morte (o que, por sua vez, mantém inalterado o sistema resultante.). A família é composta por um núcleo central (Avó, Fo (14), duas tias, primo), ampliado nas famílias das outras tias que, embora casadas, vivem próximo desse núcleo e sobre ele exercem influência.

1.2- Conexão entre queixa e necessidade de atendimento familiar

Das famílias estudadas neste trabalho, apenas a E e a base (por intermédio das respectivas mães) procuraram ajuda psicológica diante de uma experiência de luto e, ainda assim, a partir de sintoma normalmente entendido como pertencente ao âmbito das reações diante de perda - a depressão - e no âmbito individual. É possível concluir que também no pensamento leigo não existe a associação entre os distúrbios mencionados e o luto. A vinculação dessa experiência com o impacto familiar está ainda mais distante, é sempre vista como a experiência que atinge mais, ou até exclusivamente, aquele membro que apresenta sinais mais evidentes de sofrimento, ainda dentro da visão restrita dos sintomas: chora mais, apresenta reações genéricas de depressão, sempre contidas no âmbito afetivo.

Por essas razões, a A. conclui que é extremamente importante, ao atender o cliente que busca ajuda para suas reações individuais a uma perda significativa, ao lado dos procedimentos de avaliação, iniciar

com esse cliente um trabalho de caráter quase didático, no qual lhe são apresentadas as relações de sentido entre a perda e outras possíveis consequências, que não sejam apenas as que o fizeram buscar ajuda, e também buscar o envolvimento familiar, de modo que seja possível trabalhar sistemicamente com todos os seus membros, para que um e todos possam ter seu papel no processo de reconstrução da nova realidade, após a perda.

Na família-base, o pedido era para a mãe, que não percebia a importância da questão relacional, o que só conseguiu fazer no decorrer do atendimento. Inicialmente, trouxe a queixa de dificuldades com uma abrangência quase que exclusivamente afetivo-emocional.

Nas famílias A, B, C e D, que não buscaram ajuda associando o sintoma com a perda, muito do trabalho terapêutico foi feito nesse sentido, para obter o envolvimento de todos e "traduzir" o sintoma nessa nova forma de compreendê-lo. Na família B, embora o encaminhamento inicial tivesse sido feito pela fonoaudióloga que atendia Fo (5), que entendeu o problema de forma sistêmica, M teve muita dificuldade em aceitar a proposta. Na família D, principalmente devido ao grande segredo que cercava a morte dos dois bebês, M elegeu Fa(10) como paciente identificado e, também neste caso, foi necessário um grande cuidado para sensibilizá-la e envolver os demais membros da família.

A questão do "paciente identificado", se em outras formas de disfuncionamento familiar, já é de difícil abordagem, porém fundamental para a definição do campo de trabalho terapêutico, no caso do lu-

to familiar traz um complicador adicional, que é exatamente o que vem sendo aqui apontado: a dificuldade em entender o luto no âmbito relacional e sob as diversas faces com que se apresenta.

1.3- Resultados obtidos quanto a mudanças nos sintomas

Os resultados mostraram-se mais positivos quanto aos âmbitos afetivo, comportamental e das atitudes em relação ao morto e ao ambiente. Nas seis famílias, não houve queixa somática trazida como prioritária, embora na família-base e na A, respectivamente M e P tenham falado a respeito de dificuldades no sono e na digestão.

Na família-base, M refere sensível diminuição na frequência com se sentia triste, com medo de não aguentar a ausência, "desesperada", em sua palavra. Também quanto a culpa e raiva, passada a fase crítica em que esses sentimentos se agudizaram, ela pode contextualizá-los, o que fez com que passasse a buscar situações de prazer no contacto com outras pessoas. No início da terapia, ainda procurava comportamento de procura de P, que via com frequência em homens que se assemelhassem fisicamente a ele. Por volta da quinta sessão, não mais falou a respeito disso. A auto-estima rebaixada em função da relação estabelecida com P, que abafou sua potencialidade, foi revista, fazendo com que percebesse melhor seus limites e potencialidades e fosse em busca de soluções para as condições que não lhe eram favoráveis, notadamente no campo profissional. O reflexo no âmbito relacional fez com que Fa e Fo tivessem que mudar a maneira de se relacionar com ela, consequentemente provocando mudanças no caráter geral da relação familiar.

Na família B, embora a queixa principal fosse a dificuldade de

Fo (5) na aquisição da fala, havia também a queixa de deterioração cognitiva de Fo (9), com grande dificuldade de aprendizagem. Como este atendimento foi interrompido após a quinta sessão, não foi possível dar prosseguimento ao trabalho sobre esses pontos.

No caso da família C, a mudança fundamental se deu quanto às atitudes de Fo (14) em relação a si e ao ambiente, assim que a família se dispôs a lhe contar o que sabia sobre as condições da morte de M. Este momento foi um "divisor de águas", pois significou a destruição do mito que mantinha o sistema imune às transformações e permitiu também a abertura do campo para a realização do ritual, com importantes efeitos terapêuticos.

Na família D, ficou muito claro o impacto relacional quando a queixa (dificuldades de relacionamento entre M e Fa) foram trabalhadas. O segredo desvendado permitiu que, em lugar do que não era sabido, se desse a comunicação, atingindo não apenas M e Fa, como os outros filhos e, embora em menor escala, também P.

Quanto à família E, embora também tenha ocorrido interrupção no atendimento, esta pode ser entendida sob um ângulo positivo, uma vez que significou, por parte de M, a aceitação da morte de Fo (11 dias) e a inadequação da tentativa de substituí-lo pelo outro bebê que esperava. Cuidar de si e se aceitar como alguém que precisava de cuidados foram os pontos mais importantes para M reconhecer consigo e com o sistema. As soluções por ela adotadas mostram esse reconhecimento.

1.4- Avaliação quanto aos fatores de risco

A partir da literatura, as famílias foram avaliadas quanto aos fatores de risco de um mau resultado na elaboração do luto. As famílias assim se apresentaram quanto a esses fatores:

FAMILIA	FATORES DE RISCO
base	morte repentina, prematura, sem informações adequadas sobre diagnóstico e prognóstico; relação de amvalência e dependência entre M e P. M com auto-estima rebaixada; família super-ritualizada; momento de novas separações no ciclo vital (adolescência dos filhos).
A	morte prematura, após longo período de doença; relação de dependência entre M e P; filhos pequenos; rigidez no sistema.
B	morte violenta, prematura; relação de ambivalência entre P e M; gravidez de M; pouco suporte social; filhos com comportamento traumatizado.

famílias, havia crianças pequenas (ou, no máximo, pré-adolescentes) , o que acarreta maiores dificuldades para o pai ou mãe sobrevivente. Neste caso, o impacto maior esteve com a mãe da família B, que se viu viúva, em final de gravidez, com dois filhos pequenos e traumatizados pela violência da morte do pai. Mesmo com todos estes complicadores, não foram eles que, ao comporem o quadro de luto patológico, provocaram a interrupção da terapia e sim, a qualidade da relação entre P e M, que, quando evidenciada, tornou intolerável para M a aceitação do alívio pela morte de P.

A avaliação dos fatores de risco é considerada fundamental por A., não somente para identificar a necessidade de atendimento, mas também para dar a ele (seja em forma de aconselhamento ou terapia) os pontos indicadores quanto ao procedimento e à técnica.

1.5- Uso de rituais

Considerando-se os objetivos da utilização de rituais para a terapia familiar do luto, o presente trabalho permitiu a verificação de alguns pontos conclusivos.

A família-base já era super-ritualizada anteriormente à morte de P, enquanto que M, por sua vez, manteve a super-ritualização como uma forma de negação da realidade da perda, assim não permitindo a flexibilidade diante dela. O paradoxal é que, embora M apresentasse alguns comportamentos adequados em resposta à necessidade de mudança e de adaptação à realidade, fazia-o com muito sofrimento, exatamente por se utilizar da super-ritualização. Assim sendo, o recurso transformador

do ritual sofreu obstáculo em sua função de transformação, enquanto que as de familiarização e repetição eram intensificadas. Foi este o motivo que obrigou a uma mudança na proposta inicial; assim sendo, o trabalho foi realizado no sentido de neutralizar o efeito da super-ritualização, para permitir a transformação.

Além deste aspecto, também a questão cultural foi considerada na utilização de rituais para terapia familiar do luto. Embora existam diferentes rituais, com diferentes significados, para diferentes culturas, esta diversidade não invalida o recurso, porque o ritual só terá verdadeiramente efeito, se estiver contextualizada no sistema de crenças daquela dada família e responder às suas necessidades de transformação. Portanto, a A. concluiu que o emprego de rituais para a terapia do luto familiar independe das diferenças culturais, mas deve estar totalmente fundamentado nessas diferenças e especificidades.

Nas famílias estudadas no presente trabalho, os rituais utilizados tiveram, na maioria, um enquadramento religioso quanto ao formato que a família lhes deu (enterro simbólico para a família D e celebração de missa de despedida para as famílias D e base), o que não é surpreendente, se for levada em conta a força que a religião e as crenças religiosas exercem, quando se trata de situar uma morte no âmbito comportamental. A família A teve, porém um ritual de cunho não religioso (fazer um álbum de fotografias com as lembranças de M), pois o ponto a ser trabalhado dizia respeito à rigidez do sistema em lidar com as memórias, sem poder dar a elas o lugar devido, para também situá-las num tempo devido, retirando-as do presente.

Em resumo, a A. concluiu que a utilização de rituais para a terapia do luto familiar exige critérios rigorosos, para evitar efeitos contrários aos desejados. Em particular no caso de famílias que já eram super-ritualizadas antes da morte e intensificaram essa característica até que tivessem entrado em terapia, o trabalho deve objetivar o contrário: tornar flexível o sistema, neutralizando o recurso dos rituais que obstaculizam a transformação.

1.6- Atuação do psicoterapeuta

Os três momentos que marcam a psicoterapia do luto familiar - demarcação, externalização e reorganização - puderam ser identificados nas famílias base, A, C e D. Na família B, a interrupção se deu exatamente na entrada na fase de externalização, quando M não suportou evidências de sua ambivalência em relação à morte de P. Na família E, quando M decide fazer o repouso recomendado, para não perder mais aquele filho, estava também entrando na fase de externalização.

Esse movimento, como A. verificou, não se dá automaticamente, embora tenha notado uma tendência nesse sentido, por parte das famílias estudadas. É possível afirmar que essa tendência repete o padrão das fases de elaboração do luto, assim entendidas:

* demarcação: entrada e saída da fase de entorpecimento; estabelecimento dos contornos da situação de perda.

* externalização: sucedem-se as fases de anseio-protesto e desespero. É um momento muito delicado, pelo quê provoca em uma situação familiar que muitas vezes podia parecer equilibrada.

* reorganização: é a fase final, na qual ocorrem recuperação e restituição, ou seja: o sistema encontra um modo de funcionamento que reconhece as perdas e identifica novas possibilidades.

O papel do terapeuta é, então, permitir que esse percurso se dê, auxiliando o sistema familiar a identificar seus recursos. A A. concluiu que esse papel requer verdadeiramente a atitude de "delicada firmeza" sugerida por COOKLIN (1990), mas vai além, abrangendo um ponto que não foi explorado na literatura: as vivências de luto do terapeuta ao trabalhar os lutos da família e ao dela se separar, quando o atendimento é considerado encerrado ou quando é interrompido.

A interrupção da terapia, como no caso da família B, podem provocar no terapeuta uma reação semelhante à provocada por uma morte repentina: grande dificuldade de aceitação e de adaptação à nova realidade. Especificamente no exemplo citado, as tentativas de contato e reinício do processo talvez tenham ido além do adequado, em face das necessidades da família. A justificativa está na tentativa de A. - no papel de terapeuta - de negar a interrupção, ou seja, a morte.

Uma conclusão a que a A. chegou é que, qualquer que seja a condição de luto num dado sistema familiar, o terapeuta é participante desse sistema e, conseqüentemente, sofre as ressonâncias a partir dele. Além disso, tem seus lutos pessoais que servirão de indicadores a respeito do grau de participação que poderá ter com cada sistema familiar, em suas peculiaridades. Não se trata de dar ao terapeuta a possibilidade de ser auto-referente e sim, de respeitar nele as experiências que lhe permitiram amadurecer como pessoa e se desenvolver como profissional.

Assim sendo, a atuação do terapeuta, segundo conclui a A., deve se pautar pelo domínio da técnica, reconhecimento de sua participação no sistema familiar e pela vivência pessoal de seus próprios lutos, de maneira a fazer deles instrumentos úteis na prática terapêutica.

2- A teoria como fundamento para a prática terapêutica

Do ponto de vista do luto individual, a literatura está muito bem fundamentada para permitir a prática terapêutica, como pode ser verificado no presente trabalho (Capítulo II, pp.12-72). No entanto, quanto ao luto familiar, há um número bem mais reduzido de elementos teóricos (pp.73-85), o que, em si, já revela uma posição dos pesquisadores acerca do tema do luto, visto muito mais como uma questão colocada no âmbito das experiências individuais e não das familiares.

Como o objetivo do trabalho implicava na inter-relação dos dois âmbitos, a A. viu-se obrigada a identificar os elementos da literatura que dessem subsídios para esse objetivo e abrissem a possibilidade para desenvolver sua própria pesquisa, nesta área de interesse.

Os recursos de avaliação utilizados (pp.141-144) permitiram a abordagem individual e a familiar e foram, então, considerados marcos de referência durante e ao final do processo terapêutico. Particularmente a descrição dos três tipos de luto patológico, como apresentada por PARKES (1965) foi útil para a avaliação das necessidades de intervenção, fosse ela em forma de aconselhamento ou psicoterapia breve.

Igualmente importantes foram os roteiros de McGOLDRICK (1991) e WALSH e McGOLDRICK (1991), para avaliação da condição familiar, na especificidade da crise do luto, uma vez que a A., conhecendo essa especificidade, admitiu que os métodos usuais de avaliação familiar não se aplicavam.

A partir de sua experiência e com base na literatura (BOWLBY, 1978a, 1978b, 1981; PARKES, 1965, 1970, 1982), a A. observou que ocorrem os mesmos sintomas somáticos na criança que vive a privação emocional e no indivíduo adulto enlutado. Outro ponto coincidente está na relação com o meio, com a tendência ao afastamento e ao isolamento social. A depressão emocional trazendo a suscetibilidade a doenças também está presente.

Nas famílias estudadas no presente trabalho, a A. verificou, tanto nos passos iniciais da avaliação como no decorrer do atendimento, uma confirmação do que a literatura já vinha apontando: famílias estruturadas mais rigidamente, com pouca flexibilidade na comunicação, apresentam maior dificuldade em realizar as tarefas de adaptação. Ou seja: assumirem a nova estrutura do sistema, com a falta de um membro, persistindo na estrutura anterior à falta. Também os fatores adaptativos foram considerados, enquanto abrindo espaço para intervenções de caráter sistêmico, não apenas de natureza supra-individual, mas também individual, de maneira a permitir o impacto que cada uma das vivências individuais exercia na mudança grupal, pelas inter-relações que acontecem no sistema. Na família A, este ponto ficou particularmente claro quanto a essa questão.

Quanto à prática terapêutica, a A. por vezes se sentia trilhando caminhos cheios de encruzilhadas e desvios, pela tentativa de aplicar uma técnica sistêmica, relacional, contextualizada, ainda quando trabalhando com uma única pessoa. Nesta área, a literatura também forneceu importantes fundamentos teóricos que permitiram a ampliação proposta. O que não foi verificado na pesquisa teórica esteve contido nos pressupostos do presente trabalho: a terapia da família enlutada deve levar em conta a relação entre o impacto individual e grupal, na medida em que é da análise das diferenças entre as reações dos membros do grupo que se extraem os elementos positivos das reações da família.

Uma lacuna notada pela A. está no número reduzido de pesquisadores brasileiros envolvidos com a questão, de maneira que pudessem fornecer norteadores à prática voltada para a realidade brasileira, como já havia apontado anteriormente (BROMBERG, 1991 e 1992). Esta constatação não significa que este trabalho deveria ter sido feito de maneira diferente ou que suas conclusões não sejam válidas e sim, que em seu percurso, a A. deparou-se, em vários momentos, com dúvidas quanto às possíveis diferenças culturais. Empírica e não sistematicamente, é possível afirmar que os resultados de pesquisa, mesmo quando obtidos em outras culturas, respaldaram a ação terapêutica com razoável margem de segurança.

A A. conclui que o desinteresse dos pesquisadores brasileiros por questões de morte e luto está calcado na crença de que as consequências do luto são um problema inevitável e suportável, considerando-as apenas em uma visão a curto prazo, desconsiderando as consequências

psico-sociais de longo prazo, como problemas psiquiátricos, aumento de frequência às consultas médicas por doenças psicossomáticas, dificuldades de aprendizagem e outros. Uma explicação para esse fato, segundo a A., está na questão da recente dessacralização do tema da morte, permitindo que seja vista, então, como objeto de estudo da Ciência. Como no Brasil a orientação religiosa é forte, mesmo que seja considerada a diversidade entre as religiões que pautam grande parte do universo de crenças do brasileiro, tal avanço da Ciência tem que passar pela barreira rígida dessa orientação, que atua, portanto, como um obstáculo.

Uma outra razão que pode explicar esse interesse, segundo conclui a A., está contida na própria história de vida e morte, dentro da História do Brasil. Comparando-se com os países que se ocupam de estudar a morte e as consequências do luto sobre a população, vê-se que são países que passaram por experiências maciças de morte, como as duas guerras mundiais, catástrofes, elevado risco de ataques terroristas. No Brasil, esse tipo de experiência não faz parte das possibilidades quotidianas, quando comparadas com outros países, não gerando preocupação dos pesquisadores para a importância do tema.

3- Abertura a outras áreas de pesquisa e atuação

A partir do que foi levantado no ponto precedente, há possibilidade de replicação de pesquisas quantitativas e qualitativas, como aquelas que caracterizam amostras de enlutados quanto aos fatores de risco (STROEBE e STROEBE, 1987; LINDEMANN, 1944; PARKES, 1964a, 1986, 1990),

utilizando amostra brasileira.

Uma questão resultante desta pesquisa diz respeito à possibilidade de trabalhar de maneira semelhante àquela que foi aqui empregada, com famílias intactas, porém que tenham sofrido outro tipo de perda, como: perda de função sensorial de um dos membros; perda de recursos financeiros, como consequência de desemprego; ou com famílias que apresentam luto indefinido, por situações como: desaparecimento (por perseguições políticas, ou mesmo sem esta conotação), sequestro sem resgate, morte em catástrofe. Na opinião da A., estas situações criam reações de luto patológico que também atingem cada um e todos do sistema familiar e trazem consigo necessidades que não se assemelham totalmente às mencionadas neste trabalho.

Mais particularmente no caso de luto indefinido, quando não há o cadáver de forma a permitir a prova de realidade, o risco de instalação de luto patológico é muito grave. Os problemas gerados pela violência urbana têm aumentado, o que obriga o pesquisador a trabalhar em áreas até recentemente não abordadas, como uma resposta da Ciência aos problemas sociais.

4- Questões de prevenção

Como abordado neste trabalho (pp.22-43 e 86-101), a terapia da família enlutada previne o surgimento de consequências até trigeracionais, além dos efeitos na saúde, rendimento escolar e profissional. Este é, no entanto, um aspecto de prevenção secundária, decorrente da ação terapêutica.

Considerando-se as possibilidades de prevenção primária ao luto patológico, a experiência deste trabalho apontou os seguintes aspectos, como fruto de reflexão da A.:

* Se a morte é tida como um grande tabu no século XX, semelhante ao tabu sexual no século XIX, trazê-la mais próxima ao campo das experiências inerentes à condição humana é tarefa ampla, envolvendo inúmeras áreas do conhecimento, não apenas a Psicologia. Não se trata de banalizá-la, mas de permitir que o ser humano a inclua em seu projeto de vida.

* A conceituação que a criança faz da morte está estritamente vinculada ao seu desenvolvimento psíquico e não há razão ou necessidade para que esse processo seja alterado. No entanto, por que privá-la de experimentar situações de perda que ocorrem diariamente? Não se trata de cultuar a morte e sim, de aprender a identificá-la em suas múltiplas faces. Quando diante de uma ameaça objetiva por morte de alguém significativo, a contextualização de suas reações um recurso preventivo de muita valia.

* A comunicação médico-paciente-família do paciente é um campo no qual podem ser encontrados elementos facilitadores ou complicadores do luto. É muito frequente, na experiência da A., ouvir queixas de familiares sobre diagnósticos comunicados de forma pouco compreensiva, informações vagas sobre o estado do paciente ou insensibilidade dos médicos no contacto com os familiares e paciente, principalmente no que se refere à comunicação da notícia de morte. No presente trabalho, as famílias A, E e base sofreram situações difíceis no contacto com

médicos, quanto à informações imprecisas sobre a gravidade do estado de saúde e modo de comunicação da morte.

Por outro lado, também os médicos e a equipe hospitalar referem dificuldades no contacto com o paciente e os familiares, principalmente no aspecto da comunicação, em forma e conteúdo. Esta dificuldade, na opinião da A., é originada em uma visão ao mesmo tempo ingênua e onipotente do médico, que se considera encarregado da missão de salvar vidas, muitas vezes desconsiderando os limites da Ciência e os seus próprios. Consequentemente, deparar-se com esses limites significa perceber seus verdadeiros contornos, como profissional e pessoa, de forma a poder entender a morte do paciente não como resultante de seu fracasso, incapacidade ou ignorância e sim, o único resultado possível naquelas circunstâncias, a despeito de seus esforços, experiência e conhecimento.

Uma medida preventiva é a implantação, nos currículos da faculdades de Medicina de um curso que abordasse a atitude do profissional diante da morte, à semelhança do seminário de KUBLER-ROSS (1989) nos Estados Unidos e de BLACK (1992) na Inglaterra. Estes seminários ou cursos não devem ser restritos aos estudantes de Medicina, mas também oferecidos a estudantes de outras áreas envolvidas com a Saúde: Enfermagem, Serviço Social, Psicologia.

* A implantação de hospitais para pacientes terminais, com a preocupação de fornecer cuidados paliativos e dar assistência à família, em uma situação de luto antecipatório, tem efeitos preventivos muito positivos, como é demonstrado pelos resultados obtidos na rede de

"hospices" existentes em vários países, como Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, Japão. Os profissionais são especialmente treinados para esse trabalho, que tem por princípio: não tentar prolongar a vida do doente e sim dar-lhe, e à família, mais vida nos dias que lhe restam.

Quando a A. teve oportunidade de conhecer o trabalho do St. Christopher's Hospice, em Londres, sob a direção do Dr. Parkes, concluiu que esta forma de atuação é preventiva, pois permite que as famílias sejam cuidadosamente acompanhadas, de maneira a identificar, muitas vezes em estado embrionário, o risco de instalação de luto patológico ou a existência de condições desfavoráveis a uma boa resolução do luto, como: pouco suporte social, relações conflituosas anteriores à morte e outras.

Da equipe de profissionais e pesquisadores do St. Christopher's Hospice, a A. utilizou muito do resultado de experiência, como, por exemplo, EARNSHAW-SMITH e YORKSTONE (1986), LATTENZI-LICHT (1989), LUGTON (1989), PARKES (1977, 1980), TATELBAUM (1989), YORKSTONE (1981). Como é um trabalho que vem sendo desenvolvido há aproximadamente quarenta anos, a experiência acumulada e revista ao longo do tempo permite uma credibilidade considerável.

* Quanto à atuação clínica preventiva, a experiência da A., somada à obtida com as reflexões sobre este trabalho, indica que a avaliação da família enlutada e a indicação para alguma forma de intervenção (seja ela em forma de aconselhamento ou psicoterapia) devem ocorrer aproxi

madamente um mês após a morte, nunca antes. Durante esse período de um mês, a família ainda conta com apoio social e afetivo, que passa a ser paulatinamente retirado, devolvendo-a para a realidade que talvez não possa ser enfrentada. Muito mais tarde, a partir de cinco anos da data da morte, há grande possibilidade de as reações e relações estabelecidas na família como sistema terem se cristalizado, se enrijecido, provocando muita dificuldade em lidar com o luto e suas consequências. Quanto ao impacto do fator tempo nas possibilidades de ação terapêutica, a A. ressalta que ele se dá, a despeito das condições de rigidez da família, no período anterior à morte.

* Há maneiras de se prever a possibilidade de eclosão de uma crise e a do luto, a partir dos achados de pesquisa como os indicadores de fatores de risco, é claramente previsível. Para que isso se dê, é necessário criar uma atitude de consideração por esses achados, permitir o acesso a eles, torná-los até conhecidos do grande público e, principalmente, estabelecer serviços de atenção ao enlutamento, antes e depois da perda. Se considerarmos que o Brasil tem tantas necessidades no campo da saúde básica ainda por atender, pode parecer superfluo falar em prevenção da crise do luto. No entanto, como é sabido que essa mesma crise tem repercussões secundárias na área da Saúde e da Educação, que acabam por onerar o Estado, em uma atuação que é de sua responsabilidade, talvez este argumento possa vir a ser considerado convincente. Se o presente trabalho puder contribuir, com suas reflexões e conclusões, nesse sentido, a A. se sentirá enormemente recompensada por seu esforço de pesquisa.

5- Conclusões finais

Ao término deste trabalho, a A. considera necessário ressaltar que as questões do enlutamento, na medida que afetam o comportamento da família, mudando o curso de seu ciclo vital com consequências negativas, devem ser avaliadas com extremo cuidado, para que possa ser delineada a intervenção necessária. Para isso, no entanto, é fundamental que exista antes uma atitude em relação ao luto, como fator precipitador de dificuldades sérias no funcionamento familiar e de reações individuais que afetam vários âmbitos, como o relacional, o somático, o cognitivo.

Se este trabalho tiver contribuído para criar essa atitude ou, ao menos para sensibilizar profissionais da área da saúde para a importância do luto e suas consequências, a A. considera-se recompensada pelo esforço de ter pesquisado um tema tão árduo mas que possa provocar mudanças no sentido de uma melhor qualidade de vida.

Naturalmente, esta pesquisa não esgota o tema, mesmo porque seu propósito não era esse, e sim, a abrangência das considerações do luto na família e os benefícios advindos de uma intervenção terapêutica sistêmica breve. Ao alertar para uma criteriosa utilização de rituais como instrumento terapêutico, a A. apresenta, portanto, uma conclusão que deverá nortear a ação terapêutica: o instrumento em si não é adequado; o que determinará essa adequação é o contexto de sua utilização. O que foi visto neste trabalho é que, para a família super-ritualizadas, o emprego de rituais não é indicado, pois essas famílias

tendem a usá-los desconsiderando a possibilidade de transformação, ficando apenas com o aspecto de repetição e, conseqüentemente, de manutenção do estabelecido.

A intervenção ecossistêmica utilizada no presente trabalho ressalta a importância de o terapeuta ser considerado um elemento pertencente ao sistema. Dessa forma, ao terapeuta não basta dominar a técnica, é preciso que tenha elaborado suas questões pessoais de luto, não para obter uma neutralidade ou imparcialidade que, além de utópicas, seriam até mesmo empobrecedoras no processo.



X - BIBLIOGRAFIA

- 1- ABERASTURY, A. La percepcion de la muerte en los niños, in ABERASTURY et al, La percepcion de la muerte en los niños. Buenos Aires, Kraigerman, 1978.
- 2- ABRAHAM, K. (1924) A short story of the development of the libido, in Selected papers in psycho-analysis. New York, Basic Books, 1953.
- 3- ANDERSON, C. Aspects of the pathological grief and mourning. International Journal of Psycho-Analysis. 30:48-55, 1949.
- 4- ARIES, Ph. O homem diante da morte. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- 5- BEAUVOIR, S. Uma morte muito suave. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- 6- BELLAK, L e SMALL, L. Emergency psychotherapy and brief psychotherapy. New York, Grune and Stratton, 1978.
- 7- BLACK, D. The bereaved child. J.Child Psychol.Psychiat.,19,287-292, 1978.
- 8- ----- Counselling bereaved children and their families. J.Inst.Healt Educ., vol.17, No.2, 1979.
- 9- ----- Bereaved children; family intervencion. Bereavement Care, 2:2, 1983.

- 10- BLACK, D. Life and death, in *The MacMillan Guide to Child Health*, London, MacMillan, 1986.
- 11- ----- Comunicações pessoais, The Royal Free Hospital, Londres, junho de 1992.
- 12- ----- Family intervention with families bereaved or about to be bereaved, in PAPADATOS, D e PAPADATOS, C. (ed.), *Children and death*, London, Hemisphere, 1991.
- 13- BLACK, D e URBANOWICZ, M.A. Bereaved children, family intervention, in STEVENSON, J.E. (ed.), *Recent research in developmental psychopathology*, Oxford, Pergamon, 1985.
- 14- BOURNE, S. The psychological effects of stillbirths on women and their doctors. *Journal of the Royal College of General Practitioners*, 16:103-112, 1968.
- 15- BOURNE, S. e LEWIS, E. Pregnancy after stillbirth or neonatal death; psychological uses and management. *The Lancet*, July, 1984.
- 16- BOWEN, M. Family reaction to death, in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. *Living beyond loss; death in the family*. New York, W.W. Norton & Co., 1991.
- 17- BOWLBY, J. Separation anxiety. *International Journal of Psychoanalysis*, 41:89-113, 1960.
- 18- ----- Attachment, in *Attachment and loss*, vol.1, Harmondsworth, Penguin Books, 1978a.

- 19- ----- Separation: anxiety and anger, in Attachment and loss, vol.2, Harmondsworth, Penguin Books, 1978b.
- 20- BOWLBY, J. The making and breaking of affectional bonds. London, Tavistock, 1979.
- 21- ----- Loss: sadness and depression, in Attachment and loss, vol.3, Harmondsworth, Penguin Books, 1981.
- 22- BOWLBY, J. e PARKES, C.M. Separation and loss in the child and his family, in ANTHONY, E.J. e KOUPERNIK, C. (ed.), International year-book of child psychiatry and allied professions, vol.1. New York, John Willey, 1970.
- 23- BOWLING, A e CARTWRIGTH, A. Life after a death: study of early widowed. London, Tavistock Publications, 1982.
- 24- BREUER, J. e FREUD, S. Studies on hysteria, in The Complete Works, vol 3, Harmondsworth, Penguin Books, 1980.
- 25- BROMBERG, M.H. Brief psychotherapy for the family crises: the pathological mourning. Trabalho apresentado no III Congresso Mundial de Terapia Familiar, em Jyvaskyla, Finlândia, 5 de junho de 1991.
- 26- BROMBERG, M.H. Intervenção psicológica para a crise do luto familiar. Trabalho apresentado na 44a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Universidade de São Paulo, 16 de julho de 1992.

- 27- BUDMAN, S.H. e GURMAN, A.S. Theory and practice of brief therapy. London Hutchinson, 1988.
- 28- BYNG-HALL, J. Family scripts and loss, in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. Living beyond loss; death in the family, New York, W.W. Norton & Co., 1991.
- 29- CLAYTON, P. The effect of living alone on bereavement symptoms. American Journal of Psychiatry, 132:2, 133-137, 1975.
- 30- CLAYTON, P. et al. A study of normal bereavement. American Journal of Psychiatry, 125:2, 168-178, 1968.
- 31- CLAYTON, P.J., HALIKAS, J.A., MAURICE, W.L. The bereavement of the widowed. Diseases of the Nervous System. 32:597-604, 1971.
- 32- CLAYTON, P.J., HALIKAS, J.A., MAURICE, W.L. The depression of widowhood. Brit. Journal of Psychiatry. 100, 71-78, 1972.
- 33- CLAYTON, P.J. et al, Antecipatory grief and widowhood. Brit. Journal of Psychiatry, 122, 47-51, 1973.
- 34- COOKLIN, A.I. "Delicada firmeza" ante el sufrimiento: una guia para el terapeuta familiar. Sistemas Familiares, Año 6, No.2, agosto, 1990.
- 35- de SHAZER, S. Pautas de terapia familiar breve: un enfoque ecosistémico. Barcelona, Paidós, 1989.
- 36- DEUTSCH, H. Absence of grief. Psycho-Analytic Quarterly. 6:12-22, 1937.

- 37- DICKS, H.V. Marital tensions; clinical studies toward a theory of interaction. London, Routledge and Kegan Paul, 1973.
- 38- EARNSHAW-SMITH, E. e YORKSTONE, P. Setting up and running a bereavement service. Orpington, Bishop & Sons, 1986.
- 39- EGAN, G. The skilled helper: a model for systematic helping and interpersonal relating. Monterey, Books/Cole, 1981, apud LUGTON, J., 1989.
- 40- ELIZUR, E. e KAFFMAN, M. Children's bereaved reaction. Child Psychiatry, 21, 5:474-480, 1982.
- 41- ENGEL, G.L. Is grief a disease? A challenge for medical research. Psychosomatic Medicine, vol.23, No.1, 1961.
- 42- FIGLEY, C.R. From victim to survivor: social responsibility in the wake of catastrophe, in FIGLEY, C.R. (ed.), Trauma and its wake, New York, Brunner-Mazel, 1985.
- 43- FIORINI, H.J. Teoria e técnicas de psicoterapias. Rio de Janeiro, Franscisco Alves, 1978.
- 44- FREUD, S. Thoughts for the times of war and death (1915), in The Complete Works, vol.14, London, Hogarth, 1981.
- 45- ----- Mourning and melancholia, in On Methapsychology: the theory of Psycho-analysis. Harmondsworth, Penguin Books, 1984.
- 46- FULTON, R.L. Death and social values, in FULTON, R.L. (ed.) Death and Identity. New York, John Whiley & Sons, 1965.

- 47- GARCIA-PRETO, N. Puerto Rican families, in McGOLDRICK, M. et al, Mourning in different cultures, in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. Living beyond loss; death in the family. New York, W.W. Norton & Co., 1991.
- 48- GERBER, I. Bereavement and the acceptance of professional service, in BARTEN, H.H. Brief Therapies, New York, Behavioral Publications, 1971.
- 49- GILBERT, P. A guide to positive retirement. London, Graffon Books, 1988.
- 50- GORER, G. Death, grief and mourning in contemporary Britain. London, The Crescent Press, 1965.
- 51- HAASL, B. E MARNOCHA, J. Bereavement support group program for children. Lancaster, Gazelle Book Services, 1990.
- 52- HILL, S. Twelve-hour psychotherapy. Canadian Nurse, 72, 30-34, 1976.
- 53- HINES, P.M. Death and african-american culture, in McGoldrick et al. Mourning in different cultures, in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. Living beyond loss; death in the family. New York, W.W.Norton & Co., 1991.
- 54- HOLMES, T.H. e RAHE, R.H. The social adjustment rating scale. Journal of Psychosomatic Research, 11, 213-18, 1967.

- 55- HYMAN, H.H. Of time and widowhood; nationwide studies of enduring effects. Durham, Duke Press, 1983.
- 56- IMBER-BLACK, E. Rituals and the healing process, in WALSH, F. e MCGOLDRICK, M. Living beyond loss; death in the family. New York, W.W.Norton & Co., 1991.
- 57- JACKSON, E.N. Grief and religion, in FEIFEL, H. (ed.) The meaning of death. New York, McGraw-Hill, 1965.
- 58- KAFFMAN, M. e ELIZUR, E. Children bereavement reaction following death of the father. International Journal of Family Therapy, 1:3, 203-229, 1979.
- 59- KAPLAN, D., GROBSTEIN, R. e SMITH, A. Predicting the impact of severe illness in families. Health and Social Work, 171-182, 1976, apud WALSH, F. e MCGOLDRICK, M., 1988.
- 60- KLEIN, M. Mourning and its relationship to maniac-depressive states. International Journal of Psycho-Analysis, 21: 125-153, 1940.
- 61- KNOBEL, M. Psicoterapia breve. São Paulo, EPU, 1986.
- 62- KRAUS, A.S. e LILIENFELD, A.N. Effects of widowhood. Journal of Chronical Diseases, apud PARKES, C.M. (1964a).
- 63- KRUPP, G.R. Identification as a defence against anxiety in coping with loss. International Journal of Psycho-Analysis. 46:303-314, 1965.

- 64- KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- 65- LANGSLEY, D.G., PITTMAN III, F.S., MACHOTKA, P. e FLOMENHAFT, K. La terapia de la crisis familiar: resultados y implicaciones, in ACKERMAN, N.W. *Grupoterapia de la familia*. Buenos Aires, Paidós, 1981.
- 66- LATTENZI-LICHT, M.E. Bereavement services: practice and problems. *The Hospice Journal*, 5:1-28, 1989.
- 67- LEWIS, E. e BOURNE, S. Perinatal death. *Bailliere's Clinical Obstetrics and Gynaecology*, vol.3, No.4, dezembro/1989.
- 68- LEWIS, E. e BRIAN, E. Management of perinatal loss of a twin. *British Medical Journal*, 297:1321-1323, 1988.
- 69- LEWIS, E. e CASEMENT, P. The inhibition of mourning by pregnancy: a case study. *Psychoanalytic Psychotherapy*, vol.2, No.1, 45-52, 1986.
- 70- LEWIS, E. e PAGE, A. Failure to mourning a stillbirth: an overlooked catastrophe. *British Journal of Medical Psychology*. 51:237-241, 1978.
- 71- LINDEMANN, C. The symptomatology and management of acute grief. *American Journal of Psychiatry*, 101:141-149, 1944.
- 72- LUGTON, J. *Communicating with dying people and their relatives*. London, Austen Cornish Publishers, 1989.

- 73- LUNDIN, T. Morbidity following sudden and unexpected bereavement. *British Journal of Psychiatry*, 144:84-89, 1984.
- 74- McGOLDRICK, M. Echoes from the past: helping families mourn their losses in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. *Living beyond loss; death in the family*. New York, W. Norton & Co., 1991.
- 75- McGOLDRICK, M. et al. Mourning in different cultures in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. *Living beyond loss; death in the family*. New York, W.W. Norton & Co., 1991.
- 76- MADDISON, D.C. e VIOLA, A. The health of widows in the year following bereavement. *Journal of Psychosomatic Research*, 12:197-306, 1968.
- 77- MADDISON, D.C. e WALKER, W.L. Factors affecting the outcome of conjugal bereavement. *British Journal of Psychiatry*, 113:1057-1067, 1967.
- 78- MANDELBAUM, D.G. Social uses of funeral rites, in FEIFEL, H. (ed.), *The meaning of death*, New York, McGraw-Hill, 1965.
- 79- MANN, J. The core of time-limited psychotherapy: time and the central issue, in BUDSMAN, H. *Forms of Brief Therapy*. New York, Guilford Press, 1981.
- 80- MARRIS, P. *Widows and their families*. London, Routledge & Kegan Paul, 1958.
- 81- MEYER, L. *Familia: dinâmica e terapia*. São Paulo, Brasiliense,

1987.

- 82- MEYER, R. e LEWIS, E. The impact of stillbirth on a marriage. *Journal of Family Therapy*, 1:361-369, 1979.
- 83- MORRISON, J.K. Successful grieving: changing personal constructs through mental imagery. *Journal of Mental Imagery*, 2:63-68, 1978.
- 84- NAGY, M.H. The child's view of death, in FEIFEL, H. (ed.) *The meaning of death*. New York, McGraw-Hill, 1965.
- 85- PARKES, C.M. Effects of bereavement on physical and mental health; a study of the medical records of widows. *British Medical Journal*, 2:274- 279, 1964a.
- 86- ----- Recent bereavement as a cause of mental illness. *British Journal of Psychiatry*, 110:198-204, 1964b.
- 87- ----- Bereavement and mental illness. *British Journal of Medical Psychology*, 38:126, 1965.
- 88- ----- "Broken heart", a statistical study of increased mortality among widowers. *British Medical Journal*, 1:740-743, 1969.
- 89- ----- The first year of bereavement; a longitudinal study of the reaction of London widows to the death of their husbands. *Psychiatry*, vol. 33, No.4, 444-677, 1970.
- 90- ----- Evaluation of the family care in terminal illness, in PRITCHARD, E.R., COLLARD, J., ORCUTT, B.A., KUTCHNER, A.H., FREELAND, I. e LEJKOTZ, L. (eds.) *Social work with the dying pa-*

tient and the family. New York, Columbia University Press, 1977.

- 91- ----- Bereavement counselling: does it work? British Medical Journal, 281: 3-6, 1980.
- 92- ----- The risk of suicide after bereavement. Bereavement Care, vol 1, No.1, 1982.
- 93- ----- Bereavement: studies of grief in adult life. London, Penguin Books, 1986.
- 94- ----- Risk factors in bereavement; implications for the prevention and treatment of pathological grief. Psychiatric Annals, (206), 308-313, 1990.
- 95- ----- Comunicação pessoal, St. Christopher's Hospice, Londres, 28/2/1991.
- 96- PARKES, C.M. e BROWN, R.S. Health after bereavement; a controlled study of young Boston widows and widowers. Psychosomatic Medicine, vol.4, No.5, 449-461, 1972.
- 97- PARKES, C.M. e WEISS, R.S. Recovery from bereavement. New York, Basic Books, 1983.
- 98- PINCUS, L. Death and the family; the importance of mourning. London, Faber & Faber, 1974.
- 99- PRO-AIM-Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade no Município de São Paulo. Boletins semestrais de 1991 e 1992.

- 100- RAPHAEL, B. The young child and the death of a parent, in PARKES, C.M. e STEVENSON-HINDE, J. (eds.), The place of attachment in human behaviour. London, Tavistock, 1982.
- 101- RAPHAEL, B. The anatomy of bereavement. New York, Basic Books, 1983.
- 102- REIS, J.J. A morte é uma festa. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- 103- ROBERTS, J. Setting the frame: definition, function and typology of rituals, in IMBER-BLACK, E., ROBERTS, J. e WHITING, R. (eds.) Rituals in families and family therapy. New York, W.W. Norton & Co., 1988.
- 104- ROSEN, E. Jewish families, in McGOLDRICK et al. Mourning in different cultures, in WALSH, F. e McGOLDRICK, M. Living beyond loss; death the family. New York, W.W. Norton & Co., 1991.
- 105- ROSEMBERG, M. Society and the adolescent self-image. Princeton, Princeton University Press, 1965.
- 106- ROSENBLATT, B. A young boy's reaction to the death of his sister: a report based on a brief psychotherapy. Journal of the American Academy of Child Psychiatry, 8:321-335, 1969.
- 107- SCHMALE, A.H. Relationship of separation to depression and disease. Psychosomatic Medicine, 20:259-277, 1958.
- 108- SCHMALE, A.H.J. e IKER, H.P. The effect of hopelessness and the

- development of cancer. *Psychosomatic Medicine*, 28:714-721, 1966.
- 109- SCHIFF, H.S. *The bereaved parent*. New York, Penguin Books, 1977, apud WALSH, F. e MCGOLDRICK, M., 1988.
- 110- SPITZ, R.A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- 111- STEIN, Z. e SUSSER, M.W. Widowhood and mental illness. *British Journal of Preventive and Social Medicine*, 23: 106-110, 1969.
- 112- STERN, K., WILLIAMS, A.G., PRADOS, M. Grief reactions in later life. *American Journal of Psychiatry*, 108: 289-296, 1951.
- 113- STRAKER, R.M. Brief psychotherapy in an outpatient clinic: evolution and evaluation. *American Journal of Psychiatry*, 124:1219-1226, 1968.
- 114- STRAUSS, A. *Chronic illness and the quality of life*. St. Louis, C.V.Mosby, 1975, apud WALSH, F. e MCGOLDRICK, M., 1988.
- 115- STROEBE, W. e STROEBE, M. *Bereavement and health; the psychological and physical consequences of partner loss*. Cambridge, Cambridge University, 1987.
- 116- SWENSON, W.M. Attitudes toward death among the aged, in FULTON, R.L. *Death and identity*. New York, John Wiley & Sons, 1965.
- 117- TATELBAUM, J. *The courage to grief*. London, Cedar Books, 1989.
- 118- VAN EERDEWEGH, M.M., BIERI, M.D., PARILLA, R.H. e CLAYTON, P.J.

- The bereaved child. *British Journal of Psychiatry*, 140:23-29, 1982.
- 119- VOLKAN, V. A study of a patient's "re-grief work" through dreams, psychological tests and psycho-analysis. *Psychiatric Quarterly*, 45: 255-273, 1971.
- 120- VOLKAN, V. et al "Re-grief" therapy and the function of the linking object as a key to stimulate emotionality, in OLSEN, P. (ed.) *Emotional Flooding*. New York, Behavioral Publications, 1975.
- 121- VOLKAN, V. e JOSEPHthal, D. Brief psychotherapy in pathological grief: re-grief therapy, in KARASU, T.B. e BELLAK, L. (eds.) *Special techniques in psychotherapy*. New York, International University Press, 1981.
- 122- VOLKAN, V. e SHOWALTER, C.R. Known object loss, disturbance in reality testing and "re-grief" work as a method of brief therapy. *Psychiatric Quarterly*, 42:358-374, 1968.
- 123- WALSH, F. e McGOLDRICK, M. Loss and the family life cycle, in FALICOV, C.J. *Family Transitions*. New York, The Guilford Press, 1988.
- 124- ----- Living beyond loss; death in the family. New York, W.W. Norton & Co., 1991.
- 125- WASS, H. Concept of death; a developmental perspective, in WASS, H. e CARR, S. (ed.) *Childhood and death*. Washington-DC, Hemi-

sphere, 1989.

- 126- WATZLAWICK, P. WEAKLAND, J.H., FISCH, R. Mudança; Princípios de formação e resolução de problemas. São Paulo, Cultrix, 1977.
- 127- WHITING, R.A. Guidelines to designing therapeutic rituals, in IMBER-BLACK, E., ROBERTS, J. e WHITING, R. A. (eds.) Rituals in families and family therapy. New York, W.W. Norton & Co, 1988.
- 128- YAMAMOTO, J., OKONOGI, K., IWASAKI, T. e YOSHIMURA, S. Mourning in Japan. American Journal of Psychiatry, 125, June, 1969.
- 129- YORKSTONE, R. Bereavement. British Medical Journal, 282:1224-1225, 1981.
- 130- YOSHIDA, E.M.P. Psicoterapias psicodinâmicas breves e critérios psicodiagnósticos. São Paulo, EPU, 1990.
- 131- ZIEGLER, J. Os vivos e a morte; uma "Sociologia da morte" no Ocidente e na diáspora africana no Brasil e seus mecanismos culturais. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.